



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Francisca Sandra de Sousa

**NARRAMOS O QUE SOMOS: HISTÓRIAS DE VIDA, SABERES DOCENTES E
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA VILA COMPRA FIADO, BREJO SANTO -
CEARÁ**

Orientadora: Prof^a.Dra. Francione Charapa Alves
Coorientadora: Prof.Dra. Cicera Sineide Dantas Rodrigues

CRATO - CEARÁ
2024

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Sousa, Francisca Sandra de

Sousa S725n Narramos o que somos: histórias de vida, saberes docentes e formação de professoras da Vila Compra Fiado, Brejo Santo - Ceará / Francisca Sandra de Sousa. Crato - CE, 2024.

118p. il.

Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Francione Charapa Alves

Coorientador(a): Prof.^a Dr.^a Cicera Sineide Dantas Rodrigues

1.Histórias de vida, 2.Saberes docentes, 3.Formação de professoras, 4.Comunidade Compra Fiado, 5.Educação; I.Título.

CDD: 300

FRANCISCA SANDRA DE SOUSA

NARRAMOS O QUE SOMOS: HISTÓRIAS DE VIDA, SABERES DOCENTES E
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA VILA COMPRA FIADO, BREJO SANTO-CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA) como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores, Currículo e Ensino.

Sublinha: Formação de Professores e Currículo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Francione Charapa Alves.

Coorientadora: Prof^a. Dra. Cicera Sineide Dantas Rodrigues.

FRANCISCA SANDRA DE SOUSA

NARRAMOS O QUE SOMOS: HISTÓRIAS DE VIDA, SABERES DOCENTES E
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA VILA COMPRA FIADO, BREJO SANTO-CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA) como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores, Currículo e Ensino.

Sublinha: Formação de Professores e Currículo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Francione Charapa Alves.

Coorientadora: Prof^a. Dra. Cicera Sineide Dantas Rodrigues.

Aprovada em: 02/03/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
FRANCIONE CHARAPA ALVES
Data: 04/03/2024 11:40:11 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof^a Dra. Francione Charapa Alves (Orientadora)

Universidade Federal do Cariri - UFCA

Documento assinado digitalmente
CICERA SINEIDE DANTAS RODRIGUES
Data: 04/03/2024 12:10:04 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof^a Dra. Cicera Sineide Dantas Rodrigues (Coorientadora)

Universidade Regional do Cariri - URCA

Documento assinado digitalmente
ISABELLE DE LUNA ALENCAR NORONHA
Data: 03/03/2024 23:02:13 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof^a Dra. Isabelle de Luna Alencar Noronha (Membro Interna)

Universidade Regional do Cariri - URCA

Documento assinado digitalmente
EUNICE ANDRADE DE OLIVEIRA MENEZES
Data: 03/03/2024 12:14:25 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof^a Dra. Eunice Andrade de Oliveira Menezes (Membro Externa)

Universidade Federal do Ceará - UFC

Dedico a minha mãe Zita e a meu pai Assis; à minhas irmãs e irmãos; ao meu esposo, filho e filha.

Dedico a quem construiu comigo a minha trajetória docente, seja no meio rural e comunitário, seja no meio profissional, acadêmico ou familiar; às amigas e amigos de aula, da vida e da profissão; às alunas e alunos que tive como professora.

Dedico também a cada professora cirandeira participante desta pesquisa: Sonia, Veridiane, Ilza, Iany, Tatá e Silvana, Mara e Juliana, e aos colaboradores dos encontros cirandeiros: Josemar, Sophia, Davi, Marcelo, Damião, Daniel, Maria Eduarda, Alice, Mariana, Zita, Assis e Alessandro.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida e por tudo que aprendo com o vivido e com cada pessoa que me rodeia.

À minha mãe e ao meu pai, Maria Zita dos Santos Sousa e Assis Braz de Souza, que tiveram a sabedoria de me deixar livre para buscar ser quem sou, mesmo com a minha ausência em diversos momentos da vida em família.

Às minhas irmãs e aos meus irmãos, Sonia, Fafá, Samuel, Everaldo e Edvanio, Também a Veridiane (irmã de leite) que são para mim, amor, cuidado, valor, amizade, alegria e cumplicidade.

Ao meu esposo Josemar, com quem aprendo cotidianamente a escutar e a ver o mundo e com quem divido o melhor da vida.

À minha filha Sophia e ao meu filho Davi, que ao nascerem trouxeram brilho intenso aos meus dias e tornaram minha vida melhor.

Às pessoas com quem convivi ao longo da vida em família, em espaços escolares e em comunidade na Vila Compra Fiado.

Às mestras narradoras que me proporcionaram abrir os olhos e ouvidos para a escuta das histórias que me rodeiam representadas aqui pela amiga Tâmara Bezerra, Josy Correa, Luciana Costa, Rebeca Baia, Beth Pacheco, Bete Gomes, Jucieuda, Vó Dasdores e minha mãe Zita, a primeira narradora de histórias de minha memória afetiva.

À URCA, por mediar minha caminhada para a docência e minha formação acadêmica até aqui. Aos professores que tive na trajetória escolar e na universidade, com quem aprendi a construir, sistematizar e esculpir minha prática docente.

Às minhas parceiras e parceiros do mestrado pelas trocas e aprendizados e por ser essa turma maravilhosa.

Às professoras cirandeiras da Vila Compra Fiado por seus saberes partilhados.

À minha orientadora, a Prof.^a Dra. Francione Charapa e coorientadora, Prof. Dra. Sineide Dantas, por me guiarem nesta pesquisa acadêmica.

E por fim, à banca examinadora pelas valiosas contribuições, nas pessoas da prof. Dra. Eunice Menezes e prof. Dra. Isabelle de Luna.

“Não se pode responder à pergunta sobre ‘quem sou eu’, sem se contar uma história sobre a própria vida.”

Jörn Rüsen

RESUMO

Em *Narramos o que somos: histórias de vida, saberes docentes e formação de professoras da Vila Compra Fiado, Brejo Santo-Ceará*, o objeto de estudo são os saberes docentes evidenciados nas histórias de vida de professoras que contribuem para a formação. Tem como objetivo geral compreender o processo de formação docente a partir de histórias de vida de professoras da Vila Compra Fiado, considerando os saberes docentes adquiridos em suas trajetórias. A pesquisa é do tipo qualitativa, que faz uso da abordagem (auto)biográfica em que a coleta das informações foi realizada por meio da escuta dos relatos de professoras da referida vila, a partir da participação em encontros denominados de *Cirandas de Saberes Docentes*, planejados para promover a partilha de histórias de vida que embasaram a escrita de biografias educativas, a análise de dados, a produção e a criação do documentário de narrativas docentes *Guardar o tempo*, contando as histórias de vida e formação das professoras cirandeiras. Delory-Momberger (2006), Tardif (2014), Freire (1967), Josso (2013), Passeggi (2011), Matias e Finger (2014), Freire (2019), Freitas, Martins, Freitas, Pereira e Alves (2021) foram referenciais que guiaram as reflexões desta pesquisa que é fonte para outros estudos de histórias de vida de professoras. narrativas autobiográficas das docentes possibilitaram a compreensão do processo de formação de cada professora cirandeira da Vila Compra Fiado, a partir das vivências e infâncias compartilhadas, da coletividade e experiência comunitária que tiveram no contexto de ruralidade, de alternância entre a roça e a escola que foram formando a identidade docente e compondo a atuação profissional de cada professora.

Palavras-chave: Histórias de vida. Saberes docentes. Formação de professoras. Comunidade Compra Fiado. Educação.

ABSTRACT

In *We narrate what we are: life stories, teaching knowledge and teacher training in Vila Compra Fiado, Brejo Santo-Ceará*, the object of study is the teaching knowledge evidenced in the life stories of teachers who contribute to training. Its general objective is to understand the teacher training process based on the life stories of teachers from Vila Compra Fiado, considering the teaching knowledge acquired in their careers. The research is of a qualitative type, which uses the (auto)biographical realized through the collection of information was carried out by listening to the reports of teachers from the aforementioned village, through participation in meetings called *Cirandas de Saberes Docentes*, planned to promote the sharing of life stories that supported the writing of educational biographies, data analysis, production and creation of the documentary on teaching narratives *Save time*, telling the life stories and training of cirandeira teachers. Delory-Momberger (2006), Tardif (2014), Freire (1967), Josso (2013), Passeggi (2011), Matias and Finger (2014), Freire (2019), Freitas, Martins, Freitas, Pereira and Alves (2021) were references that guided the reflections of this research, which is a source for other studies of teachers' life stories. The autobiographical narratives of the teachers made it possible to understand the training process of each cirandeira teacher at Vila Compra Fiado, based on shared experiences and childhoods, the collective and community experience they had in the context of rurality, alternating between the farm and the school they were forming the teaching identity and composing the professional performance of each teacher.

Keywords: Life stories. Teaching knowledge. Teacher training. Community Purchases on Credit. Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 Lignum vitae - minha jornada até aqui.....	14
1.2 Estado de conhecimento: na trilha das histórias de vida, dos saberes docentes e da formação de professoras em pesquisas acadêmicas no Ceará	22
2 METODOLOGIA: OS TRILHOS, A LOCOMOTIVA E AS ESTAÇÕES DO CAMINHO DA PESQUISA	28
2.1 A análise de conteúdo das narrativas (auto)biográficas	34
2.2 Guardar o tempo: um documentário das cirandas de saberes docentes e das histórias de vida narradas	35
3 REFERENCIAL TEÓRICO: OS SABERES DOCENTES QUE EMERGEM DAS HISTÓRIAS DE VIDA E NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS	40
3.1 Na trajetória, os saberes docentes	40
3.2 Na narrativa da travessia – a formação na perspectiva (auto)biográfica	41
3.3 O elo entre as histórias de vida, a biografia educativa e a formação docente	45
4 VAMOS CIRANDAR: HISTÓRIAS DE VIDA DAS PROFESSORAS DA VILA COMPRA FIADO	47
4.1 O território das cirandas	50
4.2 Cirandas de saberes docentes: desenrolando o fio do vivido	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS: COMPREENDENDO A COSTURA DAS HISTÓRIAS DE VIDA	83
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICES	88
ANEXOS	109

1 INTRODUÇÃO

Fazer uma narrativa de si é uma construção, um processo de autorreconhecimento, (auto)formação. O poder das narrativas é um tema muito discutido no Brasil e no mundo, assim como a polarização de ideias através das mídias sociais usadas como meio de disseminação de conhecimento. Esses discursos narrativos trazem à tona o perigo social de se considerar apenas um lado da história e de se ouvir as narrativas somente da perspectiva de quem ocupa espaços privilegiados. No Nordeste brasileiro, principalmente em cidades pequenas como Brejo Santo, cidade onde moro, que fica localizada no Cariri cearense, registros históricos e/ou biográficos carregam os sobrenomes das famílias tradicionais letradas e de berço e a força narrativa de quem tem mais poder econômico.

Historicamente, os registros de histórias de vida de pessoas que estão à margem, fora dos parâmetros anteriormente citados, aparecem em números bem reduzidos. A escrita da história nesses lugares, carrega o “azul” do sangue de quem tem mais dinheiro, o branco de quem exerce as profissões mais valorizadas e a invisibilidade de quem não tem sua história nem sua memória registrada, como a dos pobres e negros, principalmente, mulheres.

Em contraposição à complexidade de um contexto de desigualdade, exclusão, diferença, imposição e submissão de narrativas, colocando-me no papel de professora e atualmente, formadora de professores no município onde moro e também como pesquisadora e narradora urbana de histórias da tradição oral em minha comunidade, Compra Fiado, a pesquisa junto às docentes dessa comunidade rural, localizada no município de Brejo Santo, Ceará, tem como objeto de estudo os saberes docentes evidenciados nas histórias de vida de professoras da zona rural, que contribuem para a formação docente.

Pensar no que evidenciam as suas histórias de vida me fez dar os primeiros passos para chegar a essa pesquisa que tem como tema de investigação as histórias de vida, os saberes docentes e a formação de professoras da Vila Compra Fiado, Brejo Santo-Ceará, e tem como objetivo geral compreender a formação docente a partir de histórias de vida de professoras da Vila Compra Fiado, considerando os saberes docentes construídos em suas trajetórias formativas. O interesse de realizá-la surgiu da minha imersão pessoal no universo da formação para a narração oral de histórias de tradição, através da experiência de iniciar um grupo para recolha e registro das memórias da minha comunidade rural e ainda, da minha atuação profissional no campo da educação como professora e formadora de professores.

A partir disso, busco o alcance dos seguintes objetivos específicos: identificar os saberes e experiências do cotidiano das professoras da comunidade rural que foram significativos em

suas trajetórias formativas para a docência a partir de suas narrativas, entender as possíveis relações dos saberes docentes com o processo de formação docente, com a construção da identidade pessoal e profissional das professoras; e ainda, produzir um documentário com as histórias de vida das professoras da comunidade rural Compra Fiado na perspectiva da escuta, registro e socialização das narrativas de cada professora-cirandeira, a ser usado como mediação em processos formativos de professores, em outras pesquisas e para a compreensão da trajetória pessoal e profissional das professoras-cirandeiras.

Deste modo, reconhecendo a necessidade de escutar as histórias de vida das professoras dessa comunidade rural e contribuir com a história social do lugar, essa pesquisa buscou responder como questão central: o que as narrativas das histórias de vida das professoras da Vila Compra Fiado contam sobre os seus processos de formação docente? A partir dessa indagação, outras questões vêm à tona, com base em três grandes temas:

1º As histórias de vida das professoras:

Quem foram e quem são as professoras do Compra Fiado? Que aprendizagens escolhem contar em seus relatos de vida e trazer para a sua profissão (pessoas, lugares, espaços, experiências vividas no cotidiano da comunidade)?

2º Os saberes docentes:

O que são saberes docentes? Quais os saberes que constituem o ser professora e como esses saberes se formaram? Que saberes individuais e coletivos essas professoras do Compra Fiado carregam consigo para o cotidiano da sala de aula?

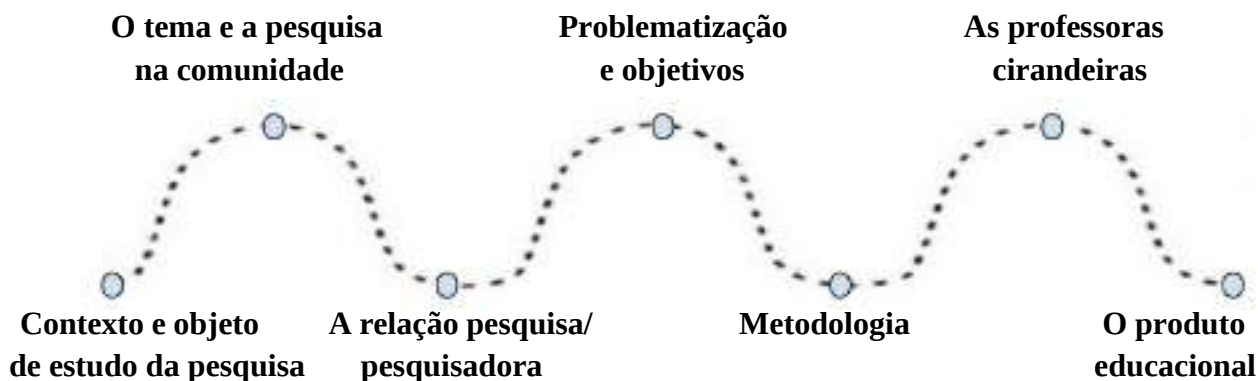
3º Formação na perspectiva (auto)biográfica:

O que é formação docente? O que a narrativa (auto)biográfica revela sobre como se tornaram professoras?

Sabemos que são inúmeras as questões a serem abordadas. Para isso, o estudo escutou e registrou as histórias de vida das professoras da comunidade rural Compra Fiado, em Brejo Santo, Ceará. Uma caminhada e uma trajetória composta por curvas, pedras, obstáculos, desvios e aprendizagens que lembram o leito de um rio, em cujas margens foram sendo colhidos elementos, acrescentados sentidos trazidos por seus afluentes formativos, aperfeiçoados os usos de instrumentos para aprofundar o nível da água, descartados ou destacados elementos para compor o curso da água, ou seja, a trajetória percorrida.

O caminho, nem sempre reto, exigiu percorrer e dar voltas em curvas e serras, subir e descer colinas, traçar novos rumos para seguir em frente. O desenho irregular da travessia foi feito a partir de toda uma experiência vivida e sentida. A trilha que segue, mostra a representação dessa trajetória:

Figura 1 – Representação do caminho da pesquisa



Fonte: A autora (2023)

Todo rio tem uma nascente e uma foz. O curso de seu leito se dá de acordo com a relação que é estabelecida entre o relevo, o clima, a vegetação e o território que ocupa. Semelhante a relação que uma pessoa estabelece com o seu lugar e com a sua história de vida. Também se deu assim comigo e essa pesquisa. Na comunidade rural, Compra Fiado, cresci vivenciando o coletivo. Aspecto que sustenta uma forte relação identitária pessoal e comunitária nesse lugar, e foi em meio ao isolamento provocado por uma pandemia mundial da COVID19¹ que a ideia deste estudo começou.

Em fevereiro de 2021, após quase um ano de isolamento social por conta da doença, idosos da comunidade manifestaram a preocupação com relação à experiência comunitária da vila, perder-se no tempo e não ser conhecida nem vivenciada pelas gerações mais jovens. Essa preocupação de preservar a experiência do coletivo, em prol da melhoria do lugar, provocou uma reunião com as pessoas da comunidade, organizada por Veridiane, uma professora moradora do lugar.

A roda de conversa aconteceu embaixo dos pés de jatobás, um conjunto de árvores bem antigas que é ponto de encontro ali e serviu para responder as perguntas: o que vocês acham que deve ser feito pela memória do nosso lugar? O que esse lugar representa para nós e o que merece ser documentado sobre ele? E todas as pessoas presentes, adultos e idosos relataram as experiências coletivas realizadas ali: as rodas de contar e ouvir histórias, as reuniões da associação comunitária, as festividades religiosas, as diversões e brincadeiras, as discussões sobre o futebol, o planejamento da lida na roça e, principalmente, a convivência.

¹ De acordo com a Biblioteca Virtual da Saúde, a Covid-19 é uma doença respiratória, provocada por um tipo de coronavírus que ainda não havia sido identificado em seres humanos. O vírus pode se propagar de pessoa para pessoa por meio de gotículas do nariz ou da boca que se espalham quando alguém doente tosse ou espirra.

Após a escuta das cinquenta e seis famílias e das lideranças comunitárias, foi iniciado um projeto para escuta, recolha e registro das memórias das pessoas e das vivências com a oralidade do lugar, a criação de um grupo de *Whatsapp*², ambos com o nome de Memórias do Compra Fiado, visando o reavivamento das experiências comunitárias. Os relatos das lembranças foram sendo acompanhados pelos moradores: “Oh tempo bom!”, “Naquele tempo era diferente”, “E na escola, minha gente? Como a gente dava valor à escola!” Conduzida pelo fio dessas vozes, como moradora e pesquisadora, percebi que muitas daquelas palavras eram ditas por professoras.

A partir das falas, lembrei de uma história que li, com o nome *De que cor é o vento?* (HERBAUTS, 2012). A história (ANEXO IV) conta que um menino cego sai caminhando a questionar qual é a cor do vento a quem encontra pela frente e as respostas que escuta estão relacionadas com o ambiente onde vivem e com os seus costumes, o que demonstra que cada pessoa tem um modo particular de ser, de viver no lugar ao qual pertence e de ver a si mesmo e ao outro.

E se fizermos uma pergunta parecida com essa, relacionada com a história da nossa vida? De que cor é a história de vida que carregamos? Entre lembranças e esquecimentos, selecionamos guardar o que nos marca, seja de modo emocional ou físico, de forma alegre ou triste, narramos o que lembramos, narramos o que somos.

Mas se o questionamento mudar para de que cor é a história da memória da nossa vida, eu digo que ela tem a cor de quem a guarda e registra. E registro, tem cor? Historicamente tem a cor do ter e do poder. A nossa história de vida precisa ser pintada com a nossa cor, precisa ter a cor da nossa cara, ter a nossa identidade como pessoa e como profissional e precisa ser contada por nós, professoras. Fazendo uma analogia da vida, com o curso do leito de um rio desconhecido a ser seguido, ou com a vida de uma árvore que é plantada, germina, cresce, fortalece as raízes e cria vínculos com o lugar e com os seres que lhe rodeiam, trago inicialmente a minha história de vida, o caminho trilhado na minha formação docente e a relação com esta pesquisa.

Viver na zona rural do Cariri cearense, conviver com pessoas que prezam pela coletividade e participar das vivências comunitárias cotidianas, ajudou-me nas relações sociais e interpessoais ao longo da vida. Ensinou-me a enxergar o que as pessoas têm de melhor e a valorizar o que as pessoas sabem fazer para contribuir em determinada situação. Esse é um dos

² A ideia de criar o grupo de *Whatsapp* teve influência da pandemia da COVID19 e foi um meio eficiente usado para conectar as pessoas da Vila Compra Fiado que estavam isoladas em casa, por conta da doença.

motivos para a escolha das professoras da Vila Compra Fiado como participantes dessa pesquisa sobre suas histórias de vida. Professoras com quem partilhei saberes, afetos e experiências.

O Compra Fiado é uma comunidade da oralidade e coletividade. Ao pesquisar as histórias de vida das professoras desse lugar, optei aqui por partir da escuta, por isso a escolha das histórias de vida, narradas em encontros para falar, ouvir e ser ouvida, relatar suas histórias, suas experiências individuais nesse lugar de coletividade e ao mesmo tempo, proporcionar fala, escuta e reflexão sobre como essas vivências repercutiram em sua trajetória de vida pessoal e profissional.

As professoras da Vila Compra Fiado foram ouvidas em encontros denominados de *Cirandas de Saberes Docentes*³ com a perspectiva de que os relatos ouvidos e narrados nas cirandas, empoderem as falas das professoras e provoquem mudanças de percepção sobre a sua identidade docente a partir do contexto local e de suas próprias narrativas. A escuta das mesmas começou com seis professoras da rede municipal que são da comunidade, número acrescentado na terceira ciranda por duas professoras da rede particular de ensino, a convite das demais. Essa escuta compôs um documentário autobiográfico, que serviu como produto educacional desta pesquisa a ser usado na própria comunidade e escolas do entorno e da rede municipal para promover a divulgação e valorização das histórias de vida de professoras do lugar e a criação de atividades literárias-pedagógicas que valorizem as narrativas de quem compõe a própria escola e comunidade.

Nesse sentido, esta é uma pesquisa do tipo qualitativa, que envereda então para a escuta de relatos (auto)biográfico recolhidos de professoras, a partir de conceitos, procedimentos e práticas adaptados dos Ateliês Biográficos de Projetos de Delory-Momberger (2006), metodologia essa que visa escutar e falar do outro com o objetivo de socializar as experiências, conhecimentos, e executar a troca de saberes (MARTINS, FREITAS, PEREIRA, ALVES, 2021), também pautados nos círculos de cultura propostos por Paulo Freire (1967) e nas ideias de pesquisa e produção de saberes docentes e formação profissional, de Maurice Tardif (2014).

Esta investigação, portanto, tem como base na abordagem da pesquisa (auto)biográfica, trazendo a reflexão de que as histórias de vida influenciam na formação, construção e (re)invenção de si e de sua identidade (JOSSO, 2013). As histórias de vida e as narrativas de si, na perspectiva da socialização, escuta e registro de experiências cotidianas, identitárias,

³ As *Cirandas de Saberes Docentes* consistiram em quatro rodas de conversas com roteiro próprio e temáticas específicas que visaram proporcionar e orientar as narrativas orais e espontâneas das professoras cirandeiras da Vila Compra Fiado, Brejo Santo – Ceará.

individuais e coletivas, pessoais e profissionais de personagens atuantes em seu meio social, contribuem para ressignificar as identidades das professoras, para criar senso de pertencimento tanto a uma classe quanto a um lugar, no caso dessa pesquisa com as docentes dessa comunidade rural.

A promoção da escuta de relatos (auto)biográficos é segundo PASSEGGI, SOUZA, VICENTINI (2011), narrar a (auto)biografia, contar sobre quem é, sobre o que viveu e aprendeu, promover a tomada de consciência sobre a trajetória de formação docente, fortalece a identidade como professora e produtora de saberes. O ato de narrar a história de vida se traduz no ato de mediar a formação de professoras, e é, portanto, (auto)formativa.

A análise das narrativas das professoras foi feita com base na análise de conteúdo de Bardin (2016), em que os relatos das histórias de vida foram colhidos em *Cirandas de Saberes Docentes* e foram analisadas com o intuito de compreender o processo de formação docente. Ao aceitar participar das rodas de conversas, as professoras estavam cientes de que o que tinham para narrar tinha valor e conhecimento para o(a) outro(a), ou seja, a professora tinha consciência que sabia e que seu saber é valioso.

Foi a partir da ideia de Paulo Freire (2019) de que é no diálogo curioso que o sujeito se apropria do conhecimento, foi nesse diálogo com as ideias freirianas, que encontrei a necessidade de conhecer e dialogar com as experiências individuais e coletivas de professoras da minha comunidade, e ao mesmo tempo contribuir com a formação docente de outros educadores(as) e de quem possa se interessar pela pesquisa e registro de suas histórias de vida.

Contudo, para dialogar com o(a) outro(a), faz-se necessário um diálogo inicial consigo mesmo, contar sobre si e mostrar como esse ato se revela formativo na narrativa. É o que faço logo adiante, indicando que, mesmo sendo algo que compõe e que perpassou a minha formação continuada, foi um primeiro passo metodológico que me trouxe para essa pesquisa. Voltar ao meu passado, escutar em mim as muitas histórias que vivi; ressignificar e narrar cada uma delas durante a formação para a narração oral, o que foi formador no âmbito pessoal, coletivo e profissional.

1.1 *Lignum vitae*⁴ - minha jornada até aqui

*E que assim, de retalho em retalho, possamos nos
tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".*
Cris Pizzimenti

⁴ Termo do latim que significa árvore da vida.

Um dia menina, em outro mulher, camponesa, educadora, esposa, mãe, escutante, escritora e contante de histórias.

O tempo parece passar em um piscar de olhos, quando se pensa na narrativa da travessia de uma vida inteira. No caminho, muitas pedras, desafios, escolhas certas e erradas, obstáculos vencidos, objetivos almejados, alcançados ou frustrados e aprendizagens. Muitas aprendizagens! Não poderia ser diferente! Afinal, pensar na vida inteira é refletir sobre o que selecionamos do cotidiano para guardar no baú das lembranças, o que colocamos na nossa caixa de guardar o tempo, pois narramos o que somos.

Filha de agricultores no nordeste brasileiro, mais precisamente no sertão pernambucano, nasci em Ipubi, em 1977 e vim com a família para o Cariri, ainda bebê. Minha trajetória de vida foi se firmando inicialmente, em uma casinha de taipa e depois, em uma casa de alpendre antiga, larga e comprida, rodeada de árvores, na zona rural de Brejo Santo, estado do Ceará. Fui e voltei mais de uma vez ao lugar onde nasci, do lado de lá da Chapada do Araripe, para poder fincar minhas raízes em terras cearenses, no Compra Fiado, aos sete anos.

Cresci testemunhando e partilhando das experiências coletivas do lugar: as galinhas começavam a subir no poleiro e as pessoas iam saindo para os terreiros das casas dos familiares ou para debaixo dos pés de jatobás, um conjunto de árvores, que testemunhavam de tudo que acontecia ali: conversas de futebol, paqueras, forrós e celebrações religiosas, como a malhação de judas e missas. Os terreiros das casas e as sombras dos jatobazeiros eram os pontos de encontros de agricultores, donas de casa, jovens e crianças, para planejar a lida e o trabalho cotidiano, brincar e conversar. Muitas histórias e causos partilhados, planejamento das colheitas, debulhas de grãos, brincadeiras da meninada, que se misturavam entre a escuta das histórias e a diversão.

Então fui crescendo, absorvendo os costumes do lugar e criando outros. Sendo que, como dizia Manoel de Barros (2018, p. 28), “a importância de uma coisa ou de um ser não é tirada pelo tamanho ou volume do ser, mas pela permanência do ser no lugar,” eu ia cada vez mais me sentindo importante e pertencente ao espaço do Compra Fiado. Era um lugar bom de se viver, com cheiro e cor de jatobá. No chão, havia uma mistura de areia e várzea. Na paisagem, avistava e sentia o aroma das roças que ajudava meu pai a cultivar e dos pomares que rodeavam as casas dos vizinhos: milharais, arrozais, cajueiros, bananeiras, mangueiras, goiabeiras; legumes e frutas, que variavam o cardápio de quem lá morava, com os mais diversos sabores de acordo com a época: angu com leite, feijão com pão de milho moído em moinho, arroz de safra pisado em pilão.

É muito presente o sabor do mungunzá das festas de São João, a bolinha de carne nas renovações do Sagrado Coração de Jesus, o capitão de feijão verde amassado com farinha no tempo da colheita do inverno, eram alguns dos pratos saboreados. Dá até água na boca, ainda sentindo o sabor. Isso sim era sustança para o crescimento. Não tinha quem não fosse nutrido. De barriga cheia, só era franzino quem não tinha “calibre”⁵ para engordar. Mas comida não faltava, pelo menos quando a natureza dava.

Guardo com muito carinho as lembranças de meus avós paternos e maternos. Da convivência com meus avós paternos em Pernambuco, nas idas para a terra Natal, morei no campo na casa deles, Dona Antônia e seu Braz, como eram conhecidos, em um sítio chamado Traíras, onde acompanhava papai até a olaria para lançar⁶ telhas com argila, ajudava avô Braz a fazer leiras⁷ para plantar batata doce, saboreava as abóboras de paiol⁸ cozidas por vovó Tonha quando a seca dava lugar à chuva, o que também proporcionava um bom banho no açude do cacimbão do Pajeú. Lembro também o tempo em que morei lá, na cidade de Ipubi, numa casa pequena com quintal e do fubá de milho que mamãe fazia para alimentar a mim e mais quatro irmãos e irmãs, sendo o caçula ainda bebê.

Foi nessa casa que resisti à vontade de subir na escada da caixa d'água que via do outro lado da cerca, de onde podia avistar toda a cidade do gesso lá do alto, mas nunca o fiz. No entanto, como morava nos fundos de uma fábrica de tijolos de bloco, onde meu pai trabalhava, muito me divertia nas noites de fornadas para assar os tijolos, quando ficava acordada até tarde com minha irmã mais nova ouvindo o farfalhar na lenha queimar e os causos narrados até a madrugada por nosso pai e pelo dono da fábrica, que adorava o fubá de milho que nossa mãe fazia e por quem estivesse lá. Eram muitas as histórias e risadas até o sono chegar. O “*achadouro de infância*”, que para Manoel de Barros⁹ era o quintal, para nós, era essa fábrica. Adorávamos brincar nela de saltar os pilares de tijolos que aguardavam o barro secar lá no pátio. Isso, quando não pisávamos em falso e as pilhas todas caíam em efeito dominó. Aí meu pai ficava bravo! O castigo era colocar cada tijolo no lugar e o jeito era brincar de quem empilhava mais, para terminar logo de arrumar as fileiras.

⁵ Termo popular que substitui, neste caso, a palavra facilidade.

⁶ Alisava a argila com as mãos molhadas em água, apoiadas em um molde de madeira para dar o formato das telhas.

⁷ Elevação de terras entre dois sulcos onde se enterravam as batatas para germinarem.

⁸ Depósito onde se empilhava as espigas de milho no chão.

⁹[...] “Mas eu estava a pensar em achadouros de infância. [...] Sou hoje um caçador de achadouros de infância.” Manoel de Barros (2018, p. 31)

Já dos meus avós maternos, aqui no Ceará, trago comigo as lembranças das visitas que fizemos, eu e minha família, a casa deles na Vila Esperança¹⁰. A casa de meu padrinho-avô, ficava bem na esquina da saída para a cidade de Brejo Santo, onde da calçada, eu avistava a capela do Bom Jesus, bem no centro, e a várzea lá embaixo, que eu atravessava com minha mãe e meus irmãos, ora rachada pela seca, ora enlameada pelas águas do riacho para lá chegar; outra casa do meu avô e padrinho, que lembro bem, ficava no bairro Morro Dourado¹¹, bem perto da cidade de Brejo Santo. Mas dessa não gostava muito. Numa noite em que lá dormi, tive os punhos da rede roídos por um rato e passei a noite inteira encolhidinha para não despencar no chão, já que estava pendurada apenas por um dos cordões.

Ah! A casa da qual mais carrego boas lembranças é a última que meus padrinhos moraram antes de adoecer e irem morar com minha tia. Essa casa ficava em Milagres¹² e dela carrego cheiro, cor e sabor. Cheiro de sabonete Senador, o que meu avô gostava de usar e de carne assada no espeto; cor de pão amarelinho na mesa do café da manhã, comprado na padaria por vó Silvino e sabor de saudade. Saudade do som da música que ouvia com ele e vó, no radinho a pilha que padrinho jurava que ficava mais alegre quando eu estava lá e ainda escuto o tom da voz de madrinha Das Dores, que era mais fechada e concordava discordando do marido - “Esse Silvino tem cada uma!”

Entre as lembranças acordadas até aqui, as mais preciosas são as do meu lugar, o Compra Fiado, que hoje é uma vila. Trago a lembrança da correria das pessoas entre a travessia pela lida em casa e na roça, e o caminho da escola. Elas dividiam e ainda dividem a rotina entre os afazeres de casa, da roça e da escola. Todas as crianças, de todas as idades, estudavam com a mesma professora, ela era ao mesmo tempo, a madrinha, a tia, a prima, a irmã e a amiga. E à noite, tinha aula para os adultos, que haviam perdido a oportunidade de frequentar a escola na infância. Eu também ia lá, mas já era para ajudar minha mãe e meu pai com as tarefas escolares deles.

Cresci em um lugar que valoriza o trabalho com a terra, onde as pessoas fabricavam os próprios brinquedos e objetos de uso cotidiano na roça e em casa e onde a certeza, de que um futuro melhor vinha pela educação, era passada pelas famílias aos filhos e filhas. Lá aprendi que a coragem do corpo usada no trabalho duro é a mesma que deve ser movida pela mente em busca do aprendizado na escola e que mãos e mentes unidas ensinam a ser. Unidas pela (or)ação

¹⁰ Comunidade rural vizinha a Vila Compra Fiado.

¹¹ Bairro localizado na periferia da cidade de Brejo Santo.

¹² Município cearense que faz fronteira com Brejo Santo.

e pelo trabalho. A educação foi sempre um caminho guiado pelos mais velhos e pelas famílias para as crianças e jovens da comunidade.

Fui para a escola em 1984, aos sete anos, mas já sabia ler. Aprendi a ler em casa com meu pai, que sabe ler, mas não sabe escrever, pois só frequentou a escola três dias, mas tem muita sabedoria de vida; e com minha mãe, que ainda hoje estuda, em uma sala de aula noturna de EJA (Educação de Jovens e Adultos), um projeto de alfabetização do município: mamãe, minha tia, meus três irmãos deficientes e vizinhos, que se divertem na escola do alpendre de sua casa.

Aprendi a ler em uma Carta de ABC que papai e mamãe compraram na feira da cidade. Foi com ela que descobri o mundo das letras - “um b com a, bê-á-bá, um b com e, bê-é-bé...”, o universo dos números veio com a tabuada, comprada no mesmo lugar. Não tinha quem não conhecesse esses livretos. Sabia de cor e salteado tudo o que aparecia escrito neles.

Além desses objetos de memória, a carta do ABC¹³ e a tabuada, carrego comigo até hoje. Outro guardado de infância. No dia do meu aniversário de dez anos, recebi do meu pai o presente de uma pedra que ele havia encontrado no caminho da roça e guardado desde quando eu tinha quatro anos. Ele me entregou a pedra contando como a encontrou e como guardara, ele e minha mãe, o sonho de que eu, a filha mais velha, a colocasse em sua mesa de trabalho quando crescesse. A pedra do caminho que meu pai sonhador levou para casa, eu levei para o meu caminhar, para a minha trajetória de vida pessoal e profissional. Um objeto que carrego sempre comigo, entranhada em minhas raízes e pavimentando todo o meu caminho pessoal e profissional, cravada em minha história docente e guardiã da memória do sonho de minha família para o meu futuro.

Como morava na zona rural, a escola que eu frequentava só tinha até a primeira série¹⁴, então, chegou o momento em que eu não tinha mais como estudar na escola da comunidade. O jeito foi me aventurar, ainda criança, a viver onde encontrasse alguém disposto a trocar casa e comida por ajuda no serviço doméstico e poder continuar estudando. Por sorte, assim considerava naquele tempo, que era sorte achar um lugar para poder morar e estudar na cidade, passei por várias casas: a de um tio paterno, onde ajudava a tia costureira nas tarefas e nos acabamentos das costuras; a casa de uma senhora idosa, onde ajudava em casa e acompanhava a mesma onde precisasse. Ia à missa diariamente e fazia todos os seus mandados. E foi assim,

¹³ A carta do ABC era um livreto com o alfabeto e as famílias silábicas, em que as crianças aprendiam a sonorização das letras e das sílabas a partir da soletração.

¹⁴ A antiga primeira série era a série de ingresso no antigo primeiro grau, nas escolas brasileiras. Atualmente, o primeiro grau corresponde aos anos iniciais do Ensino Fundamental e a série de ingresso nessa etapa de ensino é o primeiro ano.

de lar em lar, de ajuda em ajuda, que consegui chegar ao ginásio, em 1988, e continuar estudando em busca de um futuro mais promissor.

Em 1990, quando tinha treze anos, uma vizinha da senhora com quem morava percebeu que eu andava torta e me levou para um hospital de fraturas em Juazeiro do Norte, Ceará. O diagnóstico foi escoliose lombar em S, um desvio na coluna vertebral. O tratamento indicado foi usar um aparelho para evitar piora da postura e deficiência física futura e o dinheiro disponível era quase nenhum. Nessa época vi meu pai e minha mãe quase perderem a cabeça atrás de uma solução. A ajuda veio do Fundo Cristão para Crianças¹⁵ que funcionava numa associação comunitária de um sítio vizinho e apadrinhava crianças carentes. Assim consegui o custeio do aparelho que vinha de Recife, Pernambuco e cada vez que precisava ir ao Hospital São Vicente em Barbalha, no cariri cearense, onde o médico atendia, o meu pai se sacrificava para conseguir o dinheiro da viagem. Foram quase cinco anos de tratamento e muita luta, minha, que convivia com a doença e dos meus pais, que tinham que lidar com a dificuldade financeira.

Quando a situação apertava, meu pai nos deixava e ia trabalhar no corte de cana ou no cultivo de tomates em outros estados. Eu, filha mais velha, junto com mamãe e minha irmã, juntava ovos de galinha caipira, juntava castanhas e frutas como jatobá e macaúba, para vender e fazer a feira. Já o meu irmão caçula, caçava passarinhos para ajudar na mistura¹⁶. Meu pai viajou várias vezes, mas o que mais trazia quando voltava, era cansaço. Não era uma vida fácil. Durante o tratamento da coluna vertebral, como estava impedida de fazer esforço físico, tive que voltar para casa no Comprá Fiado, uma das coisas boas que vivi nesse tempo, o retorno ao lar. E, aos 14 anos, fui escolhida pela associação de moradores do lugar para assumir uma atividade de monitoria com as crianças. Na Creche, que funcionava no prédio comunitário, eu fazia de conta que ensinava e ia brincar com as outras crianças que eu cuidava. Foi minha primeira experiência ligada à docência.

Lembro bem que tinha que ir para encontros formativos na cidade e precisava fazer com que as crianças aprendessem. Entre eles, três irmãos, uma irmã, vizinhos e os demais, eram primos e primas de diferentes idades. Me misturava tanto com as crianças, que na hora do banho, antes do jantar, banhava primeiro os meninos e depois, tomava banho junto com as meninas. A monitoria durou dois anos. Enquanto isso, eu tirava licenças da professora da escola

¹⁵ Desde 1966, o Child Fund Brasil, agência de desenvolvimento infantil, beneficia milhares de pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens e suas famílias, em situações de privação, vulnerabilidade e exclusão, no Brasil, promovendo mudanças sustentáveis e positivas em suas comunidades. De acordo com <https://www.childfundbrasil.org.br/quem-somos/?tab=marcos>.

¹⁶ Mistura, era o termo usado para se referir a carne que complementava a alimentação das pessoas.

da comunidade que havia se casado e foi morar em outro sítio. Chegando assim a minha segunda experiência com atividade docente.

Ia me tornando professora, me formando professora.

Em 1994, concluí o antigo segundo grau, atual Ensino Médio, na Escola Estadual Balbina Viana Arrais, em Brejo Santo. Terminei o curso Normal¹⁷. Fui oradora da turma e fiquei orgulhosa e feliz com a trajetória que almejava para o futuro: ter uma profissão e honrar o sonho de minha mãe e de meu pai, guardado na pedra. A alegria na comunidade era tanta com a minha conclusão, que todas as pessoas do Compra Fiado foram para a comemoração da minha formatura, e de cada casa da comunidade, ganhei uma galinha para partilhar com quem estivesse na festa e no forró depois que chegasse da missa de conclusão de curso.

Guardo até hoje o anel de formatura de pedra verde, as fotografias do momento, o calor de todos os abraços que recebi dos meus e a lembrança da alegria que estava estampada nos rostos de meu pai, de minha mãe e de meus irmãos e irmãs, naquele dia. Eles falam que fui inspiração, mas eles que me ajudam, apoiam e incentivam sempre.

Finalmente podia ser professora. No ano seguinte já fui chamada para trabalhar numa escola da periferia da cidade de Brejo Santo, no Bairro Morro Dourado, o mesmo em que meu avô-padrinho morou. Ia e voltava no carro dos estudantes. Essa foi a mesma escola em que quatro anos depois, trabalhei de forma efetiva, aprovada em concurso público, em 1998.

Foi, aos vinte e um anos, concursada, professora efetiva do município de Brejo Santo, que me senti realmente professora e assumi minha identidade como docente. O primeiro salário teve destino certo. Minha mãe costureira, queria muito uma máquina movida a energia para facilitar os acabamentos de seus trabalhos. Ela ganhou a sua máquina de costura e com capricho, fez muitas roupas para mim, para meus irmãos e minhas irmãs e quem chegasse.

Um ano depois, em 1999, cheguei à Urca, passei no vestibular para Pedagogia e nesse mesmo ano passei em um teste para ser professora de alfabetização em uma escola particular da cidade de Brejo Santo de nome Paulo Freire. Atuei nas duas entidades, pública e particular, como alfabetizadora por onze anos. Foi o período em que vivi a magia de ver as crianças descobrindo a leitura das palavras para além da leitura do mundo e a leitura do mundo para além da leitura das palavras. Algo que sempre relacionei com o poder de fazê-las enxergar através e além das letras, ideias mais que freirianas, que por sinal tinha tudo a ver com o nome

¹⁷ A Lei Orgânica do Ensino Normal estabelecida pelo Decreto-Lei nº 8.530, datado de 2 de janeiro de 1946, regulamentou o Ensino Normal no Brasil, que é o ramo de ensino de segundo grau voltado para a formação de professores e administradores escolares destinados às escolas primárias.

da escola particular onde atuei. Esse também foi o ano em que casei e comecei a constituir minha própria família.

Digo sempre que o curso de Pedagogia é para a vida e não somente para ser professora. Já cheguei na universidade como docente concursada, o que acho que facilitou minha travessia no curso. Aprendi a teoria e já relacionava com a minha prática em sala de aula, além de ampliar o meu repertório de conhecimento cultural, social e me aproximar de uma pessoa muito importante na minha vida. Sim, foi na Universidade Regional do Cariri - URCA, que comecei a namorar com meu esposo e assim veio a família, nosso filho Davi e nossa filha Sophia. Um presente precioso da vida para a vida. Meu esposo me apoiou quando quis fazer outra graduação em Matemática e quatro especializações, todas na área de ensino e educação. E anda comigo sempre.

E cá estou eu, vinte anos depois na URCA novamente, no ano de 2023, a escrever a dissertação do mestrado, onde apresento o que me trouxe aqui, a relação entre o vivido e o narrado na minha pesquisa. Eu, professora, narrando e ressignificando a minha trajetória de vida, fortalecendo a minha identidade docente e refletindo sobre como cada passo que dei desde que aprendi a andar, direcionou-me para ser professora e me fez passar por experiências que trago até mesmo intuitivamente para a minha atuação em sala de aula, para as atividades formativas que escolho participar e para a minha vida pessoal e profissional.

O tempo passou, conheci lugares, pessoas, fiz parcerias, recebi e ofereci ajuda, percorri outras trilhas, fiz escolhas, conquistei objetivos, venci obstáculos, pulei alguns. Semeei e colhi o que plantei e continuo, a semear e a colher. Carrego comigo as vivências dos territórios que ocupei ao longo da vida, as experiências do cotidiano, as brincadeiras, as atividades comunitárias na zona rural, os costumes que vivi e adquiri desde a infância até hoje nas trocas com diferentes pessoas. Hoje percebo como a formação é permanente, é um continuum como afirma Mizukami (2021), é para toda a vida. Passei por diferentes etapas, da infância à vida adulta e fui me constituindo na e pela educação.

Os saberes e fazeres vêm sendo construídos ao longo da minha vida e da minha docência sempre. Bons ventos de minhas lembranças balançaram e acordaram a memória e a história da minha vida e das muitas vidas que escutei de Marias, Franciscas, Cíceras, Joanas, Josefas, mães, mulheres, professoras, meninas, todas com quem convivi e que me inspiraram na escolha das professoras que serão ouvidas nesta pesquisa, como um meio de espalhar as vozes do meu cotidiano, das suas histórias de vida e do seu processo de formação docente para o mundo. E como canta Lia de Itamaracá a composição de Capiba: “Essa ciranda não é minha só, ela é de todas nós, ela é de todas nós.” Adequando o pronome a nós professoras, nós

mulheres, nós estudantes, nós mães, nós filhas, nós donas de casa, nós trabalhadoras, nós profissionais da educação, nós protagonistas da nossa vida.

O que apresento a seguir é a relação dessa pesquisa com outros estudos. Uma aproximação metodológica entre a temática desta investigação sobre as histórias de vida, os saberes docentes e a formação de professoras da zona rural com as pesquisas realizadas nesse campo, para mapear, no estado do Ceará, o enfoque dado nas investigações podem enriquecer o que este estudo propõe.

1.2 Estado de conhecimento: na trilha das histórias de vida, dos saberes docentes e da formação de professoras em pesquisas acadêmicas no Ceará

“Porque o tempo não anda pra trás.”
Manoel de Barros

As caminhadas sempre começam com um primeiro passo. O caminho que iniciamos para esta pesquisa nos veio de um questionamento. Se vamos pesquisar sobre histórias de vida, saberes docentes e formação de professoras de uma comunidade rural, que pesquisas estão sendo publicadas usando estas categorias concomitantes? Sabemos que um estado do conhecimento é um levantamento de informações que vem sendo muito realizado no Brasil nos últimos tempos, também conhecido como estado da arte, é um estudo que pode fornecer o mapeamento dessas pesquisas.

Aqui é apresentada uma investigação qualitativa do tipo estado do conhecimento sobre os saberes, as histórias de vida e a formação docente de professoras em estudos acadêmicos, um “levantamento bibliográfico em resumos e catálogos de fontes relacionados a um campo de investigação.” (Therrien e Therrien, 2004, p. 08). Um possível inventário que descreve a partir dos resumos de trabalhos científicos, as informações sobre a abordagem utilizada na pesquisa, os autores e a ampliação de referenciais teóricos para uma determinada investigação. Ou seja, é um direcionamento para o início da pesquisa.

No contexto desta pesquisa de mestrado em educação, as categorias foram usadas a priori como descritores para o mapeamento da produção acadêmica no estado do Ceará com o intuito de analisar a evolução de escritas científicas envolvendo os três descritores selecionados, saberes, histórias de vida e formação docente, bem como conhecer relações e/ou divergências sobre os mesmos e identificar referenciais teóricos que subsidiaram pesquisas e investigações semelhantes realizadas por outros pesquisadores.

Estão delimitados neste estudo/mapeamento do conhecimento produzido que se relaciona com os saberes, as histórias de vida e a formação docente, os elementos que foram considerados para a realização da busca: o espaço, o idioma, a confiabilidade e o tempo. O espaço usado para o inventário das pesquisas acadêmicas foram o Portal de Periódicos da Capes e o Banco de Teses e Dissertações da Capes; o recorte temporal considerado foi o de publicações dos últimos seis anos, período em que existe o Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA, aqui representando este estudo, os anos de 2017 a 2022.

Inicialmente, a pesquisa foi feita no Portal de Periódicos, onde obteve-se 94 artigos publicados. Quando foi acrescentado o refinamento do idioma em Português, restaram 26 publicações e no refinamento da revisão por pares, atendendo ao critério de confiabilidade, chegou-se a 12 artigos. O passo seguinte foi a leitura dos resumos, para ver dentre eles, quais se aproximavam do objeto de estudo sobre os saberes evidenciados nas histórias de vida de professoras que contribuem para a formação docente, aqui chegando a apenas 3 artigos completos, os quais foram lidos, analisados e usados como referência neste estudo.

Depois a pesquisa se deu no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Ao colocar, *Saberes, Histórias de Vida e Formação Docente*, o resultado passou de um milhão de publicações. Ao aplicar os filtros já citados, o espaço, o idioma, a confiabilidade e o tempo e outros específicos da plataforma, como a *Educação* e a *Formação de professores*, dentre teses e dissertações, chegamos a 338 publicações em duas instituições brasileiras, a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a Universidade Federal de Lavras (UFLA), em Minas Gerais.

Como essa pesquisa escolheu o limite do estado cearense e acontece em um curso de mestrado em educação de instituição cearense, a URCA (Universidade Regional do Cariri), optamos então pelas publicações da UECE (Universidade Estadual do Ceará), alcançando um total de 114 dissertações e 75 teses. Partindo para as leituras dos resumos que mencionaram os descritores pesquisados e que contemplam o enfoque temático desta pesquisa que é compreender o processo de formação docente de professoras a partir de seus relatos (auto)biográficos, foram selecionadas uma dissertação e duas teses, por julgar que podem contribuir com este trabalho.

No total, entre o Portal de Periódicos e o Banco de Teses e Dissertações da Capes, foram selecionadas, portanto, seis produções acadêmicas como amostras que comporão junto com outras obras, o referencial bibliográfico desta pesquisa. A tabela que consta no Apêndice A mostra mais informações sobre as publicações selecionadas e o enfoque temático mostrado nos seus resumos, o que justifica a escolha das mesmas.

Os três textos mapeados no Portal de Periódicos da Capes (APÊNDICE A), pelas leituras de seus resumos, o primeiro artigo *A escrita de si como contexto formativo de uma professora na construção de sua identidade professoral*, trouxe a pesquisa (auto)biográfica com enfoque na reflexão teórica usada para entender como na escrita de si as experiências de autoformação são manifestadas como formação nas histórias de vida e no processo de formação de professores que trabalham com Educação de Jovens e Adultos, considerando singular esta modalidade de ensino, “um estudo construído a partir dos acontecimentos, eventos, saberes, conhecimentos, atitudes e sentimentos, que emergem de uma prática docente diferenciada” (SOUZA e ANGELIM, 2018, p. 95). Um estudo que investiga como a autoformação como formação se manifesta nas memórias das experiências formativas da docência.

O resumo do segundo artigo, *Leituras de si: saberes docentes e história de vida de formadores de professores*, trouxe como enfoque descobrir como os saberes docentes são mobilizados na prática de formação e constatou que esses saberes provocam e constituem uma escrita e leitura crítica de si. De acordo com Júnior (2019) “os saberes docentes fecundam e se desenvolvem na trajetória formativa do professor, abrangendo a dimensão pessoal e profissional de sua vida”.

No terceiro resumo do artigo *Saberes nas histórias de vida e na prática de formadores de professores*, a investigação tem como enfoque descobrir como as biografias permitem, segundo Gonçalves e Manfredo (2020, p. 190) “interpretar experiências de constituição de saberes ao longo das trajetórias e refletir acerca da mobilização deles nas práticas formadoras”, o que nos faz perceber que os saberes constituídos na trajetória docente influenciam no planejamento de ações formativas enquanto pessoas formadoras de professores. Segundo estes autores os saberes que emergem das histórias de vida repercutem nas tomadas de decisões e nos planejamentos de ações formativas para outros professores.

O resumo lido na dissertação *Formação docente e histórias de vida: entrelaces com o pensamento freiriano* tem o enfoque dado ao entrelaçamento entre formação docente, histórias de vida e as ideias freirianas, o que nos leva a refletir e repensar a prática pedagógica, a formação e a educação no contexto da realidade e da atualidade. A produção acadêmica traz o estudo como “uma oportunidade de repensar as práticas pedagógicas, bem como a própria didática de ensino e aprendizagem” (Sales, 2021) em contexto com a realidade.

Nas duas teses, *Narrativas de professores em situação de desenvolvimento profissional: estudo no contexto do PIBID* e *Cartografia dos percursos de formação, dos saberes e das práticas de ensino dos professores da disciplina de didática em cursos de licenciaturas da Universidade Estadual do Ceará (UECE)*, os enfoques lidos e trazidos nos

resumos são dados ao percurso de formação, sendo a primeira no contexto do PIBID e a segunda no contexto da cartografia da formação de professores, ou seja, na pesquisa de suas práticas docentes e na representação cartográfica do percurso formativo. Ambas estão relacionadas às histórias de vida, porém com diferentes narrativas.

Ao fazer a pesquisa, pudemos perceber que as publicações que relacionam os saberes e as histórias de vida com a formação docente usam referenciais teóricos semelhantes para cada descritor. Paulo Freire (2019) afirma que não se pode desconsiderar em pesquisas sobre formação de professores, o saber da experiência, a explicação do mundo do qual fazem parte e a compreensão da presença no mundo pelo professor. Este autor aparece como referencial sobre os saberes docentes em cinco dos textos selecionados, só não foi usado por Manfredo e Gonçalves (2020), bem como é o único que não usa a pesquisadora Marie Christine Josso, que estuda as dimensões formadoras das histórias de vida; Já Maurice Tardif (2014) que também está relacionado aos estudos sobre saberes docentes traz a reflexão de que a carreira que seguimos é fruto de interações e ocupações que realizamos ao longo da vida. Este autor só não aparece como referência na dissertação de Ribeiro (2020).

Os três artigos escolhidos mostram uma ligação dos saberes, das histórias de vida e o elo entre estes e a formação docente. Os estudos que são expostos nestes artigos fizeram uso de histórias de vida para interpretar e analisar como os saberes se constituem ao longo das trajetórias narradas, como vão tecendo e desenvolvendo a docência. “Os saberes são as correntes que formam o elo da formação, que não se separam e nem se quebram, ao contrário, fortalecem-se cada vez mais, com a própria vida.” (JÚNIOR, 2019, p. 306).

A escrita de si como um processo de formação pessoal e construção da identidade docente é o que defende Souza e Angelim (2018). Através das narrativas, as professoras se encontram consigo mesmas. Pois, ao narrar sobre si e sua trajetória a partir da memória, o sujeito se forma e se transforma ao mesmo tempo, percebendo como o vivido foi formativo para si, percebendo que os saberes adquiridos e as experiências vivenciadas ao longo da vida dizem sobre quem somos e sobre o que dizemos que somos.

Esse contexto formativo do ato de se narrar, também é investigado por Manfredo e Gonçalves (2020), que pesquisam como os saberes narrados nas histórias de vida repercutem na prática de formar professores. Já o texto dissertativo de Sales (2021), faz uso de histórias de vida de professoras que narram e reconhecem no encontro com as ideias pedagógicas de Paulo Freire o seu reflexo na formação docente, entrelaçando narrativas de vida com o pensamento freiriano.

Examinando as teses trazidas aqui, a de Rocha (2018) escolheu entrevistas narrativas de professoras da educação básica e suas experiências como supervisoras no Pibid, onde contaram e descreveram a vivência, o processo formativo, sua incidência, colaboração e relação com a prática pedagógica em sala de aula, com os conhecimentos teóricos refletidos na prática enquanto era realizada.

A pesquisa de Ribeiro (2020), defende a tese,

de que a constituição dos saberes dos professores da disciplina de Didática materializa-se no percurso de formação seguindo diferentes trajetórias em diversos contextos sociais e culturais, portanto, possuem uma particularidade para aprender a ensinar, uma formação pedagógica específica, sendo conhecida e validada pelos seus pares, sustentada no repertório de saberes mobilizados em suas práticas de ensino. (RIBEIRO, 2020, p. 25)

Esse estudo contempla a intenção da nossa pesquisa por versar sobre os saberes das professoras e a relação com a formação docente. Saberes adquiridos na prática cotidiana e nas histórias de vida que demonstram que as decisões pessoais são caras e desafiadoras, definem e conduzem à profissão docente. A formação docente vai sendo moldada e vai se consolidando ao longo da vida, pois somos sujeitos inacabados. As seis pesquisas selecionadas se fundem no sentido de evidenciar que, refletir sobre a formação profissional, pesquisar, narrar e representar a própria prática e trajetória docente, relacionar as reflexões com o pensamento de estudiosos e outros pesquisadores são atitudes formativas.

Os resumos das produções acadêmicas escolhidas fizeram uso dos descritores de saberes docentes, histórias de vida e formação de professoras, ora dando mais ênfase a um deles, ora dando mais ênfase a outro. Porém, essas foram as produções escolhidas no levantamento realizado no Portal de Periódicos e no Banco de Teses e Dissertações da Capes, por conter um dos descritores, ou por conter dois dos descritores ou os três descritores concomitantes usados para a busca.

Nessas publicações os autores(as) mais citados serão usados no referencial teórico, além de outros pesquisadores que nortearão o estudo e irão fundamentar os propósitos e objetivos desta pesquisa. Nessa busca por publicações e estudos que envolvem concomitantemente os três descritores escolhidos, que são saberes, histórias de vida e formação docente, apareceram em número de publicações, as instituições Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a Universidade Federal de Lavras (UFLA), em Minas Gerais, principalmente devido ao recorte temporal escolhido, o dos últimos seis anos, o que instigou a fazer a mesma busca no repositório de publicações do Mestrado Profissional em Educação - MPEDU - URCA -

Crato, onde foi constatado não haver publicação contemplando esses descritores, o que vem a validar a pesquisa aqui proposta, que tem como objeto a história de vida, os saberes e a formação docente de professoras da zona rural.

A partir desse ponto o trabalho aqui descrito apresenta a metodologia usada na pesquisa, texto que vem logo a seguir, descrevendo como se deu a metodologia usada, a análise do conteúdo das narrativas (auto)biográficas e a criação e produção do documentário que é o produto educacional resultante desse estudo.

2 METODOLOGIA: OS TRILHOS, A LOCOMOTIVA E AS ESTAÇÕES DO CAMINHO DA PESQUISA

*“O trem maluco, quando sai do Pernambuco, vai
fazendo buco, buco, até chegar no Ceará.”*

Canção popular infantil.

Para Nóvoa e Finger (2014), até a década de 1980, de acordo com pesquisas com ênfase na pessoa do professor eram deixadas ao esquecimento. A partir de então, essas pesquisas começaram a ter visibilidade. Pesquisas sobre a vida das professoras, suas biografias e autobiografias trazem mais valorização ao rumo tomado em tais pesquisas e a fundamentação atual de sua concepção. Essa foi a abordagem escolhida como caminho para investigar o objeto de estudo aqui proposto, a abordagem (auto)biográfica usada para conhecer os saberes evidenciados nas histórias de vida de professoras da Vila Compra Fiado que contribuem para a sua formação docente, com o objetivo de compreender a formação docente a partir de relatos autobiográficos de professoras, considerando os saberes adquiridos em sua trajetória de vida. Uma pesquisa do tipo qualitativa que, de acordo com Duarte (2004) tomou as narrativas como verdade do ponto de vista das professoras e na investigação, seguiu referência dos pressupostos teóricos e do seu objetivo.

Neste estudo, os trilhos encaixam o conceito de “biografia educativa” empregado por Josso (2014, p. 60) como um “instrumento de compreensão dos processos de formação do ponto de vista dos educandos”, no caso aqui, as narrativas das docentes, são o ponto principal a ser considerado na reflexão entre o registro e o que vai emergir deste como parte do processo de biografia educativa de cada participante da pesquisa. Uma biografia com foco na formação docente da professora que, ao narrar a história de vida, terá registros feitos a partir da transcrição das narrativas. Das singularidades de cada história de vida contada, foram elaborados pontos de reflexão considerando a relação com o lugar, a formação profissional, os desafios e resistências enfrentados, o papel da coletividade e do território rural comum em que se encontram, observando também o que de formador foi evidenciado na vida ao contar sobre o vivido.

Os ateliês biográficos de projeto na perspectiva de Delory-Momberger usados como referência neste estudo, consistem em sua proposta original, que cada ateliê seja realizando com doze pessoas e aconteça em seis etapas: primeiro os participantes são informados sobre como se dará o estudo, em seguida elabora-se e firma-se um contrato biográfico coletivo, depois dá-

se a primeira escrita e socialização da narrativa (auto)biográfica. Após essa socialização as pessoas participantes do ateliê podem questionar quem socializa para esclarecer e contribuir com a escrita que pode ser reelaborada, para assim acontecer uma segunda socialização do texto escrito, adicionando algo que foi lembrado posteriormente para socializar novamente.

Durante essa segunda leitura um outro participante do ateliê vai escrever a história de vida escrita e reescrita pelo narrador ou narradora, entregando ao dono da história para que este possa ainda acrescentar informações ao texto. E por fim, tem-se uma apresentação do texto final e um momento de reflexão sobre o que pode-se aprender com a história de vida de outra pessoa.

Delory-Momberger (2006) orientou a recolha das histórias de vida e a construção da biografia educativa de cada docente pela fundamentação e adaptação nos ateliês biográficos de projeto, no sentido de narrar a si mesmo e ouvir o outro, percorrer essa narrativa na perspectiva de formação do que elabora no presente para contar, a partir da travessia do passado e fazendo projeção para o futuro. Para a autora, já existe um sentido no vivido e a narrativa faz vir à tona esse sentido para quem narra. Por isso, narrar a história de vida é significativo, pois evidencia a história narrada e quem a narrou, bem como em quem escuta e se reconhece na narrativa ouvida.

A experiência prática com as vivências formativas que realizei com professores como formadora na Secretaria de Educação do Município facilitou para mim a criação do roteiro e realização dos encontros cirandeiros das tardes de domingo com as professoras cirandeiras. Os encontros para as *Cirandas de Saberes Docentes* com as professoras foram planejados de modo a provocar a narração de suas vidas de forma espontânea, contando sobre si a partir de relatos orais, como em uma conversa na calçada com uma vizinha com quem divide os costumes da vida cotidiana.

Daí vem a relação com os círculos de cultura de Freire (1967) que também fundamentaram esse estudo. Paulo Freire propõe encontros, diálogos e escuta de sujeitos, para a partir destes, de suas experiências de vida e formação, suscitar a consciência de si e se perceber como objeto e sujeito de sua formação tanto pessoal quanto profissional e de sua atuação no mundo.

No relato e escuta das próprias narrativas e das narrativas das outras professoras, as narradoras/professoras vivenciaram um processo formativo. Por isso, as narrativas autobiográficas foram utilizadas como técnica de produção em encontros para promover rodas de conversas em que as professoras narraram a sua história de vida. Esses encontros, baseados nos ateliês e nos círculos de cultura, foram denominados *Cirandas de Saberes*. A composição

se deu em cirandas porque, em círculo, as professoras se colocam uma ao lado da outra, formando uma corrente onde não se é mais nem menos que a outra, e do centro da ciranda emergiu mais saberes e conhecimentos à luz das narrativas que acordaram e contaram umas às outras.

Sendo assim, as cirandas foram pensadas, seguindo um roteiro de quatro encontros de duas horas de duração cada um, organizados de modo a contemplar a dimensão narrativa do EU e do NÓS e na dimensão temporal do PASSADO, do PRESENTE e do FUTURO. A escuta dos depoimentos recolhidos das professoras nas cirandas podem ser usadas para transformar histórias de vida em patrimônio cultural imaterial da comunidade Compra Fiado, assim como também podem ser fonte de pesquisa para outras pesquisas futuras, uma forma de dar voz e registrar as histórias de vida, uma prática interativa que promove um diálogo entre quem conta e quem pergunta e ouve, diálogo esse que, em um ambiente respeitoso, proporcionou troca de informações pautadas na vida de quem contou.

A mediadora, que também foi a pesquisadora neste estudo, puxou o fio da lembrança das informantes, auxiliou na organização dessas lembranças e a narrativa se deu de forma espontânea e natural apoiada em um instrumental metodológico com um roteiro adequado para as rodas de conversas com as professoras-cirandeiras, para colher informações sobre a pessoa, família, infância, escola, juventude e formação profissional. Um diálogo promovido com base do pensamento freiriano que,

nos esclarece que os indivíduos são reflexo daquilo que aprendem e vivenciam ao longo do percurso que os constroem enquanto ser social. Percebe-se que a vida e as obras de Paulo Freire sempre estiveram intimamente ligadas, sua trajetória foi fortemente consubstanciada pela reflexão a respeito da própria prática, pensar de forma crítica sobre sua ação educativa e, a partir de uma concepção claramente humanista, configura-se como o seu objetivo principal, sempre tomando como base sua própria história de vida. (SILVA, 2022, p. 49)

As *Cirandas de Saberes Docentes* foram utilizadas como instrumentos de produção das histórias de vida e seguindo o princípio dos círculos de cultura de Paulo Freire (1967) no sentido de dar liberdade e promover a livre participação das informantes para narrarem suas histórias de vida. As Cirandas de Saberes serviram para escutar as narrativas mediadas pela pesquisadora, com os diálogos gravados em áudios e vídeos, mediante consentimentos das professoras, no sentido de promover relatos de vivências reais com potencial formador de elucidação de sentido crítico e reflexivo. Narrar a travessia vivida na sua trajetória de vida é o ponto inicial para uma tomada de consciência de seu papel na sociedade e na sua própria formação pessoal e profissional.

A locomotiva que puxa esse estudo são as *Cirandas de Saberes*, fundamentadas nos ateliês biográficos de projetos, sob a inspiração de Delory-Momberger (2006), com adaptações na proposta. No caso das *Cirandas de Saberes* que realizamos, o processo de elaborar a narrativa se deu pela fala, visto que as professoras narradoras têm um território comum, a Vila Compra Fiado, uma comunidade rural com forte vínculo com as narrativas de oralidade, fato que aqui consideramos faria emergir nas histórias de vida narradas, a espontaneidade, “[...] a narrativa como um ato de *passagem* pelo qual o narrador retoma, de acordo com os processos associativos, os espaços e os tempos esparsos e polimorfos de sua existência em um espaço-tempo construído e unificado” (Delory-Momberger, 2006, p. 362).

Se os trilhos são o caminho da pesquisa e se a locomotiva são as *Cirandas de Saberes Docentes*, a viagem passou por diferentes estações, por diferentes estágios, a começar pelo planejamento dos encontros cirandeiros, a escolha das professoras cirandeiras, a realização das cirandas, a organização dos registros, a análise e reflexão a partir destes registros produzidos nas cirandas, a criação do documentário e a socialização na comunidade acadêmica e na comunidade rural.

A primeira estação consistiu na elaboração do roteiro das *Cirandas de Saberes Docentes*. Para isso, consideramos a realização de quatro rodas de conversas cirandeiras. A produção de dados foi pensada em roteiros de encontros a ser seguido para compreender a experiência de ser professora a partir de relatos autobiográficos. Nesse ponto, voltamos aos objetivos da pesquisa e a questão central para responder o que as narrativas das histórias de vida das professoras da Vila Compra Fiado contam sobre os seus processos de formação docente.

Retomamos também às outras perguntas que se baseavam em três temas, a saber: as histórias de vida das professoras, os saberes docentes e a formação na perspectiva (auto)biográfica. O roteiro (APÊNDICE D) promoveu os relatos sobre quem são as professoras, que aprendizagens escolheram contar em seus relatos de vida e trazem para a sua profissão, quais os saberes individuais e coletivos carregam consigo para o cotidiano da sala de aula, fazer com que revelassem nas narrativas sobre como se tornaram professoras.

A estação de número dois, a da escolha das docentes participantes das quatro *Cirandas de Saberes*, seguiu o critério de as mesmas serem moradoras da Vila Compra Fiado ou terem vivido um período da vida ali, seja na infância, na juventude ou na vida adulta e também pelo critério de atuar na educação, na rede pública municipal. Sendo assim, a investigação aconteceu na comunidade rural onde cresceu a pesquisadora, na Vila Compra Fiado, no município

cearense de Brejo Santo, no Ceará e as interlocutoras desta pesquisa foram seis professoras desse lugar, que atuam na rede pública municipal de ensino.

As seis professoras foram convidadas pessoalmente, já sendo esclarecidas sobre o objetivo da pesquisa e sendo solicitadas a ceder, através de declarações espontâneas e termos de cessão, o uso de imagens e voz, conhecendo o total compromisso com a preservação de sua integridade, e também cientes de como as iria acontecer as cirandas, qual o local, a duração dos encontros, e como tudo iria proceder. Cada ciranda foi registrada em áudios, vídeos e imagens para posterior produção e criação do produto final, que foi o documentário. Acrescento aqui que a terceira ciranda contou com a participação de mais duas professoras da comunidade que atuam em escolas particulares, uma ideia conjunta das seis professoras cirandeiras. As mesmas foram convidadas a contar como chegaram à docência.

A terceira estação se deu com a realização das quatro cirandas com as professoras. As rodas de conversas proporcionaram a livre expressão para narrar a si mesmas e assim, identificar os saberes docentes e as experiências do cotidiano da/na comunidade rural e as influências destes no seu processo formativo, ajudando a entender as vivências relatadas nas histórias de vida e as possíveis relações com a docência, a construção de identidade pessoal e a formação profissional.

Organizar o registro das narrativas usado para análise dos dados e para posterior compreensão singular-plural da trajetória de formação docente construída pelas professoras cirandeiras, foi a quarta estação. Após cada ciranda de saberes já acontecia o processo de transcrição das narrativas para a análise interpretativa das histórias de vida relatadas. A escrita fiel dos áudios dos encontros foi o fio que nos conduziu às possíveis respostas aos questionamentos suscitados, forneceu elementos para entender os saberes e vivências relatados nas histórias de vida que foram significativos e as possíveis relações com o processo de formação das docentes, com a construção da identidade pessoal e profissional das professoras, para compreender e colher informações para a criação e produção do documentário de narrativas docentes e para as descobertas da pesquisa.

Na quinta estação, os registros obtidos a partir das histórias de vida das docentes participantes foram usados para a reflexão sobre o objeto de estudo proposto. As histórias de vida de cada professora cirandeira participante das cirandas, foram transformadas em um documento audiovisual com suas histórias de vida registradas para apreciação das professoras cirandeiras, para consulta e mediação de formação de professores e para posteriores pesquisas sobre os registros das histórias de vida e narrativas de professoras aqui narradoras e narradas.

Foi durante essa etapa que o texto dissertativo da análise dos resultados foi escrito para cumprir exigência do mestrado em educação.

A partir da investigação, como produto educacional propusemos criar e produzir um documentário *de* narrativas docentes, transformando a coletânea de gravações das quatro cirandas de saberes com o registro das narrativas recolhidas para divulgar as histórias de vida e memórias (auto)biográficas. O produto da pesquisa é o elemento chave para a socialização das histórias de vida das docentes, atendendo ao que se propõe a investigação: escuta ativa das vozes e histórias de vida de professoras que poderão mediar a recolha, o registro e a socialização de novas histórias de vida na comunidade, atividades coletivas ações pedagógicas nas escolas e podem ainda, suscitar em outros(as) professores(as), o interesse no registro de suas trajetórias docentes pessoais e profissionais, de suas histórias de vida.

Ao percorrer o caminho de sua história de vida, a professora narradora realiza sua narrativa individual, o EU, de forma espontânea e no ato de se narrar e ouvir a narrativa do outro sujeito, faz emergir a perspectiva social, o eu sujeito onde outros sujeitos convivem comigo, o OUTRO. Sujeitos esses que são inseridos em uma sociedade que partilha um território comum, o NÓS. Na narrativa, a relação entre passado-presente-futuro surge de forma natural, pois é resultado de lembranças que guardam do passado, que acordaram na memória no presente e que provavelmente irão reverberar em mudanças de suas perspectivas futuras. Narramos o que somos porque ao contar as histórias de vida, voltamos ao que guardamos no tempo, voltamos ao vivido, ao que nos formou, e atribuímos sentido a essas vivências. Quando a trajetória de vida é narrada e ressignificada, projetam novos rumos para o futuro. Novos projetos.

A última estação é a apresentação dos resultados da pesquisa, inicialmente de forma online para a comunidade acadêmica e posteriormente para as professoras e moradores da Vila Compra Fiado, tanto na forma escrita quanto no formato de audiovisual. O filme "*Guardar o tempo*" será apresentado no "Cinema na comunidade" em sessão comunitária, compondo a ação do projeto da associação dos moradores, antigos moradores e admiradores da comunidade. Ao final, a pesquisa e o produto retornam ao seu lugar de origem, embaixo dos pés de jatobás. Um registro da pesquisa para pesquisas posteriores, apresentado tanto na forma de dissertação, quanto na forma do documentário das histórias de vida das professoras.

A seguir pontuo como a análise de conteúdo das narrativas (auto)biográficas foi organizada e o que revelam dos processos formativos das professoras a partir de suas histórias de vida narradas nas Cirandas de saberes Docentes.

2.1 A análise de conteúdo das narrativas (auto)biográficas

É chegado o momento crucial da pesquisa, a organização da análise de conteúdo, o que segundo Laurence Bardin é a fase de intuir ideias, mas também de propiciar a sistematização e o plano de análise de forma precisa. Foi com base nesta autora que o conteúdo deste estudo foi analisado.

De acordo com Bardin (2016), o que deve ser feito inicialmente é a escolha dos documentos a serem analisados, seguindo para a formulação das hipóteses e depois, para a elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final. O documento determinado a priori para a análise neste estudo é a transcrição das narrativas das professoras, um documento único, resultante das *Cirandas de Saberes Docentes*. Esses encontros cirandeiros duraram em média duas horas cada um, e resultaram em mais de oitenta páginas de texto transcrito para serem analisados.

A análise das falas produzidas a partir das *Cirandas de Saberes* foi realizada por meio de categorização temática, que se aproxima da análise de conteúdo temática proposta por Bardin (2016). As subcategorias de significação são oriundas das narrativas, entretanto, consistem em frases curtas ou trechos que sintetizam as falas. E a categoria diz respeito a uma ou mais palavras-chave que expressam com objetividade uma ou mais subcategorias de significação.

Com a trajetória pessoal ressignificada a partir da formação inicial na URCA, bem como da formação continuada proporcionada na atuação profissional e da imersão nas narrativas orais me fazendo valorizar a própria história de vida, as vivências cotidianas na vertente individual e, principalmente coletiva, essa análise me fez refletir e formular hipóteses para esta pesquisa que são:

A) As narrativas das histórias de vida das professoras da Vila Compra Fiado revelam os seus processos de formação docente;

B) As histórias de vida contam quem são as professoras cirandeiros e mostram que aprendizagens escolhem contar e levar para a sua profissão;

C) As cirandas de saberes docentes com as professoras cirandeiros evidenciam quais saberes individuais e coletivos carregam consigo do cotidiano para a sala de aula e que constituem o ser professora sendo de uma comunidade rural;

D) As *Cirandas de Saberes Docentes* revelam o potencial formador da narrativa autobiográfica para as professoras da Vila Compra Fiado.

De acordo com Laurence Bardin e com base nas hipóteses formuladas a partir da escuta das histórias de vida narradas nas *Cirandas de Saberes* com as professoras cirandeiras e após uma leitura flutuante das narrativas transcritas com a observação de itens de significação no texto, optei pela análise temática, destacando frases como unidade de significação que após uma leitura minuciosa resultaram em três categorias para análise. A saber, os itens de significação foram escolhidos de acordo com as hipóteses julgadas pertinentes do ponto de vista deste estudo. E ainda contemplando o objeto de estudo e o objetivo da pesquisa como um todo. O quadro (APÊNDICE B) mostra a escolha dos itens de significação, o agrupamento em temas, categorias e subcategorias de significação com exemplos de narrativas na íntegra relatadas pelas professoras cirandeiras no corpus do texto das histórias de vida que foram transcritas.

Figura 2 - Síntese do instrumental de análise da pesquisa

CATEGORIAS DE SIGNIFICAÇÃO	SUBCATEGORIAS DE SIGNIFICAÇÃO	NARRATIVAS NA ÍNTEGRA
----------------------------	-------------------------------	-----------------------

Fonte: A autora (2023)

Para entender o quadro citado e sua organização é importante saber que os itens de significação foram reunidos em categorias e subcategorias de significação pela semelhança de sentido atribuídos entre os itens de significado. Cada categoria reuniu itens de significação que aparecem representando o sentido na narrativa das professoras nas *Cirandas de Saberes Docentes* em categorias e subcategorias de significação.

A análise das narrativas apontou para quatro temáticas oriundas dos temas das *Cirandas de Saberes Docentes*. A saber, elas dizem respeito a identidade docente das professoras, ou seja, quem elas dizem que são nos relatos de suas histórias de vida. Trazem ainda a ressignificação da trajetória de vida e do processo de formação que escolhem trazer nos seus relatos, assim como também, o que se sobressai na narrativa de sua história de vida, do seu cotidiano de experiências coletivas e comunitárias que levam para a atuação docente e por fim, o caráter formativo das narrativas autobiográficas para cada professora cirandeira. As categorias de significação agruparam três itens, a ruralidade, a educação formal e o processo formativo a partir das narrativas autobiográficas. A primeira categoria reuniu quatro subcategorias de significação, a segunda categoria, agrupou duas subcategorias de significação e a terceira categoria, é composta por três itens de significação. O esquema abaixo mostra a organização das temáticas, categorias e subcategorias da análise das narrativas:

Figura 3 – Representação da análise da pesquisa



Fonte: A autora (2024)

Isto posto, podemos relacionar os itens de significação selecionados para a primeira categoria de significação (APÊNDICE B, Quadro II), que foi nomeada a partir da frequência com que as professoras cirandeiras mencionaram nas narrativas, o *Compra Fiado* como o seu lugar, a sua comunidade e destacando a importância das experiências vividas nesse espaço rural. Estes itens foram reunidos na categoria de significação nomeada *Ruralidade*. E o mesmo reúne falas que narram memórias marcantes de convívio familiar, de brincadeiras de infância, de atividades coletivas e experiências que só podem ser vividas em contexto de ruralidade, de vida no campo e que foram bem mais significativas pela coletividade que pulsa ali, que formaram as professoras desde a infância e que são levadas por elas para a sala de aula e somente ao serem lembradas no ato de narrar foram identificadas como relevantes na formação docente.

A segunda categoria de significação recebeu o nome de *Educação formal* e foi apresentada no quadro com dois itens de subcategorias de significação que relacionam o campo da formação inicial das professoras cirandeiras passando pela atuação profissional, pela

profissão no sentido de identidade incluindo o exercício da docência na sala de aula, do micro ao macro, porque não dizer na educação como processo formativo pessoal e social. As narrativas trazem à tona todo o caminho que levou as professoras à sala de aula, desde quando frequentaram a escola como alunas, e depois voltaram a ela como docentes, o que Tardif (2014) chama de saberes docentes, desde o ingresso à educação formal, a chegada à formação docente inicial e à formação continuada ao longo da vida pessoal e profissional.

Os relatos são carregados de memórias de uma trajetória de vida cheia de obstáculos e dificuldades, mas permeada por resistência e busca pela transformação através da educação. Quando narram o crescimento pessoal promovido pela formação inicial e continuada, têm consciência e destacam que o crescimento profissional também vem acompanhado e ao mesmo tempo compõem o processo formativo de cada uma. Essa narrativa pode ser confirmada no produto final que apresentamos a seguir, um registro audiovisual criado a partir dos relatos das professoras cirandeiras.

2.2 Guardar o tempo: um documentário das *cirandas de saberes docentes* e das histórias de vida narradas

*Um tempo que ela sabia que não perdia,
a imensidão dos sentimentos que ela vivia
e a história da vida que ela tecia.*
(Alessandra Roscoe)

O encontro que essa investigação proporcionou com as histórias de vida das mulheres que são aqui professoras cirandeiras participantes neste estudo, exigiu um produto final que revele e valide para outras pesquisas o significado que o método autobiográfico traz para a formação docente. É preciso guardar o registro desse tempo lembrado e ressignificado a partir das histórias de vida e relatos autobiográficos das professoras cirandeiras.

No contexto social e no contexto pedagógico nas escolas, usa-se muito a frase “uma imagem fala mais que mil palavras” para justificar o uso de uma fotografia, de um filme ou imagem como mediação de conhecimento nas aulas, para aguçar os sentidos e o interesse dos estudantes pelo conteúdo. Pensando nisso, chegamos à escolha do audiovisual para compor o produto final dessa pesquisa. Um documentário autobiográfico que mostra narrativas das professoras cirandeiras participando dos encontros denominados *Cirandas de Saberes Docentes*, que serviu de instrumento de produção das histórias de suas vidas.

O planejamento dos encontros foi o caminho seguido pelo profissional de audiovisual Marcelo Paes de Carvalho para registrar em áudio, com a ajuda do jovem Damião Almeida e

em vídeo, as quatro cirandas de saberes e organizar, na linguagem do cinema, a narrativa das professoras. Demos o nome “Guardar o tempo” ao documentário que foi construído a muitas mãos, e olhos, e olhares, e ouvidos, e oralidades. O roteiro foi elaborado e escrito com o auxílio de um cinéfilo, pesquisador e admirador da linguagem cinematográfica, o professor Josemar de Medeiros Cruz, sob a orientação da pesquisadora orientadora deste estudo, Francione Charapa Alves.

Para contar as histórias de vida das professoras cirandeiras e trazer para o filme um fio condutor na narração de suas autobiografias, foi necessário compreender a importância do território da comunidade Compra Fiado para as professoras, entender o valor formativo que teve para elas e sua formação, todas as experiências contadas e vividas nesse lugar, um espaço rural, coletivo e ao mesmo tempo individual. Cada uma com sua história e contexto de formação.

Não pensem que foi fácil encontrar o fio condutor da narrativa fílmica que contasse a história do lugar e das professoras cirandeiras a partir de suas diversas e tão significativas histórias de vida, pois narramos o que somos. É na escolha do que escolhemos guardar e trazer para o contar que dizemos muito de nós e sobre nós. No processo de edição, ouvimos muitas vezes a frase, *“tanta coisa está sendo deixada de lado nas histórias de vida das professoras”*, é o momento mais difícil da criação do filme, a escolha das cenas que são aproveitadas ou que não dá para serem usadas. Dá para imaginar o sofrimento do editor, pois de quase nove horas de gravação em vídeo, foram usados cinquenta e três minutos. E ao final, o fio foi puxado e esperamos conduzir bem o telespectador ao Compra Fiado e às histórias de vidas tão potentes de suas professoras, trazendo o entendimento de toda a experiência vivida e contada.

A escolha pelo documentário se justifica porque, além de servir de registro audiovisual e fonte documental para pesquisas posteriores, o filme socializa as histórias de vida das professoras cirandeiras de modo mais acessível, já que poderá ser divulgado gratuitamente no repositório da Universidade Regional do Cariri e em diferentes mídias sociais, atendendo a um dos propósitos do estudo que é registrar e socializar as histórias de vida das professoras da comunidade rural, Vila Compra Fiado, ou seja, a sua representação será instrumento de análise em diferentes espaços.

A narrativa audiovisual oferece um amplo campo de possibilidades ao apresentar um universo semântico de experiências que acionam o passado a partir do presente, o que de imediato nos convoca a pensar sobre a falibilidade dessas histórias, mas, ao mesmo tempo, nos permite afirmar que essa memória é socialmente construída pelos envolvidos tem um caráter de potência na medida em que suscita novas ações por parte das comunidades. (ANDRADE

e MAIA, 2016, p. 14)

As autoras ressaltam o potencial da narrativa audiovisual devido a diversidade de experiências que são presentificadas do passado através das imagens, e mencionam o caráter falho das histórias por se tratar de pessoas, por isso quero lembrar que o filme retrata o ponto de vista de sua criação, porém potencializa diferentes leituras e ações por parte de quem dele participa e o assiste. O documentário "Guardar o tempo" traz uma narrativa que pode suscitar outras a partir de sua apreciação e estudo. Apreciem sem moderação e não deixem de assistir às histórias de vida das professoras da Vila Compra Fiado, um documentário.

Destaca-se assim a importância de que os registros obtidos em pesquisas sejam socializados com as participantes da mesma e com a comunidade na qual foi executada. Esses mesmos registros subsidiarão encontros formativos e reflexões sobre as narrativas e as histórias de vida ouvidas. Além de que educadores(as) da comunidade pesquisada; pesquisadores(as) da Universidade Regional do Cariri - URCA, que orientaram a pesquisa e os que se interessam pela temática; pesquisadores(as) do município de Brejo Santo e da região, poderão ter acesso aos resultados da escuta ativa das vozes, memórias e histórias de vida das professoras cirandeiras participantes deste estudo na Vila Compra Fiado.

O tópico seguinte traz o referencial teórico usado nesta pesquisa no sentido de abordar quais saberes docentes emergem das histórias de vida, e ainda como se dá a formação docente na perspectiva (auto)biográfica.

3 REFERENCIAL TEÓRICO: OS SABERES DOCENTES QUE EMERGEM DAS HISTÓRIAS DE VIDA E NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

3.1 Na trajetória, os saberes docentes

No diálogo *Apologia de Sócrates* (2001), este afirma que não acredita saber aquilo que não sabe. Para fazer tal afirmativa é necessário entender o que é saber, o que segundo o dicionário Aurélio Júnior (2011) é ter conhecimento prático, é ter ciência, é ter informação e é ser instruído. O conceito nos leva a pensar se é possível mensurar o quanto conhecemos sobre o saber docente que adquirimos ao longo da vida, leva-nos a pensar se esses saberes docentes são cumulativos e vão sendo construídos e reconstruídos no dia a dia, no exercício da docência ou se é necessário desenvolver a competência de reconhecer esses saberes e significar os mesmos.

Ao longo da vida vamos construindo saberes diversos provenientes das vivências e convivências do cotidiano nos ambientes e nas trocas com as pessoas. Todos esses saberes que vamos adquirindo e aperfeiçoando na trajetória de vida, que embasam o trabalho e a formação docente são trazidos por Tardif (2014), como um conjunto de saberes que articulam o social e o individual. Um saber que estabelece relações entre o conhecimento formal que adquirimos na trajetória educacional, profissional e os saberes experienciais. O que comunga com Freire (2019) que traz a leitura do mundo como um saber que não deve ser desconsiderado na trajetória do sujeito.

Seguindo esse raciocínio, entende-se que os saberes adquiridos são sociais porque são compartilhados com os pares, porque se dão em meio a um sistema que o legitima e orienta, porque são praticados socialmente, evoluem e se modificam de acordo com o tempo e contexto em que se dão. Para Tardif (2014) o saber se compõe por diferentes saberes transmitidos por instituições de formação, saberes plurais provenientes da formação profissional, da formação inicial e contínua, integrada à universidades e cursos diversos provenientes de grupos sociais que pensam e detêm esses saberes. O saber docente ainda se compõe de saberes que os professores aprendem e aplicam a partir de novos métodos que têm que usar ao longo do trabalho nas escolas, e ainda, dos saberes provenientes do seu meio, do conhecimento do cotidiano.

Sabendo disso e com um lócus de pesquisa em uma comunidade de tradição em ações coletivas e de oralidade, analisar se as narrativas das docentes dialogam bem com o seu espaço de convivência camponês e coletivo, com essas ideias tardifianas e freirianas, pois a realidade comunitária produz saberes específicos para essas professoras, saberes que refletem em seu

trabalho e atuação nas escolas. A ideia que as narrativas de si façam emergir saberes relacionados com esse território rural e coletivo, fomentando em cada professora a percepção do aspecto formador de narrar sobre si e a travessia por esses saberes constituídos ao longo da vida na comunidade, complementando a formação pelo ato de narrar a si próprio e escutar o outro. Sobre comunidade Silva (2022), diz que,

Entende-se por comunidade um grupo de pessoas que frequenta ou divide o mesmo espaço, seja ele um território físico ou um ambiente virtual. Na comunidade, seus integrantes possuem modos de vida e ideologias semelhantes, são conectados por laços afetivos, por interesses comuns ou pela troca de experiências coletivas. (SILVA, 2022, p. 52)

Ao narrar e escutar as histórias de vida, cada professora cirandeira vai se reconhecendo como produtoras de saberes o que exige da sociedade valorização do papel destas no processo de formação e produção dos saberes sociais. As narrativas trazem a possibilidade da identificação dos saberes docentes narrados por estas e a observação de como mensuram e relacionam os saberes constituídos ao longo da vida com a atuação profissional. Outra razão para promover essas narrativas é a auto valorização e conscientização do seu papel de produtora de saberes no exercício de suas docências.

3.2 Na narrativa da travessia – a formação na perspectiva (auto)biográfica

A realização de estudos sobre pessoas, lugares ou grupos sociais, vem crescendo em meio a um contexto de narrativas invisibilizadas. Na perspectiva de usar as histórias de vida como fonte significativa e confiável nessa investigação e no sentido de que toda história merece ser registrada como forma de desconstrução dos tradicionais lugares de enunciação do passado de narrativas invisibilizadas, evidenciar relatos de professoras torna-se relevante. Pesquisadoras como Momberger (2006) e Passeggi (2011) fazem uso das histórias de vida e narrativas de si que assumem destaque em trabalhos de pesquisa acadêmica no Brasil. Ambas discorrem sobre a importância da escuta do outro na pesquisa (auto)biográfica, por considerar que a partir da memória narrada irá se produzir um documento que servirá de fonte de conhecimento para entender a pessoa, o espaço que ela ocupa, a sua trajetória de vida e o modo como enxerga a si mesma, a sua realidade e o que projeta para si.

Diante disso, reflexões teóricas têm impulsionado o protagonismo das narrativas individuais, coletivas e autobiográficas de seus personagens. A socióloga Marie-Christine Josso (2020), reflete que o acesso às experiências vivenciadas e narradas por professoras, por

exemplo, ajudam na compreensão da realidade a partir da relação com o conhecimento do seu passado e presente na educação. Maria Conceição Passeggi, Elizeu Clementino de Souza e Paula Perin Vicentini (2011) também trazem suas contribuições a respeito de narrativas biográficas para a formação e pesquisas em docência, no sentido de estudar como o processo de biografização dá forma às experiências e possibilitam a construção da consciência histórica de si, de suas aprendizagens e de seus lugares. Assim como Deise Cristina Carvalho de Jesus e Elvira Cristina Martins Tassoni (2017), ao tratarem sobre a experiência vivida na redescoberta profissional, ou seja, no desenvolvimento do processo formativo.

Vale ressaltar que para Benjamin (1994) as melhores narrativas são as contadas por narradores anônimos e na espontaneidade. Assim sendo, estimular a produção de testemunhos que afetem pessoal e profissionalmente as professoras, considerando que as narrativas de vida que serão ouvidas e evidenciadas vêm do anonimato de registros que são comumente invisibilizados, por não partirem de atrizes do meio privilegiado da sociedade, faz-nos pensar que passado e presente se relacionam e que, nesse sentido, há de se considerar que um passado de narrativas privilegiadas foi construído e que a memória carece sim ser resgatada e conservada na contemporaneidade a partir das professoras que estão tendo a oportunidade de serem ouvidas e terem suas narrativas e suas histórias de vida registradas.

Gagnebin (2006) traz a pergunta sobre por que se fala tanto em divulgação de memória atualmente e Benjamin (1994) menciona em seus escritos o valor de se falar e ser ouvido de geração em geração. A narrativa docente, tida como elemento central, possibilitará compreender como se deu a construção do saber das professoras e como esses saberes provenientes do cotidiano influenciaram e influenciam em sua professoralidade. Daí a relação entre as histórias de vida de professoras e o trabalho manual, uma prática “pragmática e biográfica: assim como as diferentes ferramentas de um artesão, eles fazem parte da mesma caixa de ferramentas, pois o artesão que os adotou ou adaptou pode precisar deles em seu trabalho” (TARDIF, 2014, p.05) ferramentas cunhadas da prática e experiências vivenciadas no cotidiano, na formação profissional e no trabalho docente, considerando contudo, o entrelaçamento entre as narrativas de si, a profissão docente e a formação que essas pesquisas proporcionam.

Nóvoa e Finger (2014), em sua obra, *O método (auto)biográfico e a formação* reconhecem que este método teve seu crescimento a partir de críticas características da epistemologia sociológica, o que demonstrava a necessidade de renovação e a exigência de estudos que traduzam estruturas sociais mais individuais, que priorizem categorias menos gerais por parte das pessoas que a partir de comportamentos individuais e suas relações entre

as pessoas buscam a compreensão da vida cotidiana, envolvendo seus problemas, tensões, dificuldades e contradições. Por conta desse aspecto micro, a sociologia positivista não aceita o caráter subjetivo do método biográfico, devido a possibilidade de manipulação recíproca que pode acontecer na interação entre pesquisador e informante. Não aceita o domínio qualitativo do método, já que pouco se pode quantificar e usar a lógica para verificação de esquemas e hipóteses numa narrativa de si, o que exige aprender a decifrar suas informações.

Segundo os autores críticos, a descrição dos fatos narrados na história de vida para além da verdade ou do literário, conta sobre o contexto social e histórico em que a narrativa se dá no presente, sua relação com o passado do narrador(a) e projeção que este faz a partir dela para o futuro. Não se é mais o(a) mesmo(a), nem se enxerga mais a realidade na qual está inserido(a), da mesma forma, depois de ressignificar ou significar a trajetória constituída ao longo da vida a partir dos relatos autobiográficos, o que reforça e valida o caráter formador do método biográfico e como este possibilita o fortalecimento da identidade de quem informa a história e de quem a escuta, o que se dá pela interação. Não é apenas contar uma vida, mas contar uma interação entre passado e presente por meio da memória individual e coletiva, uma verdade interacional biográfica que emerge da relação e da narrativa do eu e do outro.

Mudanças na sociedade e nas concepções de conhecimento exigiram ao longo do tempo, que a instituição educativa passasse a dar mais importância a relação que se estabelece dentro e fora da escola e entre as pessoas que compõem a comunidade escolar, para que esta relação se aproximasse de um caráter mais dialógico, cultural-contextual e comunitário.

Essa concepção exige que o professor lide com o conhecimento em construção, que leve para a docência a valorização da convivência, da cultura do contexto e o desenvolvimento da capacidade de interação entre pessoas, grupos, pares e comunidade. Exige que além de aprender a ser professora, além dos conhecimentos formais e acadêmicos, sejam trabalhadas atitudes em situações práticas efetivamente problemáticas e que dialoguem com a realidade objetiva e subjetiva para além de um conjunto de conhecimentos eruditos e valorizados pela humanidade.

Para Mizukami (2021), a formação é entendida como um *continuum*, um processo formativo para a vida toda, a partir da reflexão de que o professor, com seus valores globais, constrói novas formas de agir na realidade da sala de aula, em meio a problemas que não se resolvem usando instrumentais e aplicando regras e procedimentos teóricos, pois as situações de ensino são únicas, incertas, variáveis e complexas, dependendo do contexto onde acontecem e portanto, não existe teoria científica que atenda sozinha a essa demanda tão complexa.

Para a autora, a ideia de formação contínua segue então um modelo reflexivo e artístico entendendo que o professor constrói seu conhecimento profissional de acordo com a realidade na qual atua e que seu processo formativo e conhecimento se dá na esfera da experiência partilhada e vivenciada; na socialização profissional que se dá na formação inicial; na vivência profissional quando inicia a docência; na formação permanente, quando estabelece o equilíbrio entre a teoria e a prática. Ou seja, a união entre os saberes acumulados ao longo da vida e da carreira docente e o conhecimento adquirido na formação inicial e continuada vai fundamentar o processo contínuo de formação, que se funde em um elemento capaz de promover sentido e conhecimento na ação, a reflexão.

Um professor reflexivo além de conhecer os métodos é capaz de encarar e responder aos problemas, deseja e tem vontade de empregar os métodos, buscando equilíbrio e decidindo conscientemente o caminho a seguir como professor que constrói sua própria prática de forma reflexiva, seja ela técnica, prática ou crítica. A primeira pautada no cotidiano, nas ações explícitas que se dão na sala de aula. A segunda baseada no conhecimento prático, no planejamento e a terceira se referindo às considerações éticas, que considera limites e possibilidades de sua ação na sociedade construídas em sua trajetória de vida.

Entendendo a formação docente nessa perspectiva de junção entre a formação inicial e continuada, aliada aos saberes tanto do cotidiano, das histórias de vida, quanto do acúmulo da atuação profissional na prática educativa. Entendendo também, que a reflexão na ação nos ajuda a aplicar a teoria adquirida na formação inicial e ao mesmo tempo considerar as mudanças pelas quais passam a sociedade e o conhecimento, o que requer de professores adaptação e mudança na ação, já que o conhecimento construído está inserido num contexto, ambientado numa realidade única seja na sala de aula, na escola e na comunidade em que atua, o ato de narrar sobre esse processo é, portanto, formativo.

Diniz-Pereira (2019) ressalta que somente a partir de meados dos anos noventa é que a formação docente passou a ser considerada nas etapas de formação inicial e continuada, enquanto se faz necessário considerar a formação docente como um processo que se dá ao longo da vida e que não acontece formação em contextos de caixinhas separadas. Esta se dá sempre atrelada ao trabalho docente, em contexto escolar, comunitário e em cooperação e colaboração entre pares. A formação docente se inicia no cotidiano, nas experiências sociais, pessoais, individuais e coletivas ao longo da existência do(a) professor(a).

A formação profissional docente se desenvolve a partir dos saberes e práticas da realidade na qual o(a) professor(a) esteja inserido. Esse é o fator que vai preponderar na sua identidade docente. A trajetória de vida vai configurar a docência, considerando as condições

de trabalho enfrentadas, a formação institucional, as transformações sociais testemunhadas, as práticas pedagógicas e as vivências coletivas. Pensando nisso, o fato de relatar sobre como se tornou professora, elencar todas as lutas, desafios e obstáculos enfrentados no percurso formativo até ingressar na escola profissional em educação contribui para o fortalecimento da docência das professoras ao perceber nas próprias narrativas, as mudanças ocorridas nos contextos sociais e profissionais, as transformações laborais que foram sendo absorvidas na travessia. Seres em processo de transformação contínua e em um continuum processo de formação. Sujeitos inacabados inseridos em uma sociedade plural, injusta e desigual. Se metamorfoseando no processo, às vezes praticando o mimetismo para driblar os percalços e seguir.

A pesquisa, o estudo das teorias sobre a formação, sobre as histórias de vida e sobre o trabalho docente são indissociáveis, permitindo enxergar o percurso por uma nova ótica, sobre o quanto pode ser formador narrar a trajetória de vida, o que fortalece a identidade docente e o pertencimento a uma classe tão necessária para a sociedade.

3.3 O elo entre as histórias de vida, a biografia educativa e a formação docente

Josso (2020) defende em suas pesquisas que as narrativas biográficas contribuem para a compreensão do processo de formação e ressalta a vitalidade efetiva das abordagens (auto)biográficas e dos estudos envolvendo histórias de vida, principalmente, devido às constantes mudanças sociais na atualidade, carecendo de valorizar as lutas individuais e a resistência proporcionada por estas narrativas, no sentido de servir de apoio para recompor novos territórios de reflexão.

As vidas narradas pelas professoras foram apenas um dos eixos formativos desse estudo a partir da formação mediada pelo próprio ato de narrar a si mesmas, na escolha do que “é significativo contar, ali já se encontra implicado um conteúdo e, em parte, uma vontade de perpetuar fatos, coisas, pessoas que ajudaram a fazer a história de si e de uma comunidade” (BRAGANÇA e SOUZA, 2012, p. 28.) e na escuta do outro. Ao escolher o que narrar e ao ouvir a narrativa escolhida para ser contada pelos pares e fazer conexões com a sua própria narrativa se forma e reforma os saberes construídos ao longo da travessia relatada, como afirma Freire (2019).

O outro eixo que emerge das escutas das histórias de vida relatadas pelas professoras realizadas nas *Cirandas de Saberes Docentes* propostas na metodologia deste estudo é o da biografia educativa. Nóvoa e Finger (2014) propõem que a biografia educativa seja um

instrumento de compreensão do processo de formação narrado na travessia até à docência. As professoras narradoras elaboram e relatam suas autobiografias e histórias de vida e essa pesquisa, a partir da escuta dos relatos organiza o perfil de biografias educativas das mesmas procurando compreender como se deu o processo formativo de cada uma das professoras, evidenciando os pontos comuns nas narrativas e ressaltando na individualidade o que cada uma delas escolheu narrar a partir da memória afetiva do próprio percurso profissional, as dificuldades enfrentadas, a valorização da formação acadêmica, elaborando uma biografia educativa sistematizada a partir de seus relatos.

A escuta das narrativas (auto)biográficas fornece elementos relevantes para a observação e escrita das biografias de professoras de uma comunidade rural, um território singular, repleto de coletividade e saberes produzidos a partir de vivências coletivas. Biografias sobre saberes e formações individuais e coletivas, pois as narradoras têm ligação com a mesma comunidade e as mesmas experiências coletivas e comunitárias. O que permitiu tanto às narradoras quanto à pesquisadora que partilha das mesmas vivências e território, se perceberem, ao mesmo tempo, como sujeitos e objetos de investigação, promovendo o fortalecimento da identidade pessoal e docente e o senso de pertencimento a uma classe, a um lugar e a um processo formativo que têm pontos comuns e divergentes, dependendo das particularidades e caminhos que escolheram ou foram levados pelas condições sociais e econômicas a seguir no percurso da travessia pela vida.

Os relatos realizados e ouvidos pelas professoras nas cirandas estão carregados de subjetividades e da consciência das participantes de que contar é importante e faz emergir outros conhecimentos. Esse processo reflexivo que as narrativas das professoras provocam evocam a compreensão do processo de formação docente. Vamos passear nas histórias de vida das professoras do Compra Fiado no tópico a seguir e conhecer como se deram as cirandas.

4 VAMOS CIRANDAR: HISTÓRIAS DE VIDA DAS PROFESSORAS DA VILA COMPRA FIADO

*Ciranda cirandinha,
vamos todos cirandar
vamos dar a volta e meia,
volta e meia vamos dar.
(Canção popular)*

Cirandar é brincar e cantar com pessoas em movimentos circulares. O sentido inicial de ciranda usado nos encontros com as professoras-cirandeiras nesta pesquisa foi retirado do ato de brincar de rodas nos terreiros das casas da Vila Compra Fiado nas noites de lua clara, uma das brincadeiras comuns da infância na zona rural, e também do caráter oral de cantar as cantigas de memória, de mãos dadas, rodando em círculos, partilhando a experiência do brincar e se divertindo uns com os outros. A figura ilustra os temas e como foram organizadas as *Cirandas de Saberes Docentes*:

Figura 4 – Organograma das Cirandas de Saberes Docentes



Fonte: A autora (2024)

A ideia de chamar o momento da escuta das narrativas (auto)biográficas das professoras de *Cirandas de Saberes Docentes*, veio de uma prática de mediação de leitura realizada na rotina do ciclo de alfabetização (segundo e terceiro anos) e quinto ano, durante o período de

meu exercício de docência como professora nessas turmas, entre os anos de 2015 e 2020. A prática de educação que compõe a rotina literária nas escolas municipais de Brejo Santo, foi encaminhada pelo Eixo de Literatura e Formação do Leitor do MAIS PAIC (Programa de Alfabetização na Idade Certa), uma política pública prioritária do Ceará que visa oferecer formação continuada para professores e gestores das escolas dos municípios cearenses.

Essa atividade literária do programa de alfabetização foi denominada de *Alforje de Histórias* e consiste na leitura em voz alta de um livro físico escolhido e na elaboração e vivência de um diálogo circular sobre a temática do livro e as relações com outras obras e atividades do repertório pessoal da turma e do(a) professor(a) que atua como leitor(a) exemplar e como mediador(a) da roda de conversa sobre o texto lido, sem a didatização do mesmo. Segundo as autoras do artigo *Alforje de Histórias: uma iniciativa de mediação de leitura literária nas escolas públicas do Estado do Ceará* (2022), o alforje de histórias é uma ação literária semanal, com duração de trinta a cinquenta minutos, dividida em dois momentos distintos e inseparáveis, a leitura do livro em voz alta e o círculo de cultura, uma roda de conversa sobre o texto lido e ouvido, no caso, um diálogo organizado e realizado em círculo, compartilhado entre professores(as) e estudantes. O programa existe até o presente ano e essa prática de mediação de leitura é disseminada em formações do eixo de Literatura, no Ceará.

O círculo de cultura realizado durante o alforje é fundamentado em Paulo Freire (1967) e é uma mediação literária que se forma leitores, tanto professores(as) quanto alunos(as), de forma sistematizada e ao mesmo tempo espontânea, principalmente porque relacionam o texto ao diálogo proposto nos círculos e relatam as experiências do cotidiano, o que facilita o desenvolvimento da oralidade e formação do hábito da leitura literária. Foi a possibilidade desse diálogo circular e dos relatos orais a partir das experiências do cotidiano, que nos levaram a chamar os encontros com as professoras, de cirandas, cirandas de saberes docentes.

Logo abaixo é possível observar uma roda das professoras cirandeiras brincando e cantando a ciranda popular “vou pedir a seu, para casar com você, se ele disser que não, morrerei de paixão. Palma, palma, palma. Pé, pé, pé. Roda, roda, roda. Abraça quem tu quiser.” Essa roda aconteceu após o lanche, no final da segunda *Ciranda de Saberes Docentes*.

Figura 5 - Ciranda das professoras da Vila Compra Fiado.



Fonte: MOURA (2023)¹⁸.

Por fim, pela curiosidade de conhecer as origens das cirandas, descobriu-se que são de origem da dança de roda infantil portuguesa trazida ao Brasil por volta do século XIII e, é uma manifestação folclórica popular praticada na beira do mar, nas ruas e terreiros, também adentrando o interior chegando a ilha pernambucana de Itamaracá, onde vive a cirandeira, compositora e cantora Lia de Itamaracá que dissemina as cirandas como uma manifestação popular da cultura oral também por mulheres em rodas e cantigas de ciranda.

Fato esse que mais uma vez tem relação com o nome escolhido para as cirandas com as professoras do Compra Fiado - cirandas de mulheres docentes que juntas em círculo, vão narrar suas histórias de vida e ouvir as narrativas de seus pares, disseminando uma travessia cotidiana que as levaram a ser professoras e que permite enxergar no processo vivido como seu deu a formação para a docência e como pode ser formador no ato de narrar a própria vida.

França (2011) afirma que as cirandas remontam as lembranças de uma infância permeada de memórias guardadas. Aqui neste estudo, a opção de escolha pela nomeação de cirandas para os diálogos circulares com as professoras do Compra Fiado remete às brincadeiras de roda da infância na comunidade e as rodas de leitura realizadas em sala de aula nas escolas

¹⁸ A partir desse ponto no texto, quando a referência do registro fotográfico for MOURA (2023), o registro foi realizado pelo prof. Alessandro Moura, esposo da professora Veridiane; quando aparecer MENDES (2023), FEIJÓ (2023) as imagens foram registradas por jovens da comunidade, a Dudinha Mendes e Sophia Feijó; quando aparecer SILVA (2023) o registro foi feito pela professora Veridiane Silva e por último, se a referência for CARVALHO (2023), a imagem foi registrada pelo profissional responsável pela gravação do documentário, Marcelo Paes de Carvalho.

em que trabalharam, práticas que permeiam a infância e a docência das professoras-cirandeiras dessa pesquisa.

As *Cirandas de Saberes* tiveram duração de duas horas cada uma e foram organizadas de modo a contemplar a dimensão narrativa do eu e do nós e na dimensão temporal do passado, presente e futuro, de acordo com Momberger (2006). Assim, as professoras-cirandeiras foram convidadas pessoalmente para as *Cirandas de Saberes*, e foram esclarecidas sobre o objetivo da pesquisa e sobre a necessidade de ceder, através de declarações espontâneas e termos, o uso de imagens e dos depoimentos, comprometendo-se com a socialização responsável do seu resultado, e também foi no momento do convite que se deu a explicação de como e quando as *Cirandas* iriam acontecer e o local.

4.1 O território das cirandas

O território escolhido para a realização das cirandas transitou entre a escola em que a maioria das professoras-cirandeiras trabalhou e estudou, com exceção de uma professora. Dois encontros aconteceram debaixo dos pés de jatobás da Vila Compra Fiado, um outro aconteceu no prédio comunitário onde está se iniciando uma biblioteca comunitária que recebeu o nome da primeira professora da comunidade, Maria Alexandrina do Nascimento (in memorian) e mais um, na escola que atende até hoje estudantes da comunidade, a escola Manoel Reginaldo Bezerra.

Figura 6 - Pés de jatobás, espaço comunitário da Vila Compra Fiado



Fonte: SILVA (2023).

A figura ilustra os pés de jatobás da comunidade Compra Fiado. As sombras dessas árvores abrigam encontros de todo tipo, desde rodas de conversa sobre trabalho, diversão, futebol, assuntos ligados à associação comunitária e planejamentos de forrós e festas.

Os três espaços escolhidos para a realização das cirandas, os pés de jatobás, a biblioteca e a escola, carregam memórias afetivas pessoais e profissionais das professoras participantes do estudo. Professoras que atuam na rede de ensino municipal da cidade de Brejo Santo, Ceará e que partilham de experiências coletivas comuns vivenciadas na comunidade.

Mediante o exposto, pode-se afirmar que, para educadores que atuam em contextos comunitários, de significativa efervescência cultural, é importante levar em consideração as histórias e a memória coletiva. Este é o caso da Vila Compra Fiado, em que as narrativas, as paisagens, as questões pertinentes ao contexto comunitário, passaram a ser pensadas a partir da realidade da própria comunidade e de suas histórias. (SILVA, 2022 p. 50)

De acordo com Silva (2022), o território desta pesquisa carece de ser levado em consideração pelo contexto de realização de atividades culturais coletivas realizadas pelos moradores e pela valorização da educação para além do meio rural em que está inserido, sendo que este meio é também considerado pela comunidade como um elemento educativo formador. Vamos entender esse contexto a partir das Cirandas de Saberes Docentes promovidas com as professoras-cirandeiras da comunidade. As cirandas são descritas logo adiante.

4.2 Cirandas de saberes docentes: desenrolando o fio do vivido

*“Eu tentei compreender a costura da vida.
Me enrolei, pois, a linha era muito comprida. E como é que eu vou fazer para desenrolar?” (Sérgio Pererê)*

Narrar a trajetória de uma vida inteira exige escolhas e compreensão da própria existência. A história de uma vida é semelhante a um novelo de linha que vai se tornando volumoso com o passar do tempo, que vai se enroscando, tomando forma, e que, às vezes, se quebra, a linha precisa ser emendada e outras vezes se enlinha, formando nós que não são fáceis de desenrolar. Compreender a costura de uma vida é se entregar a escuta e deixar entrelaçar-se na história de vida ouvida.

Cada ciranda é descrita logo adiante evidenciando o narrar e o ouvir. Mostra como em resposta a busca pelo sentido do narrar vai fazendo a pessoa internamente refletir a respeito do que contar sobre vida, o que de importante foi vivido que vale a pena ser dito, para contar sobre si. São perguntas que vêm à mente na hora de falar sobre si e que são respondidas à medida que a memória vai puxando o fio da narrativa mediado pela temática a ser narrada.

- **Primeira Ciranda: Quem é você?**

*“Vem de um lugar chamado Flores
Esta ciranda
De tantas cores
Vem nos falar dos trovadores
Dos bem-amados
Dos benfeitores.”
Gilberto Gil*

A primeira ciranda aconteceu ao lado da casinha de taipa, um ponto de memória que compõe o território dos pés de jatobás, localizados no coração do lugar, um local de encontro para tudo na comunidade Compra Fiado. Essa ciranda se deu em um domingo de tarde ensolarado e teve como tema "*Quem é você?*" trazendo como objetivo conhecer como cada professora-cirandeira se reconhece, se identifica e narra sobre si mesma, mostrando a sua relação com a família, comunidade, escola, trabalho e sonhos. Cada professora-cirandeira contou a história do seu nome e significado e a narrativa que conhece sobre a família, infância, vida escolar, identidade, guardados de lembranças e sonhos.

Todas as professoras-cirandeiras compareceram, assim como pessoas da comunidade que ficaram sabendo da realização do encontro. Alguns dos presentes, principalmente jovens, ajudaram na realização da ciranda, oferecendo apoio, tirando fotografias e também ouvindo as narrativas das docentes. No centro da ciranda, foram colocados cartões com as temáticas a serem tratadas nas falas para as professoras cirandeiras se apresentarem falando sobre si: IDENTIDADE - local e data de nascimento, nome dos pais, avós, irmãos e irmãs; FAMÍLIA - o que sabem sobre origem da família, sobre os avós, sobre como os pais se conheceram e se casaram, qual a atividades deles, o que traz da família para o trabalho atual; ESCOLA - lembranças da escola, o que ela representa, professores marcantes, qual o lugar que a escola ocupa na sua vida de professora.

As cirandeiras trouxeram lembranças da JUVENTUDE - onde passou a juventude, como se divertia, o que fazia, se for casada, como conheceu o esposo/esposa, como foi o

casamento, se tem filhos(as) e quais os nomes deles(as), como a juventude aparece em sua atividade atual; do TRABALHO - que atividades já realizou na trajetória de vida, como as aprendizagens dessas atividades contribuíram para a profissão atual, quais as dificuldades enfrentadas, como está no trabalho hoje; de SONHOS - quais conquistas almejadas conseguiu realizar e quais os planos para o futuro, o que ainda planeja para a sua formação docente e de OBJETO significativo para cada uma, um guardado de memória que considera importante. As descrições eram possíveis inferências sobre o que julgamos que poderia ser contemplado na sua fala. Em seguida, como se fossem abrir um baú de guardados, cada cirandeira mostrou o objeto significativo, solicitado anteriormente, que escolheu levar para a ciranda, contou o motivo de sua importância e o que ele representa.

Ao final da ciranda, já preparando o próximo encontro, o combinado foi trazer fotografias, imagens ou outros objetos que representassem momentos importantes das suas vidas: um devendo representar a infância, outro, devendo representar o seu tempo presente e outros três, devendo representar acontecimentos que ficaram entre a infância e o momento presente, que consideram importantes na sua trajetória de vida.

Desse primeiro encontro, as cirandeiras são apresentadas por ordem de suas próprias narrativas no encontro. Aqui foi tomada a liberdade de escrever suas apresentações nesta pesquisa na forma de carta, para que conheçam as professoras cirandeiras. A ciranda foi registrada por Marcelo Paes de Carvalho, o produtor de audiovisual responsável pelo documentário das professoras, auxiliado por Damião Almeida, um jovem do Compra Fiado com afinidades para o trabalho com o audiovisual e as imagens fotográficas das cirandeiras foram feitas por Maria Eduarda e Sophia, duas jovens estudantes que também são da vila. Cada professora saía da ciranda para ocupar uma janela da casinha e contar sobre si e sobre quem é para as professoras e para as pessoas do lugar que estavam presentes como ouvintes das histórias de vida contadas. Vamos conhecer as professoras cirandeiras.

Vila Compra Fiado, outubro de 2022.

Caríssimo(a) leitor(a), saudações!

É com alegria que apresento para você as professoras cirandeiras que em encontros afetivos partilharam as suas narrativas autobiográficas e contaram as suas trajetórias de vida. Cada narração foi regada com muita emoção, sentimento de pertença, surpresas sensoriais e

fortalecimento de identidade com uma história individual e coletiva e com um lugar e suas vivências.

No dia mundial do livro, realizamos a primeira Ciranda de Saberes Docentes, na Vila Compra Fiado, lugar onde cresceu a pesquisadora e as professoras participantes deste referido estudo. Elas falaram sobre os seus nomes, as suas origens, as suas identidades, os seus sonhos e os seus guardados de memórias. O texto a seguir está escrito em primeira pessoa e foi adaptado para a linguagem mais formal com a retirada de repetições e marcas de oralidade para facilitar a fluidez da leitura. Escrito com as palavras relatadas pelas docentes. A primeira que se pronunciou na ciranda foi a professora cirandeira Veridiane, seguida das professoras Silvana, Iany, Sonia, Ilza e Tatá. Espontaneamente, elas se posicionaram na moldura da janela da casinha de taipa e começaram a narrar sobre si:

Figura 7 - Professora Cirandeira Veridiane



Fonte: MENDES (2023).

“Eu sou Veridiane, filha de seu Pingo e de dona Valdeci, irmã de Suzana, Silvana, Zeli, Zulene, Naldo, Nivaldo e mais uma ruma de outros que papai e mamãe tiveram o privilégio de botar no mundo. Porque é privilégio, eu digo, ser irmã e gozar da presença deles na minha vida. São pessoas assim que me fazem ser muito especial. E eu me chamo Veridiane porque a minha madrinha de batismo fez essa escolha. Meu pai já tinha tido dez filhos, eu era a décima

primeira filha que estava chegando, então assim, a criatividade nesse momento, já estava em baixa, porque precisava ser muito criativo para nomear tanto filho. Minha madrinha costureira, sobrinha, afilhada, e agora, comadre, morava na cidade e ouviu falar sobre esse nome e o escolheu para mim. Veridiane significa aquela que é cheia de vida, verdadeira, intensa. Meu nome tem muito minhas características e diz muito sobre quem eu sou.

Dentro de mim eu carrego a identidade do meu lugar. Eu sou muito comprafiadense e sou honrada em ter minhas raízes fincadas nesse lugar e nessas famílias Canuto e Rosa que tem origem simples, que é formada por pessoas batalhadoras, que serviram aos senhores das fazendas e que com muita luta e persistência conseguiram oportunizar a escola, a educação e a oportunidade de formação aos seus. Uma família que me permitiu uma infância muito bonita. Uma infância sem muitos recursos financeiros, mas ao mesmo tempo uma infância riquíssima de experiência de subir nas árvores, de ter contato com a natureza, de conviver com o outro. Infância que se estendeu até a adolescência, de onde eu tenho recordações da vivência da terra, a experiência de plantar e de colher, de fazer atividades de adulto e ser responsável por ajudar. Uma família formada de pessoas que se desentendem e voltam atrás e se apoiam, que é sem dúvida a melhor família que eu poderia ter.

Tenho minha identidade voltada para as tradições nordestinas, sou uma mulher que gosto muito das festas juninas, das comidas que fazem parte dessa tradição, das brincadeiras de infância, que gosta de festejar os encontros, de estar junto, de compartilhar. Estando nesse espaço onde realizamos as cirandas de saberes docentes, embaixo dos pés de jatobás me vem às memórias da juventude, as primeiras experiências como mocinha, de paquerar, de ir pra festas e de ter os amigos. O forró debaixo desses pés de jatobás, dentro do salão comunitário até esperar papai vir tirar o leite e avisar que estava na hora de chegar em casa, antes de ter que sair para a cidade para trabalhar, o que provocou um corte, porque eu tive que me afastar um pouco da minha mãe e do meu pai e eu adorava dormir com a minha mãe e até muito tarde, já mocinha quando eu, com muito esforço, fui dormir com minha irmã no quarto. E aí quando eu fui trabalhar na cidade tinha que ficar na casa de outras pessoas, o que foi uma fase triste que aconteceu na juventude, pois as brincadeiras foram diminuindo. Mas veio com isso a oportunidade de estudar e de conhecer outros lugares, outras pessoas com outras visões de mundo, isso me permitiu amar ainda mais o meu lugar.

O meu sonho, eu fiquei pensando, o meu sonho está acontecendo, porque desde muito criança eu vivia a experiência com meu pai, de lutar por esse lugar, pela melhoria para a vida das pessoas e de querer que todo mundo desse certo na vida, que tivesse a oportunidade de ter um trabalho promissor. A partir da criação do projeto Memórias do Compra Fiado o meu

sonho de infância começou a se realizar, receber as pessoas aqui que têm interesse de conhecer a nossa história, de fazer os nossos jovens estar presentes e também se apaixonarem por esse lugar e querer manter as tradições, as memórias que a gente construiu ao longo dessa caminhada até hoje.

Sobre o objeto de memória que eu trouxe, independente de religião ou crença, ela para mim é uma referência de mulher. É uma mulher forte que soube viver no seu tempo com muita garra, com muita persistência, que defendeu causas que eram difíceis enquanto viveu e eu sonho muito com esse espírito feminino, ele me acompanha mesmo quando não está fisicamente comigo. É Nossa Senhora de Fátima.”

Pois é amigo(a) leitor(a), senti a força que você está sentindo ao ler a narrativa de vida da professora cirandeira Veridiane. Ela é minha amiga, prima, foi amamentada pela minha mãe enquanto bebê, portanto, é minha irmã de leite, comadre e nunca havia sentido essa força feminina que ela enviou para nós ao falar de si e de sua vida. Ela trouxe em palavras a vitalidade de ser mulher e ter mulheres como referência em sua trajetória de vida. Além disso, ela demonstra muito amor pelo seu lugar e pela sua profissão.

E assim sendo, sigamos conhecendo outras cirandeiras:

Figura 8 - Professora Cirandeira Silvana



Fonte: FEIJÓ (2023).

“Eu me chamo Silvana. Eu não sei o significado do meu nome, mas deve ter relação com o que sou. Me sinto persistente, guerreira, de muita fé, eu não sou uma pessoa de desistir e nunca fui de desistir fácil. Nós somos da roça, sou irmã de Veridiane, de uma família grande e humilde, que foi crescendo e escutando conselhos do pai e da mãe para priorizar a educação. Eles viam a importância do estudo para a vida de cada filho e cada filha e fui botando isso na memória, que eu tinha que estudar, que eu sabia que ia ser bom pra mim e estudei. Esse é o sonho que eu sempre sonhei, mas não tinha o pensamento de ser professora. Então fui trabalhando e fui estudando.

Eu fui aluna da professora Ilza, uma pessoa brincalhona e divertida e quando ela casou e foi morar em outro sítio eu fui substituí-la. Eu era estudante e professora da comunidade, o que foi despertando em mim o desejo e me fazendo ver como ser professora é uma arte maravilhosa e o quanto é bom estar transmitindo o que a gente sabe como experiência. Sou da Vila Compra Fiado, onde a gente se reunia nos finais de semana, debaixo dos pés de jatobás, que era como se fosse uma praça, onde a gente contava história e sonhava em ter uma vida boa, ter um futuro melhor.

Eu tive a experiência de trabalhar de roça, de ser doméstica, trabalhar no comércio, mas eu foquei sempre em estudar. Fui persistente, fui estudando, e me tornei professora concursada do município. Trabalho com Educação Infantil, não me identifico com o Ensino Fundamental. Amo demais as crianças. Hoje como professora, gosto de estar na profissão, gosto do meu trabalho e também de continuar estudando. E para chegar até aqui como professora houve muitas dificuldades, mas isso não me levou a desistir dos meus sonhos.

Na comunidade Compra Fiado, vivi muitas memórias marcantes para a minha vida. E realmente a gente vivia tudo ao redor da nossa mãe e do nosso pai, dez irmãos. Sair daqui para ir para cidade, mesmo vindo todo final de semana, era como tirar um pedaço da gente. Para nossa mãe era como se a gente já na fase adulta, ainda fosse criança, ela tivesse carinho e cuidado com todos nós. Meu pai, que era da roça, nunca foi um homem grosseiro, nem um pai machista. Ele sempre dizia que a mulher precisava estudar para ser independente. O meu pai foi uma pessoa inspiradora na minha vida. Meu sonho era realizar o sonho do meu pai que não teve a oportunidade de estudar, que não tem diploma nenhum, mas me serviu de exemplo, me fortaleceu. Ele me deu incentivo para eu me tornar professora.”

A professora Silvana, amigo(a) leitor(a), assim como sua irmã Veridiane, traz em sua narrativa a influência marcante de ser parte de uma família grande, morar em uma comunidade

rural e de ter um pai como grande incentivador na sua formação. Na sua fala as vivências na roça e a trajetória até a docência foram marcadas por muitos desafios que foram lhe fortalecendo à medida que ia vencendo cada obstáculo.

Vamos para mais uma história de vida:

Figura 9 - Professora Cirandeira Sonia



Fonte: FEIJÓ (2023).

“Eu sou Sonia. Meu nome, tem a ver com sabedoria semelhante ao de Sophia, a minha sobrinha que está aqui prestigiando também a gente. Eu sou irmã de Sandra. Também fui aluna de Ilza. Eu estava conversando com ela antes, sobre o quanto ficou essa parte das brincadeiras que a gente fazia no caminho da escola quando ia e voltava em sua companhia, como tudo isso nos marcou bastante. Ilza é nota 10!

Eu sou filha de Assis e Zita. Tenho a minha mãe como a pessoa mais importante do mundo. Porque eu sei que ela é uma pessoa guerreira. Temos três irmãos deficientes, e eu vejo ela como o alicerce para eles. A coluna de sustentação da nossa família. Eu amo a minha família. Se eu pudesse, colocava todos nos braços para protegê-los. Mas eu sei que é impossível e o que estiver ao alcance, eu tento fazer. A escola me marcou muito por conta do aprendizado.

Foram muitos os obstáculos enfrentados na escola, mas com persistência, a gente consegue ir superando.

Me tornar professora foi uma experiência incrível mesmo, porque não fazia parte, eu não sabia o que queria ser. Quando recebi o tema dessa ciranda, eu mandei para Sandra dizendo 'eu vou descobrir quem sou eu nesse encontro', ela riu. Mas foi assim, eu costumo dizer aos meus alunos que eu não tinha nem o dinheiro da inscrição para o vestibular. E que eu ganhei o dinheiro da inscrição: vinte reais de Sandra, vinte de Josemar e vinte de Edvanio. E no primeiro encontro, lá na faculdade, quando a gente foi para a apresentação, para dizer o porquê de estar ali, eu disse que eu estava ali porque eu tinha ganhado a inscrição do vestibular e por azar, eu tinha passado. Só que hoje eu vejo que foi um up na minha vida! Depois que eu fiz a faculdade, porque eu até então, eu dizia que eu não era ninguém, tinha a minha história de vida, mas, não tinha ainda uma marca. E hoje eu sei que eu tenho uma marca, e foi através da educação, foi ao me tornar professora, que eu vejo que eu consegui a minha marca.

Eu sou professora de Língua Inglesa. Amo o que eu faço. Ainda sou aprendiz. Ser professora de Língua Inglesa no Brasil não é fácil. Porque a gente sabe as dificuldades que enfrenta, principalmente na escola pública. Mas eu tive uma experiência de trabalho antes, em uma escola privada, tem aqui três alunos dessa escola: Alan, meu afilhado. Mariana, e Sophia, minha sobrinha. Foram 22 anos trabalhando nessa escola. Eu comecei como porteira. E a partir do meu crescimento na educação, eu também fui crescendo na minha profissão. Sandra era sócia dessa escola e me deu a oportunidade de me tornar professora auxiliar. Depois de ser professora auxiliar fui ser professora titular, e já comecei sendo professora de Língua Inglesa, que para mim foi de muito aprendizado. Quem é professor, aprende todo santo dia. Ninguém é um ser completo. Até quem diz que é até sabe que não é.

Quando eu me vejo hoje, na frente de uma sala de aula, vendo os meus alunos enfrentando as dificuldades do dia a dia e não é sempre que a gente pode ajudá-los porque não são dificuldades só de aprendizagem, tem também as emoções que não são fáceis hoje em dia. O professor, ele é para, é para ser um profissional, mais do que só professor. Então assim, são muitas coisas que a gente tem que enfrentar, mas isso me torna uma pessoa melhor. O meu sonho também está acontecendo. Na verdade, talvez existissem sonhos e a gente não sabia nem identificar qual era, mas poder levar um pouco do que eu sei e também aprender com os meus alunos, é um sonho.

Quando fui procurar um objeto de memória, eu fiquei, meu Deus, o que é que eu vou levar? Eu não lembrava que eu tinha esse caderninho guardado. Eu sempre fui emotiva,

sensível, intensa demais e gostava de guardar as coisas. Aqui é o meu caderno de segredos. Neste caderno, tem um pouco da minha história. Eu estava vendo aqui que tem quando eu comecei a fazer o meu curso de computação, lá no ano de 1999, fui vendo que tem livros que eu li e anotei, cartãozinho de aniversário para minhas amigas, que eu escrevi aqui primeiro para ver se ficava legal para poder passar para o cartão, trechos de livros que eu li e achava muito marcante. Por exemplo, tem trecho do pequeno príncipe, que é um livro que eu gosto

muito, que eu já li mais de duas vezes. Eu nunca tive coragem de me desfazer desse caderno. Já joguei muita coisa fora, porque professor, todo ano tem que fazer uma faxina em casa, e sempre que eu chego nesse caderno eu digo não, esse caderno não vai ser jogado fora, porque eu tenho que guardá-lo. O que os olhos não veem, o coração não sente, pois eu afirmo que não há nada mais falso do que isso. Quanto mais longe dos olhos, mais perto do coração estão os sentimentos que procuramos sufocar e esquecer.

Sonia, é minha irmã, caro(a) leitor(a). Ela terminou a sua fala contando uma história escrita no seu caderno, o objeto guardado que escolheu trazer para a roda de conversa. A história foi retirada do livro *Onze minutos*, do escritor Paulo Coelho, que havia escrito em três de julho de dois mil e três, numa manhã de quinta-feira, diante da criaturinha mais linda do mundo, segundo ela, o seu sobrinho Davi, que é meu primogênito, com menos de um ano de vida. Ela explicou que quis ler a história porque os meninos, Davi e Sophia, seus sobrinhos, cresceram junto com ela e também a tornou a pessoa que é e estavam presente na hora dessa ciranda.

A professora Sonia confirma com sua narrativa, o quanto é amorosa com as pessoas que lhe rodeiam e ciente do seu papel formador enquanto professora. Seu relato reforça a importância atribuída à sua formação acadêmica e às mudanças que a formação inicial trouxe para a sua atuação profissional.

Vamos conhecer mais uma professora que deu sequência a ciranda, logo após a minha irmã:

“Meu nome é Iany. É um nome bem diferente. Minha mãe queria que meu nome fosse Iara, como a sereia, mas o meu pai escolheu esse nome. Minha família também é grande, tanto da parte do meu pai, quanto da parte da minha mãe, que são primos legítimos. Tenho muitas tias, muitos tios, dos dois lados. E primos e primas, que eu considero irmãos. Irmão mesmo, só tenho um. Desde pequena tenho um sonho. Eu dizia à minha mãe: ‘quando eu crescer, quero ser uma médica de criança.’ A gente vai crescendo e vai percebendo que há umas coisas mais difíceis. E desde pequena, eu sempre estudei em escola pública. Só na minha alfabetização eu

estudei em uma escolinha particular onde minha mãe trabalhava, que nem existe mais hoje, era o Castelinho do ABC. Ali foi o único contato que eu tive com a escola particular.

Como sempre me identifiquei com a área da saúde, fiz vestibular para Enfermagem. Passei, mas não cheguei a cursar. Vi que não era mesmo o que eu queria. Trabalhei em escola, trabalhei no IBGE, como recenseadora, trabalhei em papelaria, até que, por influência de colegas da escola, fui fazer vestibular para uma área específica, bacharelado em Ciências Naturais e Matemática. Que não era para ser bióloga, mas eu até dissequei um sapo. Nunca tinha feito isso, mas achei legal. Só achei ruim a parte de ter que matar o sapo e até hoje morro de medo deles. No meu percurso de faculdade, eu fui gostando cada vez mais. Só que no final do curso, perto de colar grau, eu descobri que eu não podia ir trabalhar na área da educação e eu também não queria ser professora, porque a gente só ouvia o povo se reclamando que era uma profissão difícil.

Figura 10 - Professora Cirandeira Iany



Fonte: MENDES (2023).

Fiquei quase dois anos sem trabalho depois que eu terminei a faculdade até surgir a oportunidade de tirar uma licença de uma professora da Secretaria de Educação, na sala do infantil. Tinha o meu primeiro filho com menos de um ano, meu irmão ficou com ele e eu fui. Eu enfrentei a primeira semana, aquele turbilhão de coisa, um movimento de tudo, as dificuldades e fui me encantando com as crianças, fui começando a gostar e continuei até que

terminei o ano. Não sei porque que eu tinha esse bloqueio na minha cabeça até hoje eu não consigo entender, de não querer ser professora.

Na minha juventude eu passei a maior parte do tempo aqui, na Vila Compra Fiado. Morava na cidade e vinha para cá todo final de semana. Nas férias, passava boa parte aqui com meus primos. Era um rebuliço que a gente fazia pelas capoeiras, andando pelo mato. Era emocionante. É da lembrança de uma prima que trago meu objeto de memória, a minha bonequinha. Ela está um pouquinho suja, surrada, porque por incrível que pareça, ela tem 32 anos. É a minha idade hoje. Essa bonequinha eu ganhei de minha tia, quando a filha dela ainda era viva. Ela comprou uma para mim e uma para ela. Como eu não brincava com ela, a deixei guardadinha dentro de uma caixinha, no meu guarda roupa.

O tempo foi passando e eu continuo com essa lembrança da minha prima Ana Jéssica e do brinquedo que a gente não teve a oportunidade de brincar com ele. É um brinquedo importante para mim e eu achava que não ia ter coragem de contar a história dessa bonequinha.”

Deu para perceber que a narrativa da professora Iany é carregada de lembranças de sua infância, transitando entre a vida na cidade e a vida no campo. Deu para sentir toda a angústia que a juventude enfrenta para escolher a profissão, o trabalho de toda uma vida. E foi interessante perceber que a travessia lhe possibilitou escolhas que influenciaram definitivamente na profissional que ela é hoje.

Vamos conhecer duas outras cirandeiras. Elas duas foram ficando para o final por pura coincidência, mas elas carregam algo em comum. Ambas já são professoras aposentadas e são referência para todas as demais cirandeiras:

“Meu nome é Ilza. Meu pai morava em São Paulo, e conheceu uma Ilza lá. Não sei se era amor da vida dele, mas quando chegou de volta ao Ceará, casou com minha mãe e me deu esse nome. Eu nunca pesquisei, mas eu vou pesquisar agora, porque eu fiquei curiosa para saber o que significa. Eu sou alegre e de uma família de muita gente. São 6 irmãos e minha mãe ainda criou mais dois para fazer oito. Uma família que gosta de se reunir naquele fuzuê. Meu pai, que às vezes reclamava de ter tanta filha mulher, somos cinco irmãs, e três irmãos, dizia outras vezes: ‘se não fossem minhas meninas!’

Para ser professora, recebi um chamado de uma amiga nossa que morava aqui e a mãe dela faleceu. Eu nem esperava isso. Mandaram me chamar no Brejo e me perguntaram se eu queria assumir a sala dela por um tempo e no fim, eu fiquei até me aposentar. Fui sem querer, pois era muito tímida. Meu pai me incentivou. Eu ia para a roça, mas quando era 9 horas, ele

já estava olhando o relógio para eu ir para casa tomar banho e ir para a escola que era no Barreiro Branco, sítio que fica vizinho ao Compra Fiado. Fiquei na terceira série e tivemos que estudar, fazer um curso para poder ser professora. Naquele tempo, se tivesse a segunda série e soubesse ler e escrever, já podia ser professora.

Figura 11 - Professora Cirandeira Ilza



Fonte: MENDES (2023).

Fui professora desta meninada toda. Mas agora já era na escola da Onça, Manoel Reginaldo Bezerra. No caminho da escola eu era a amiga deles, brincava e fazia bagunça na estrada. No inverno, a travessia para a escola era com água no joelho, ficava professora molhada, menino molhado, todos molhados. Era muito divertido. Na juventude, nossa praça era nos pés de jatobás. Jovens, crianças, velhos, todo mundo vinha para dançar forró, brincar e conversar. Depois casei e já como mãe de família, tive que estudar, pois não podia mais como ficar em uma sala de aula se eu não fosse concluir meu estudo. Foi quando fui para a faculdade. Com muita dificuldade, com três crianças pequenas, ia para a escola e levava a mais nova que passava o dia todinho comigo, era com caderno e com lápis, desenhando e pintando. Os outros dois eu deixava na casa de uma irmã. E eu cuidava de minhas crianças com muito amor. Sabia tudo sobre meus alunos e acompanhava as crianças com os pais até para o hospital com eles

quando adoeciam. Na escola, eu cuidava, dava banho, trazia tudo limpinho, penteado e de barriga cheia.

Hoje sinto saudades da escola, mas eu tenho pressão alta, problema de coração, fiz cateterismo, tive que me aposentar, mas se não fosse, até hoje eu estava em uma sala de aula. Ainda passei um bocado de tempo indo para a creche, substituindo professoras quando me chamavam. Fui catequista, tiradeira de novenas e celebrações de renovações na comunidade e sou madrinha e tia de muita gente que foram meus alunos, quase todos me chamam de madrinha Ilza ou tia Ilza e me pedem a bênção. Em todo canto que chego arrumo afilhado e sobrinho ainda hoje.

Uma memória que eu nunca me esqueço é da minha avó paterna. Ela montava em um jumento e ia para o mato, andava nesse jumento no terreiro e meu avô brigava. Muitos netos dormiam na casa dela e ela vinha para a beirada da rede contar histórias. Um dia, ela varreu até os meus rastros dizendo para eu não ir mais dormir lá e de noite foi me chamar em casa dizendo que estava brincando. Eu acho que eu puxei a ela na diversão. Ela era divertida mesmo.”

Pois bem, querido(a) leitor(a), Ilza, que também é minha madrinha e comadre, foi minha professora na alfabetização, e foi professora de todos os meus irmãos e de quatro das professoras cirandeiras participantes dessa pesquisa. Enquanto a ouvia falar sobre como ela é, ia vendo todas as cenas que partilhei com ela indo para a escola, um lugar que para nós era especial. A ida para a escola era um acontecimento, ninguém perdia aula, principalmente porque era divertido. Também fui aluna da próxima professora cirandeira, a professora Fátima que todos chamamos de Tatá:

“Meu nome é Fátima, mais conhecida como Tatá. Um nome com significado muito lindo para mim, pois minha mãe é devota de Nossa Senhora de Fátima. Sou uma pessoa sonhadora. Sonho com muitas coisas. O meu sonho maior é que eu chegue a ter um dia, uma farmácia viva na minha casa e que outras pessoas possam reconhecer cada planta, toda bem organizada, com placas para cada nome da planta e para que serve. Isso é um sonho que eu ainda vou realizar.

Eu vim de uma família muito pobre, que trabalhava na roça, mas com 10 anos de idade eu aprendi a costurar e costurava para a comunidade do São Bento inteira. Eu não tinha máquina nem tinha mesa, mas eu cortava as costuras em casa, no chão, fazia uns rolinhos com o tecido já cortado, ia para a casa da vizinha e lá eu costurava. Minha tia era professora no

mesmo sítio e viajou, foi embora para São Paulo. E eu, com 17 anos, tomei conta da sala de aula do mobral substituindo minha tia. Uma escola feita de palha de coco com banquinhos feitos na forquilha e à luz de lampião. No mesmo local em que eu estudava era professora. No de 1983 eu fui para uma sala de aula de Educação Infantil. Ganhei o contrato do prefeito e fui trabalhar com crianças realizando um outro sonho, porque era um sonho meu ser professora. Fui trabalhar como merendeira, zeladora e também ensinava em uma sala na casa da minha vó. E dei continuidade, só tinha a quarta série naquele tempo.

Figura 12 - Professora Cirandeira Tatá



Fonte: MENDES (2023).

E como minha colega Ilza falou, a gente teve que estudar porque se a gente não fosse estudar, a gente ia ter que sair de sala de aula. E como eu amava muito minha profissão, eu não queria sair. Fomos fazer o Proformação, curso que permitia aos professores terminar o pedagógico. E foi muito bom. Foi uma experiência que possibilitou a realização de mais um sonho na nossa vida, que era ganhar melhor já que trabalhava igual aos outros e ganhava bem menos. Na Juventude, só trabalhava e ficava em casa. Casei com 22 anos e vim morar aqui na Onça, porque eu sou da Beleza. Tive três filhas e já tenho netos.

O meu objeto trago da memória de quando terminei o pedagógico. Ganhei uma lamparina que também a gente chama de candieiro, com o significado de que era a luz que acendeu na nossa vida, naquele momento de aprendizado tão importante e que a gente ia seguir a luz dele para a faculdade. Fui privilegiada. Passei no vestibular, cursei Geografia e amei meu curso. A minha filha mais velha ficava com as mais novas e fui estudar nos finais de semana. Pegava carona na estrada, chorava de medo e corria. Às vezes vinha cantando e outras vezes vinha rezando., quanto mais corria, mais achava que alguém estava correndo atrás. Porque era muito longe. E isso para mim não me deixou nenhum trauma. Ao contrário, me deixou feliz, porque sou guerreira e batalhadora. Terminei meu curso, escrevi minha monografia e fiz um projeto sobre as ervas medicinais. Eu já tinha conhecimento popular de algumas ervas medicinais por conta de minha avó, que era descendente de índio. E aí eu me aprofundei mais e hoje eu faço xarope, pomada, inalador, chás e sou benzedeira. Não tenho como ajudar as pessoas que são carentes, que vão me benzer, e como eu não tenho condição financeira de ajudar, eu tenho meus remédios, que graças a Deus, fui abençoada e agraciada

Eu tive um aneurisma. Fiquei entre a vida e a morte, mas hoje eu estou aqui porque sou milagre de Deus. E não quis mais voltar para a sala de aula. Eu queria voltar fazendo palestra, dando cursos sobre ervas medicinais, mas infelizmente a Secretaria de Educação não me deixou. E eu me aposentei. Mas sinto saudade da sala de aula pois gosto de brincar. Gostava de cantar com os alunos, deitar no chão, contar história. E hoje eu faço isso com meus netos. Sou feliz, professora aposentada, sou benzedeira, com muito orgulho. Deus me deu esse dom de ajudar as pessoas com meus remédios caseiros. O meu sonho já está acontecendo, recebendo a Secretaria de Cultura na minha casa para falar do meu trabalho, e já prometi que eu vou ser voluntária na escola, trabalhando no projeto das ervas medicinais e farmácia viva, ajudando de alguma maneira levando em frente esse meu projeto na minha comunidade.”

Tatá, querido(a) leitor(a) é uma artista. Aposentar-se para ela não foi o fim de sua missão de ensinar. Como vocês viram, ela tem projetos para ser voluntária nas escolas ensinando sobre as plantas e seu valor medicinal, além de ser uma exímia artesã. Ela faz bolsas e panos de crochê, faz arranjos com flores e plantas desidratadas, tem um quintal na sua casa com inúmeras plantas medicinais que cultiva, pesquisa sobre essas plantas e faz lambedores, remédios e pomadas como meizinheira e ainda, é a benzedeira da comunidade e tem um senso de preservação da natureza como nunca vi.

Em sua fala, a professora cirandeira Tatá diz sobre a importância dos estudos na sua vida e na vida dessas professoras. Conta sobre a história da formação docente no Ceará,

especialmente, em Brejo Santo-CE quando fala *“a gente teve que estudar porque se a gente não fosse estudar, a gente ia ter que sair de sala de aula. E como eu amava muito minha profissão, eu não queria sair. Fomos fazer o Proformação.”*, pois *terminar o pedagógico, era exigência legal para continuar atuando como professora.*

Tanto a professora cirandeira Ilza quanto Tatá trazem na narrativa a precarização da formação docente em sua história inicial dizendo que “só tinham a quarta série, que hoje corresponde ao quinto ano, quando começaram a ser professoras, e mostram alguns avanços neste campo, quando dizem da exigência legal para buscarem a formação continuada. Esse é um dado importante e significativo que emerge das histórias narradas por elas.

As cirandeiras e eu íamos ouvindo as histórias de vida e fazendo relações com as nossas próprias histórias. Não se percebia cansaço na escuta ou ansiedade para que chegasse logo o final do encontro em nenhum semblante das professoras nem nas pessoas da comunidade que estavam presentes. Sim, havia plateia e não tinha pressa para ir embora, se enxergavam nas narrativas contadas.

Testemunhar e vivenciar pela escuta muitas das experiências contadas pelas professoras, nos fez revisitar diversas paisagens de suas narrativas tanto no cotidiano do território rural, quanto nas dificuldades enfrentadas na trajetória formativa. Pudemos contemplar a paisagem vista através da janela do narrado por cada professora cirandeira em suas histórias de vida que conhecemos até o momento. Depois de apresentar as professoras cirandeiras, certamente o(a) amigo(a) leitor(a) vai poder aproveitar mais o narrado nas vivências partilhadas por estas docentes nas próximas *Cirandas de Saberes Docentes*.

Abraços cirandeiros!

Após anunciar as narrativas da primeira Ciranda de Saberes Docentes, apresentando as participantes da pesquisa, vale comentar que as professoras cirandeiras trouxeram em seus primeiros relatos um forte sentimento de pertença e ligação afetiva com a comunidade Comprado Fiado e as pessoas que moram nela. As experiências partilhadas com as famílias, que são numerosas, demonstraram o que aprenderam com cada familiar e em cada momento da vida juntos, principalmente nas dificuldades. Trouxeram a identidade feminina que carregam, defendem e que a cada dia vem enxergando força das mulheres que atravessam as suas vidas, como destacou a professora Veridiane que é mestra por este mesmo programa de mestrado da Universidade Regional do Cariri - URCA, pesquisou sobre o reavivamento da identidade sociocultural na sua comunidade e luta pela valorização da educação e formação pela leitura e pela inclusão, ela afirmou que,

“tem sido uma travessia bonita. Olhar pra minha história e entender cada vez mais quem é essa mulher que veio desta mulher, Né? E aí eu agradeço mais uma vez a esta mulher chamada Sandra Sousa que tem nos proporcionado isso. Olhar pra nossa história enquanto mulher e olhar para as nossas mulheres ancestrais e entender nessas mulheres que nos foram referência e que nos trazem até aqui. E que a gente precisa enaltecer mais essas mulheres, enaltecer essas professoras, enaltecer essas mães, essas mulheres que fazem o tapete, que costuram, que são mães, que dedicam sua vida aos seus filhos. Essa mulher que contribuiu na roça. Pra gente enaltecer essas figuras femininas da nossa comunidade.” Professora Veridiane.

A professora Sonia também menciona a referência feminina quando diz:

“Tenho a minha mãe como a pessoa mais importante do mundo. Porque eu sei que ela é uma pessoa guerreira. Temos três irmãos deficientes, e eu vejo ela como o alicerce para eles. A coluna de sustentação da nossa família.” Professora Sonia

A própria professora cirandeira Ilza é uma referência feminina, de professora e madrinha na comunidade e foi citada por muitas das cirandeiras, como vemos na fala da professora Silvana, *“Eu fui aluna da professora Ilza, uma pessoa brincalhona e divertida e quando ela casou e foi morar em outro sítio eu fui substituí-la.”* A professora cirandeira Ilza também fez referência ao feminino na pessoa da avó, lembrando com carinho que “porém todas citaram uma mulher importante na história de vida, ora a mãe, ora outra mulher que faz parte da família e da comunidade.

Na temática da *Identidade docente*, para além da convivência familiar, o que se sobressaiu nas histórias de vida nessa primeira ciranda foi a vida no campo, a ruralidade e as brincadeiras de infância. Nas falas de cada uma é perceptível que brincadeiras coletivas vivenciadas no território dos pés de jatobás e nos terreiros de suas casas foi elemento chave para a socialização e afetividade. A professora cirandeira Iany relatou:

“Na minha juventude eu passei a maior parte do tempo aqui, na Vila Compra Fiado. Morava na cidade e vinha para cá todo final de semana. Nas férias, passava boa parte aqui com meus primos. Era um rebuliço que a gente fazia pelas capoeiras, andando pelo mato. Era emocionante... E em relação ao cotidiano da vida rural, então... o que trago para minha sala de aula, é a vivência que eu tive aqui com meus primos que ainda hoje a gente tem.” Professora Iany.

Ao longo das falas pudemos ver o encontro do narrado com a *Identidade docente* que cada uma foi construindo em relação com as subcategorias de significação que dizem respeito a ruralidade, a infância, ao convívio familiar e comunitário e a educação, como foram se formando e tornando-se professoras ao longo da vida. Todas elas mencionam nas histórias de vida o tornar-se docente. Falam sobre como a vida foi levando cada uma a se fazer educadora, a se formar educadora permanentemente, em cada vivência cotidiana e coletiva. Sobre isso Freire (1987, pág. 44) traz que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” Assim se deu com as professoras cirandeiras da Vila Compra Fiado. Ao partilhar a vida na roça com os familiares, ao planejar e experienciar atividades coletivas e comunitárias embaixo dos pés de jatobás, ao organizar brincadeiras e festejos de tradição popular com vizinhos foram se formando para a docência, o que só foram se apercebendo disso ao contar suas lembranças e ao ouvir os relatos das outras professoras. A narrativa da professora Veridiane revela essa descoberta:

“E aí nesse tempo eu me remeto a nossa infância aqui na comunidade porque a gente ajudava nos afazeres da casa e a gente às vezes ia pra roça, a gente ia pra escola e sempre sobrava um tempo pra brincar. Então entender que sempre existe um tempo pra tudo, isso me ajudou dentro da sala de aula. Eu me remeto também as experiências do dia a dia, da vida e do cotidiano. Aí eu fiquei pensando nessa menina...essa menina aos dez, doze anos, sendo catequista, logo após fazer a primeira eucaristia, de ter a oportunidade de ir de trator pra assistir as reuniões do Centro Catequético e trazer a experiência vivida lá na infância para as crianças na comunidade como isso me formou também enquanto professora.” Professora Veridiane.

Nesse contexto trazido pela professora Veridiane, Ferreira (2023, pág. 3) diz que,

as nossas trajetórias de vida nos admitem afirmar que é possível aprender com as experiências. Essas narrativas permitem pensar sobre as experiências, as aprendizagens e os sentidos presentes na formação, pois foram adquiridos num contexto individual e coletivo e fazem parte do processo identitário do indivíduo. (Ferreira 2023, pág. 3)

Ainda na temática de *Identidade docente*, tratando do universo das relações familiares (Dominicé 2010, pág. 81) ressalta a família como principal mediação no processo de formação e afirma que “os pais são objeto de memórias muito vivas. Estabelece-se com cada um deles uma relação particular, que vai, por vezes, mostrar-se determinante na orientação escolar ou profissional.” Acrescento a esse universo familiar trazido por Dominicé, o universo do lugar, a comunidade rural de convívio das professoras cirandeiras como outro ponto principal para a construção de suas identidades docentes.

Falando de lugar de convívio, o espaço escolhido para a segunda ciranda descrita a

seguir foi a biblioteca formada no antigo prédio comunitário Manoel Canuto. Esse espaço já foi salão de festa, templo para rezar missa, sala de reunião e atualmente abriga o atendimento à saúde da família na comunidade e a biblioteca comunitária. Foi nele que as professoras cirandeiras contaram a travessia da vida desde a infância até o momento presente usando uma linha do tempo.

- **Segunda ciranda: A travessia - meu tempo, minha vida e minha formação**

*As vezes ouço o vento passar
E só de ouvir o vento passar,
vale a pena ter nascido, vale a pena!
Vale a pena ter nascido.
Eu ouço o vento passar.
E só de ouvi-lo passar.
Vale a pena, vale a pena! Vale a pena ter nascido.*
(Adaptada do poema A espantosa realidade das cousas
de Alberto Caeiro e cantada pela mediadora das
cirandas em um coral virtual no ano de 2021)

A segunda ciranda para escuta da narrativa de si das professoras do Compra Fiado aconteceu em outra tarde de domingo, com o tema “A travessia - meu tempo, minha vida e minha formação.” O local escolhido pelas professoras cirandeiras foi o interior da biblioteca comunitária que tem o nome da primeira professora da comunidade¹⁹, esta funciona no prédio da associação onde também está instalada a Unidade Básica de Saúde municipal que atende aos seus moradores e moradores dos sítios circunvizinhos. Esse encontro teve como objetivo identificar e refletir sobre a relevância que a profissão e formação docente ocupam nas etapas de vida destacadas e narradas nas linhas do tempo pelas professoras. Nessa ciranda, foi feita uma acolhida literária, com uma música cantada pela mediadora e pesquisadora nas cirandas e um poema escrito e trazido por uma das professoras cirandeiras, elemento que compõe a ciranda a partir da experiência de ouvir sobre si.

*Na vida eu não tinha um caminho pra seguir.
Meus irmãos se reuniram e fizeram acontecer.
Comecei muito tarde, mas, nunca desisti.
Nunca havia pensado em vir a ser professora.
O que na minha vida, foi muito desafiador.
Mas logo cresceu em mim um grande amor.
A língua escolhida me fez perceber.*

¹⁹ Maria Alexandrina do Nascimento (*in memoriam*) viveu a vida inteira no Compra Fiado. Aprendeu a ler, escrever e contar e foi escolhida para ensinar na primeira escola do Compra Fiado. A mesma funcionava em uma casa de taipa e foi construída com madeira dos próprios pés de jatobás que tinham no terreiro de sua casa.

*Que alguém na vida, eu poderia ser.
Hoje tenho a missão de levar ensino e amor por onde eu for.*
Poema da professora-cirandeira Sonia

Depois, seguiu-se a travessia do tempo de narrativa de vida das docentes participantes, montando uma linha, demarcada com datas ou fases da vida, usando as fotografias/imagens ou outros objetos que representam momentos importantes escolhidos pelas docentes, com dois pontos fixos - o primeiro, a infância, que ficou no início cronológico da linha do tempo; o último, o seu momento presente; e os demais momentos entre esses dois marcos temporais, representando outros acontecimentos da trajetória de vida, indicando os principais, desde o seu nascimento até os dias atuais. Na apresentação da travessia montada na linha do tempo construída, as professoras cirandeiras relataram e socializaram os acontecimentos representados e identificaram quando aparece na linha do tempo a formação como professora.

Figura 13 - Linha do tempo das professoras cirandeiras



Fonte: MOURA (2023).

Foi interessante constatar que mesmo com cinco pontos bem delimitados para a linha do tempo, as professoras cirandeiras tiveram dificuldade para colocar na linha do tempo somente essa quantidade proposta. Elas trouxeram bem mais imagens e objetos do que lhes foi solicitado, demonstrando que há muitos momentos na trajetória que merecem ser destacados porque foram significativos nas suas vidas, inclusive levando-as para mudanças de emprego, melhoria de salário e melhores condições de vida.

Nos direcionou para a segunda ciranda que tratou da trajetória profissional, com o objetivo de (res)significar a identidade docente e refletir sobre os saberes de cada fase da vida que as professoras trouxeram para a narrativa e para a formação e atuação em sala de aula.

Nessa ciranda, a temática que surgiu a partir das narrativas foi a ressignificação da trajetória de formação. O preparo e a escolha das imagens e pontos importantes a serem trazidos nas linhas do tempo apresentadas pelas professoras cirandeiras já demonstraram traços de reflexão sobre a travessia pelo processo formativo vivenciado desde a infância até o momento presente. Relembrar a infância, a vida escolar, os acontecimentos em família e as conquistas proporcionadas pela formação inicial e pelo início da docência foram pontos comuns trazidos nas narrativas do encontro cirandeiro. Vale ressaltar, no entanto, que alguns pontos apareceram em mais de uma linha do tempo, como o casamento e o nascimento de filhos, para quem é casada. Sendo que a formatura foi o ponto que se repetiu em todas as linhas do tempo, indicando que a formação foi um divisor de águas na trajetória da vida pessoal e profissional. Então vejamos o que trazem as professoras cirandeiras:

“Aí terminei tudo. Aí veio - e agora o que eu vou fazer? Aí eu fiquei um ano, quase dois anos depois que eu terminei a faculdade e não consegui assim arrumar alguma coisa como emprego. Aí veio a oportunidade da Secretaria de Educação, me chamou para mim tirar uma licença. Acho que foi uma licença na educação infantil. Aí eu fiquei e agora... não quero não. Como é, eu vou...não vou. Aí muitos diziam, vai, faz a experiência, vai que tu gosta...”
Professora Iany

“Trabalhando na roça e eu fui botando isso na minha na minha memória, que eu tinha que estudar, que eu sabia que ia ser bom pra mim e estudei, mas eu não tinha o pensamento de ser professora”. Professora Veridiane

“Um certo dia, dona Herbênia, que era Secretária de Educação chegou na escola e disse que eu teria que estudar, porque, se não estudasse eu ia perder minha sala de aula. Isso para mim, foi assim de muita reflexão. A gente foi fazer o Proformação. E foi muito bom. Foi uma experiência muito boa e foi um sonho muito grande realizado na nossa vida, porque a gente terminou o Pedagógico... Passei no vestibular, cursei Geografia, ameí meu curso.”
Professora Tatá.

“Comecei a ensinar só com a quarta série. Mas tive que terminar os estudos, fazer pedagógico para poder continuar na sala de aula. Aí quando fui fazer faculdade, eu dei o nome e não fui, entrei numa depressão. Depois, já como mãe de família, tive que estudar, pois não podia mais ficar em uma sala de aula se eu não fosse concluir meu estudo. Foi quando fui para a faculdade. Com muita dificuldade, com três crianças pequenas, ia para a escola e levava a mais nova que passava o dia todinho comigo, era com caderno e com lápis, desenhando e pintando. Os outros dois eu deixava na casa de uma irmã.”
Professora Ilza.

O tema da segunda ciranda que levou a temática das narrativas desse encontro fez emergir dos relatos das professoras cirandeiras, dentro da categoria de significação da educação formal, e das subcategorias de significação da Formação inicial tardia e atuação na docência, o

que faz-nos perceber que a falta de políticas de formação levou as professoras à iniciar tardiamente a formação docente. Com exceção da professora Iany, as professoras Veridiane, Silvana, Sonia, Ilza e Tatá, todas elas, iniciaram a docência sem a formação inicial em uma licenciatura, e só depois foram ingressando na faculdade e participando de formações continuadas. Dentre elas, as professoras Tatá e Ilza, foram forçadamente obrigadas a buscar a formação inicial, concluindo o Pedagógico através de um curso denominado Proformação²⁰ e em seguida a cursarem uma graduação, o que levou as mesmas a enfrentarem muitas dificuldades e ainda a ameaça de perderem os seus empregos.

Os saberes experienciais referenciados por Tardif (2014) é que se sobressaíam na atuação docente das professoras, o que também, de acordo com Mizukami (2021), faz parte do processo formativo já que esta é entendida como um *continuum*, ou seja, um processo formativo para a vida toda, pois entende que as professoras constroem seu conhecimento profissional de acordo com a realidade na qual atua e que esse processo de formação se dá no contexto social e na construção de saberes que se acumulam ao longo da carreira docente.

A próxima *Ciranda de Saberes Docentes* tem esse propósito para as narrativas. Mediar os relatos das professoras cirandeiras no sentido de que as mesmas falem sobre os saberes que levam do cotidiano de suas histórias de vida para a atuação docente. Neste encontro, as cirandeiras sugeriram convidar as professoras Mara e Juliana que são da comunidade a participarem da terceira ciranda, já que não participaram das cirandas porque não atendem ao critério de ser da comunidade e atuar em escolas da rede municipal, pois as duas trabalham em uma escola da rede particular de ensino do município. A sugestão foi acatada e o convite foi feito. Esperamos as seis cirandeiras e as professoras Mara e Juliana na próxima ciranda que é descrita na sequência.

● Terceira ciranda: Do cotidiano para a docência

Como se fora brincadeira de roda (memória)
Jogo do trabalho na dança das mãos (macias)
O suor dos corpos na canção da vida (história)
O suor da vida no calor de irmãos (magia).
 Elis Regina

²⁰ PROFORMAÇÃO (Programa de Formação de Professores em Exercício), instituído em 1999, pelo MEC (Ministério da Educação) com o objetivo de evitar a atuação de professores sem qualificação pedagógica em sala de aula, isto é, evitar a atuação de professores leigos.

Figura 14 - Mais professoras cirandeiras para as cirandas



Fonte: CARVALHO (2023).

As sombras dos pés de jatobás abrigaram a terceira ciranda de saberes docentes. Mais uma tarde de domingo cheia de histórias de vida que teve início com a leitura de um poema que essa mãe pesquisadora ganhou da filha Sophia (ANEXO III), seguida da narração do texto escrito pela mediadora das oficinas e pesquisadora a partir das narrativas das cirandeiras, dos seus guardados e da linhas do tempo da ciranda anterior. O conto a seguir foi usado na educação literária, criado a partir dos objetos de memórias narrados pelas professoras cirandeiras na primeira ciranda de saberes docentes.

Um guardador de lembranças

Por Sandra Sousa

Essa semana eu tive um sonho que gostei muito de sonhar. Eu deitei, logo entrei em um sono profundo e rapidinho eu comecei a sonhar com um armário. Um armário bem iluminado. Ele tinha uma luz reluzente iluminando-o todo. Dava para ver todos os seus detalhes. Era um armário antigo, muito bonito, decorado com detalhes de madeira. Em estilo colonial.

Ele era cheio de gavetas. Em cada gaveta havia puxadores com linhas em dourado. Era um armário bonito. Cheguei mais perto e vi que as gavetas tinham uns nomes gravados em cada uma delas. Curiosa, resolvi que ia abrir a primeira gaveta, então eu comecei pela de baixo, onde estava escrito infância. E quando eu abri, eu vi que ela estava repleta de caixinhas,

várias caixinhas. Toquei uma caixinha e comecei a ver um objeto, era uma espécie de cadeirinha de balanço rosa com uma bonequinha. E eu vi que era uma memória de infância. Ao tocar a caixinha, descobri que ela era mágica. Era uma caixinha de guardar o tempo e que aquele era um armário guardador de lembranças.

Ali naquela caixa estava guardada uma lembrança preciosa para uma menina. E tocando naquele brinquedo, naquele guardado de memória, eu senti toda a saudade de uma menina querendo ter brincado com a prima que hoje está no céu. Era a memória de Iany, uma pessoa cheia de afeto e saudade da prima que se foi cedo.

Eu fechei a gaveta e fui reparar em outra que estava mais em cima. Fui abrindo a segunda gaveta e nem vou precisar dizer o nome que estava nela, pois assim que eu peguei no puxador e toquei em uma caixa um pouco maior que havia dentro dela, eu descobri que ela guardava um caderno. Isso mesmo, o caderno da professora Sonia. Eu nem precisei ler, porque a mágica me dava todas as frases que estavam lá escritas. Memórias de livros, trechos importantes que a dona da memória escreveu para amigas. Tinha citações lindas para sobrinhos, enviadas para suas professoras. Eu consegui sentir o que ela sentiu em cada vez que ia ao caderno e achava que valia o registro.

Fechei a gaveta para abrir a próxima. Na terceira gaveta havia dois nomes escritos que eram de duas cirandeiras, Ilza e Silvana, que acharam difícil escolher apenas um guardado. Então elas guardavam lembranças variadas que ficavam soltas na gaveta do armário e não em caixinhas. Eram lembranças de pai afetuoso e corajoso, que lhes ensinavam o valor da educação, a importância de ir para a escola estudar para garantir um futuro melhor. As lembranças que estavam ali juntas também traziam memórias de escola, de família, da roça, dos estudantes que tiveram e também de entes queridos. Eu me reconheci muito nas lembranças guardadas ali. Fechei mais essa gaveta e fui para a quarta.

Essa era toda alegre e assim que toquei no puxador, já ouvi muito barulho. Um barulho bom. Quando abri uma de suas caixinhas, vi que era gaveta de vó. E era o que estava escrito nela: vó. Ao tocar naquele nome, eu fui vendo todas as brincadeiras que aquela neta viveu com a sua vó. Brincadeiras em um jumento, brincadeiras no terreiro, muitas gargalhadas à noite, antes de dormir, a luz do candeeiro. Com alguém mais ao fundo dizendo oh mulher besta. Mas a avó não ligava. Ela sorria e brincava com aquela neta e toda a meninada que também estava lá em sua casa. Quem não tem lembranças de vó? Na mesma hora lembrei de todas as memórias que guardo de meus avós.

Fechei a gaveta, fiquei na ponta dos pés e abri uma outra que ficava mais alta ainda. Essa tinha uma luz. Quando eu abri, avistei lá dentro dela um candeeiro de zinco, com pavio

de algodão e um aro de lado. Nada queimava lá dentro porque era um armário mágico e aquele candeeiro carregava a lembrança de uma aluna ao terminar um curso como professora para poder ir para a faculdade. Aquele candeeiro representava a luz que foi a conclusão do curso para ela, uma iluminação de toda uma vida após aquele momento.

E aí eu fui para uma gaveta que estava mais acima. Essa tinha um nome pequeno e uma caixinha bem pequena. Antes de abrir, ao tocar a caixinha já fui ouvindo uma ladainha, ouvi também brincadeiras de crianças e ouvi alguém rezando e cantando. Então entendi que ali estava a imagem de Nossa Senhora de Fátima da professora Veridiane, que ela tem como exemplo de mulher, de coragem, assim como toda a força que a cerca. Eu fechei mais essa gaveta e vi que tinha várias outras que ainda estavam sem nomes, pois ali iam ser guardadas as lembranças que ainda irão ser vividas para serem acordadas e narradas um dia.

Esse foi um sonho bom de sonhar. O sonho permeado de lembranças guardadas no armário mágico da nossa vida. É um sonho que quero sonhar sempre, cheio de lembranças que escutei em encontros cirandeiros que levarei comigo para a vida toda. E em nome da memória, criei e contei essa história.

Este encontro teve como tema “Do cotidiano para a docência” e tinha o objetivo de (res)significar a identidade docente e provocar reflexões sobre quais os saberes de cada fase da vida que as professoras levaram para a formação docente e para a sua atuação em sala de aula. Foi o momento de contar: Quais os desafios enfrentados? Como o percurso até a sala de aula foi construído? Quando elas se percebem como professoras? Em que momento da vida se assumiram professoras? As professoras cirandeiros, relataram a trajetória do cotidiano para a docência, em que falaram sobre o que levaram da infância, da juventude e da vida adulta para a atuação profissional. No cotidiano da escola, como professora, e na sala de aula, quando elas enxergam a criança e adolescente que foram.

As histórias de vidas contadas e a escuta das outras cirandeiros foi nos levando para mais uma ciranda, que trouxe no tema a necessidade de elucidar e contar o que aprenderam durante os encontros cirandeiros anteriores, tema que trouxe como objetivo, socializar e refletir sobre o que aprenderam nas cirandas ao falar sobre si e ao escutar as histórias de vida das professoras e também contou com a participação de duas professoras que atuam na rede particular de ensino do município e que são estudantes do curso de licenciatura em Ciências Naturais e Matemática. Elas também moram na comunidade Compra Fiado e vieram participar da conversa, falando de sua escolha pela docência e do caminho que as levaram para a sala de aula.

Do tema dessa terceira ciranda foi elaborada a temática *O cotidiano e a formação docente*. Essa temática está mais imbuída na categoria de significação da *Educação Formal* e na subcategoria *Atuação docente* que emergiu das narrativas das professoras cirandeiras. Na relação entre o cotidiano e a atuação das professoras em sala de aula, A professora Tatá destaca que,

“eu sempre amei meu trabalho de professora. Mas aí eu tive um aneurisma, fiquei entre a vida e a morte. Graças à Deus, hoje eu estou aqui porque sou milagre de Deus. E não quis mais voltar para a sala de aula. Eu queria voltar, mas como? É... fazendo palestra, dando cursos sobre ervas medicinais, mas infelizmente a Secretaria de Educação não me deixou. E eu me aposentei.”
Professora Tatá.

Os relatos da professora cirandeira Tatá, mostram que a sua prática em sala de aula era carregada de conhecimentos sobre plantas, remédios caseiros e atividades cotidianas do convívio de seus alunos e alunas. É tanto que após a aposentadoria, a professora ainda queria estar atuando nas escolas, partilhando seus conhecimentos sobre mezinhas e plantas. Atualmente ela é benzedeira²¹, meizinheira²² e artesã.

A professora cirandeira Ilza, que já está aposentada, teve em sua narrativa de história de vida, muita semelhança com a história contada pela professora Tatá. Partilharam da formação inicial tardia, vivenciaram juntas o Proformação e a necessidade de cursar a graduação ao mesmo tempo que atuava em sala de aula e cuidava dos filhos pequenos, e ainda anteciparam a aposentadoria por problemas de saúde, a primeira com aneurisma e a segunda com problemas cardíacos. Ambas ressaltam a saudade de atuar em sala de aula e fazem trabalho comunitário nas suas comunidades, geralmente envolvendo crianças e contam como abdicaram da escola por não querer trocar sua casa para morar em casas de famílias e poder frequentar a escola. A professora Ilza relata:

“Ensinava na escola e trabalhava na roça, aí as meninas, as outras, minhas irmãs, papai botou para estudar na rua, só que era cada uma nas casas, ninguém tinha casa, era nas casas do povo para trabalhar.” Professora Ilza.

Semelhante a história de vida da professora Ilza, mesmo que um pouco mais a frente no tempo, a cirandeira Silvana viveu algo parecido, mas agora com a existência de política de formação de professores mais facilitada, assim, ela conseguiu intercalar a vida na roça com a

²¹ Pessoa na comunidade que é referência em oferecer cura de doenças através de orações em crianças, jovens e adultos.

²² Pessoa na comunidade que tem conhecimentos recebidos de uma pessoa mais velha da família, no caso da professora cirandeira tatá, recebidos de sua mãe e avó, faz remédios caseiros, geralmente para dar as outras pessoas.

formação continuada, concluir a graduação e se tornar professora efetiva da rede municipal de ensino de Brejo Santo, Ceará. A professora Silvana conta:

“Eu vivia de roça o dia todo e de noite eu tinha que estudar, mas isso nunca passou na minha mente de dizer assim, não, eu vou desistir. Vou desistir porque tá muito difícil e eu sempre fui persistente, fui estudando, estudando, cheguei no tempo de ser só professora do município, mas não concursada e agora, hoje, graças a Deus eu estudei, sou concursada. Trabalho com educação infantil, eu amo demais as crianças.” Professora Silvana

O registro da narrativa na íntegra, da professora cirandeira Silvana revela que há muita resistência e persistência nas docentes da Vila Compra Fiado, o que mostra que o valor atribuído à educação pelos familiares e que é repassado aos filhos realmente faz com que lutem por sua formação docente e por melhores condições de trabalho ao ingressarem na educação através de concurso público. Das seis professoras cirandeiras participantes das quatro *Cirandas de Saberes Docentes*, duas são aposentadas, as professoras Ilza e tatá; três são efetivas no município, as professoras Sonia, Veridiane e Silvana e a professora Iany já estudam esperando um concurso público futuro.

Nessa terceira ciranda especificamente, duas professoras que atuam na rede particular de ensino do município vieram participar do encontro cirandeiro e falaram sobre as suas escolhas pela profissão:

“Eu me sinto privilegiada de poder dizer que eu pude escolher a docência. Fiz licenciatura não porque era a única coisa que eu tinha pra fazer. Gostaria muito que mais pessoas pudessem ter essa oportunidade de olhar para nossa ciência. Dessa forma, eu vou fazer porque eu gosto de fazer. É o curso que eu queria fazer.” Professora Silmara

“Exercer essa profissão que forma todas as outras. Embora seja um pouco desvalorizada, muitas vezes nos desmotiva a sala de aula. Mas. De fato, é uma experiência incrível. E hoje eu posso dizer sem medo no coração que foi a escolha mais bonita que eu já fiz. E que com toda certeza não fui eu que escolhi, foi ela que me escolheu.” Professora Juliana

Em meio a desvalorização da profissão docente, ouvimos duas jovens professoras afirmarem que não são professoras por não terem opção de exercer outra função, que são professoras por escolha e não pela falta dela e que desde a infância foram encaminhadas para a sala de aula, que gostam tanto de exercer a profissão a ponto de afirmarem que não escolheram à docência e sim, que à docência as escolheram. As duas professoras trouxeram forte identidade com a profissão docente e emocionaram a ciranda com suas narrativas.

Na dimensão do eu e do outro e na relação entre presente, passado e futuro como nos

afirma Momberger (2006), o relato compõe a construção da experiência do sujeito e de sua história de vida, o que possibilita um espaço de mudança que é formativo e que aciona projeto para o futuro. Martins, Freitas, Pereira e Alves (2021) também afirmam que o trabalho com narrativas autobiográficas enriquece o processo de formação de pesquisadores e agrega conhecimentos à formação de professores.

- **Quarta ciranda: Contando o que aprendi com as cirandas**

“Foram muitos os obstáculos, mas com persistência a gente consegue ir superando. Me tornar professora foi uma experiência incrível, mesmo porque não fazia parte”.

Professora Sonia

Para fechar os encontros com as professoras cirandeiras, veio a quarta e última *Cirandas de Saberes Docentes*, com o tema “*Contando o que aprendi com as cirandas*”, essa ciranda aconteceu em outra tarde domingueira, na escola em que a maioria das professoras-cirandas estudou e também foram professoras, um túnel do tempo com o exercício de voltar ao ponto de partida da primeira ciranda e relembrar cada uma delas. Na dimensão do eu, refletir sobre como se sentiu ao falar sobre si nas cirandas, sobre o que foi mais fácil e/ou mais difícil falar, o que foi mais significativo nos momentos que falou sobre sua vida e qual a importância de participar dos encontros. E para a sua formação docente, o que levarão da participação nas cirandas dos saberes.

Nessa dimensão, falar o que foi mais significativo ao ouvir a outra contar sobre a vida, o que pode levar da escuta do outro para a sua vida pessoal e para a sua formação docente, o que aprenderam ouvindo a narrativa da outra cirandeira. E por fim, na dimensão, nós, pensando na trajetória de vida que narra sobre si e na escuta sobre a trajetória de vida narradas pelas outras professoras, quais são os momentos que as histórias se entrelaçam. Onde está o território rural em tudo que contaram e na atuação como professoras. De tudo o que ouviram e contaram sobre as suas vidas, o que levarão dos encontros, o que ficará nelas e na atuação como professoras, o que levarão para o projeto de vida futura, para a vida pessoal e profissional.

Figura 15 - Fechando o ciclo das *Cirandas de Saberes Docentes*



Fonte: MENDES (2023).

A ciranda começou com um passeio pelas imagens da linha do tempo da segunda ciranda dispostas em um caminho, de um lado as imagens coloridas e do outro as imagens em preto e branco, seguida da acolhida literária com a leitura do livro “*De que cor é o vento*” de Anne Herbauts (2012). A literatura é usada para sensibilizar e promover a partilha espontânea sobre o processo de participar dos encontros cirandeiros carregados de conhecimentos próprios de cada narradora, próprios de suas experiências, escolhas afetivas e lembranças, com o intuito de fazê-las pensar sobre o tom que as cirandas acrescentam para a cor da travessia narrada e qual a cor a ser usada para pintar a vida que querem contar no futuro. No sentido de que a vida tem a cor que a gente pinta, de que o pincel está à mão e a travessia está bem no horizonte. Portanto, é necessário pensar o caminho, dar o primeiro passo e seguir andando. Continuar a trajetória de vida.

Esse é o ponto em que a história de vida narrada em todas as cirandas volta-se para a sua principal personagem, que é a professora cirandeira. As cirandas com a pretensão de ajudar a significar e a entender as vivências relatadas nas histórias de vida e as possíveis relações com o fazer pedagógico, a construção de identidade e a formação das professoras da Vila Compra Fiado. Da sequência das cirandas destacamos o aprendizado que se relaciona com a vida no campo e com as atividades coletivas do cotidiano que foram vivenciadas de forma comunitária, mas o destaque maior dos relatos das histórias de vida vai para a formação inicial, para a conclusão da graduação. Vamos ao relato da professora cirandeira Sonia:

“Só que hoje eu vejo que foi assim na minha vida, foi um ‘up’, e hoje eu sei que eu tenho uma marca, e foi através da educação, foi ao me tornar professora, que eu vejo que eu consegui a minha marca... Eu comecei como porteira. E a partir do meu crescimento na educação, eu também fui crescendo na minha profissão... Eu era uma plantinha que precisava ser regada e é claro que eu precisei estar me regando com os estudos... Foram cinco anos de faculdade. Então era a faculdade mais um curso de inglês paralelo. Que eu fazia nos finais de semana e também tinha a escola. Então era faculdade, um curso e o trabalho. Era puxado, era. Mas eu consegui”
Professora Sonia.

Fechamos o ciclo das *Cirandas de Saberes Docentes* com a categoria de significação *Processo formativo das narrativas autobiográficas*, que traz a subcategoria de significação *Relato e escuta das histórias de vida*, com as professoras cirandeiras e seus relatos:

“Obrigado a vocês por ter ido lá em casa pra mim reviver minha memória de tudo desde meus vinte e dois anos até agora nos meus sessenta, mesmo não estando mais em sala de aula que eu sinto saudade, não vou mentir. Hoje eu ainda sinto saudade, porque todo dia eu saía de casa, tinha aquele trabalho.”
Professora Ilza.

“Me sinto muito grata. Agradeço a Deus primeiramente, segundo a professora Sandra e a vocês que estão aqui. Porque fui convidada. Muito obrigada! E na minha linha do tempo, com essa atitude da professora Sandra, ela fez a gente mexer lá no fundo do baú. Há muitas coisas importantes.”
Professora Tatá

“Essa experiência desse convite que a professora Sandra nos convidou foi tão engraçado quando ela chegou na minha casa pra fazer o convite eu digo, eu aceito. Ela disse, oxente, eu nem expliquei o que é mulher. Então, eu digo que eu aceito. Seja lá o que for eu vou. Não tenho isso não. Você vai me ensinando e aceitei, foi uma experiência que a gente tá vivendo. Eu adoro. Porque é algo maravilhoso a gente voltar, no nosso tempo passado, nas nossas vivências, das nossas dificuldades. É bom esse resgate da vida da gente. Eu sou agradecida, viu amada, por você ter feito esse convite, de verdade.” Professora Silvana.

Sobre a subcategoria de significação *Ressignificação da docência*, que também compõe a categoria de significação sobre o processo formativo das narrativas autobiográficas, a professora Tatá trouxe o seguinte relato sobre a escuta da história de vida de outra professora participante:

“Eu ouvi muita coragem na narrativa de Juliana. Muita vontade e eu achei muito bonito aquilo que ela falou sobre a docência. Que é uma profissão que você tem que ter amor em ser professor. Tem que ter amor, tem que ser um pouquinho de tudo. E principalmente as pitadinhas de amor em todas as situações.” Professora Tatá.

Trazendo uma última subcategoria de significação, o *Fortalecimento da identidade docente* que compõe a categoria de significação *Processo formativo das narrativas, as professoras cirandeiras trouxeram que:*

“Hoje sou professora com muito orgulho eu me formei conseguindo assim realizar o meu sonho. Trilhei outros caminhos, sou esposa, mãe, professora e tenho ainda muitos sonhos pra realizar.” Professora Silvana

“Hoje eu sou feliz, tá bom! Sou professora aposentada, sou benzedeira. Com muito orgulho, Deus me deu esse dom. Ajuda as pessoas com meus remédios caseiros. Estou recebendo, meu sonho que já está acontecendo, porque estou recebendo a Secretaria de cultura na minha casa. E foi através dessa lindona aí que me trouxe até aqui, não é, para falar do meu trabalho, visitou minha casa também.” Professora Tatá

“Da profissão, me encantei com minhas crianças. Comecei na educação infantil. Hoje estou no fundamental. Você fala assim, você quer fazer outra coisa sua vida? Eu não me vejo mais fazendo nada, a não ser professora.” Professora Iany.

Sobre narrar a história de vida e os saberes adquiridos ao longo da vida,

ocorre uma ressignificação dessa história, nela o sujeito se reconhece e se projeta. Como evidenciam os depoimentos, nos encontros realizados, vivenciamos a importância de escutar e falar do outro com o objetivo de socializar nossas experiências, conhecimentos, o exercitar a troca de saberes. Nesses momentos, produzimos conhecimentos que levamos para o nosso dia-a-dia, tanto pessoal como profissional. Neste contexto, o pessoal e o profissional estão intrinsecamente relacionados e, em nossa história de vida, trazemos para a sala de aula nossas crenças, valores, princípios e experiências das diferentes faixas etárias pelas quais passamos. (MARTINS, FREITAS, PEREIRA E ALVES 2021, p. 100)

A formação provocada pelo ato de narrar a própria história de vida, falando de si e ouvindo as outras professoras cirandeiras, proporcionou um processo formativo interno e de fora para dentro. A própria imersão nas lembranças guardadas que emergiu da narrativa permitiu a ressignificação dos fatos (re)vividos e contados. Quando unimos termos como minha história de vida com vivências e experiências que vão se entrecruzando, de acordo com Josso (2004) estamos trabalhando com um material narrativo considerado pelas narradoras como experiências significativas de suas aprendizagens, evolução sociocultural e construção de si, do seu ambiente natural e humano, o que entendemos englobar o seu território cultural e social.

Costuras foram feitas ao ouvir as histórias de vida e ao falar de si. As professoras iam se encontrando nas narrativas das outras e fazendo relações com sua própria história. Essas costuras são apresentadas a seguir nas considerações finais a respeito deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: COMPREENDENDO A COSTURA DAS HISTÓRIAS DE VIDA

*Sempre compreendo o que faço depois que já fiz.
O que sempre faço nem seja uma aplicação de estudos.
É sempre uma descoberta. Não é nada procurado.
É achado mesmo.*
(Manoel de Barros)

Olhando agora para o caminho trilhado até aqui, enxergo que essa pesquisa começou a ser achada há muito tempo. Um tempo que não sei precisar, mas que certamente remete aos terreiros das casas de minha infância, às muitas brincadeiras que dividi com as meninas e meninos da minha idade em noites enluaradas no Compra Fiado, às festas e apresentações organizadas em coletivo na comunidade, às vivências em família e à minha relação com o ambiente da escola que frequentava todos os dias, sem nunca perder uma aula, o que fiz ao longo de toda a minha vida. Sem procurar, achei essa pesquisa na escuta. Ao ouvir narrativas de professoras em um grupo de Whatsapp que compõe as ações de reavivamento da memória, oralidade e identidade da comunidade rural onde cresci, eu descobri que queria e precisava compreender a formação docente das professoras com quem convivi e aprendi a partir de suas histórias de vida, considerando os saberes docentes adquiridos em sua trajetória, em muito comigo compartilhada no passado. O eu e o nós se encontrando sempre. Como diz Manoel de Barros na epígrafe deste tópico da dissertação, as compreensões surgem no final e as descobertas feitas andam longe de esgotar-se, pois acreditamos que essa experiência irá reverberar em nossa vida pessoal e profissional por muito tempo. Dizemos isso, porque assim como foi formador para as professoras cirandeiras, o foi também para nós pesquisadoras.

Retomando os objetivos propostos nesta investigação, as narrativas autobiográficas das docentes possibilitaram a compreensão do processo de formação de cada professora cirandeira. O que as narrativas das histórias de vida das professoras da Vila Compra Fiado contam é que os seus processos de formação docente iniciaram nas infâncias compartilhadas, nas vivências coletivas e comunitárias que tiveram no contexto de ruralidade, de alternância entre a roça e a escola.

As histórias de vida das professoras cirandeiras da Vila Compra Fiado contam que as docentes da comunidade enfrentaram muitos desafios para se tornarem professoras e tiveram que ser persistentes na alternância entre trabalho e formação. As narrativas autobiográficas partilhadas aqui nesta investigação revelaram que as docentes da comunidade levaram para a

atuação docente saberes que foram acumulando ao longo da vida, que foram tornando-as e formando-as professoras.

As docentes participantes desse estudo carregam referência da presença feminina em suas vidas para a atuação profissional e assim como também levam para o cotidiano da sala de aula, as experiências de coletividade e oralidade latentes no contexto da comunidade rural onde vivem. O lugar e as atividades coletivas constituem saberes docentes que compõem o cotidiano e constroem a identidade docente das professoras, tanto no aspecto pessoal quando no social.

De acordo com os relatos destacados nas narrativas da última *Ciranda de Saberes Docentes*, a formação na perspectiva (auto)biográfica foi revelada como um forte aspecto de descoberta no próprio ato de falar sobre si, como diz (MOMBERGER, 2006), “o Eu que me inscreve ao mesmo tempo como sujeito-narrador e como sujeito-ator da história, que eu conto sobre mim mesmo.” As próprias histórias de vida vividas pelas professoras cirandeiras tornaram-nas professoras e foram tomando forma nos saberes docentes adquiridos em suas trajetórias.

Identificar esses saberes nas experiências do cotidiano das professoras da comunidade rural foi significativos também em nossa trajetória formativa a partir de suas narrativas, entender os saberes e vivências relatadas nas histórias de vida e as relações do narrado com o processo de formação docente, com a construção da identidade pessoal e profissional das professoras foi formador também para as pesquisadoras e para as pessoas que de um jeito ou de outro passaram pelos encontros cirandeiros como colaboradores e como plateia. O documentário ilustra as nuances e emoções que as histórias de vida das professoras cirandeiras da comunidade rural Compra Fiado socializam, contribuindo assim para um processo formativo individual e coletivo.

Ao final, fazendo jus ao “*Narramos o que somos*”, trago (APÊNDICE E) as narrativas (auto)biográficas das professoras cirandeiras, transformadas em versos e pequenas biografias educativas na literatura de cordel. Acordei em minha escrita, esse tipo de literatura, há algum tempo e me ocorreu escrever biograficamente sobre a pesquisa e a realização das Cirandas de Saberes Docentes e sobre a escuta das professoras cirandeiras nessa linguagem. Espero que apreciem o meu cordelário de narrativas docentes.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) **(Auto)biografia e formação humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ALVES, Francione Charapa; FREITAS, Maria Leani Dantas; MARTINS, Maria Márcia Melo de Castro. **Escrita de si e o processo em formação docente: experiência com ateliê biográfico de projeto**. In Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em Ciências Humanas. Ezequiel Martins Ferreira (Organizador). Ponta Grossa: Atena Editora, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia, e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CUNHA, Maria Isabel. O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, n. 3, p. 609-625, jul./set. 2013.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.32, n.2, p.359-371, mai/ago. 2006

DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. O método (auto)biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 81-95.

DINIZ-PEREIRA, Emílio. Desenvolvimento profissional docente: um conceito em disputa In: IMBERNON, Francisco; NETO Alexandre Shigunov; FORTUNATO, Ivan; (org.). **Formação permanente de professores: experiências ibero-americanas**. São Paulo: Edições Hipótese, 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior: dicionário escolar da Língua Portuguesa**. 2ª edição. Curitiba: Positivo, 2011.

FERREIRA, L. G. “Eu me chamo ...”: Identificando contextos formativos e histórias nos nomes de professores rurais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes docentes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GARCIA, V. L.; SOUZA, A. N. Estudos qualitativos: enfoques teóricos e técnicas de coleta de informações. A Narrativa e a pesquisa qualitativa. Raimunda Magalhães da Silva et al. (Orgs). Sobral: Edições UVA, 2018.

HERBAUTS, Anne. De que cor é o vento? São Paulo: FTD, 2012.

JESUS, D. C. C.; TASSONI, E. C. M. Escritas de mim: narrativas e a autoformação docente. **EccoS**, São Paulo, n. 44, p. 225 - 240. set./dez. 2017.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413 - 438, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 5, n. 13, p. 40-54, 28 jun. 2020.

MANFREDO, E. C. G; GONÇALVES, T. O. Saberes nas histórias de vida e na prática de formadores de professores. **Amazônia Revista de Educ. em Ciências e Matemáticas**, v.16, n. 36, p. 190-205. 2020.

MIZUKAMI, Maria Nicoletti. Formação de professores: Concepções e problemática atual. Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação. **Edufscar**, São Paulo, 2021.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: professores formadores. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 1, n. 1, dez. - jul. 2005-2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>, acesso em: 22 de janeiro de 2023.

NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN, 2014.

OLIVEIRA, Maria Elzilene Moreira Nóbrega e; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa; HAIASHIDA, Keila Andrade. Alforje de Histórias: uma iniciativa de mediação de leitura literária nas escolas públicas do Estado do Ceará. **Revista Linhas**. Florianópolis, v.23, n.52, p. 249 - 279, maio/ago. 2022.

PASSEGI, M. C.; SOUZA, E. C. VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369 - 386, abr. 2011.

PASSEGI, Maria da Conceição (Org.). Tendências da pesquisa (auto)biográfica. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PLATÃO. Apologia de Sócrates - Banquete. Editora Martin Claret, São Paulo – SP, 2001.

REIS JR., L. P. Leituras de si: saberes docentes e história de vida de formadores de professores. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 74, p. 291-308, mar./abr. 2019.

RIBEIRO, R. R. R. P. C. Cartografia dos percursos de formação, dos saberes e das práticas de ensino dos professores da disciplina de Didática em cursos de licenciaturas da Universidade

Estadual do Ceará (UECE). **Tese de Doutorado em Educação da UECE**. Fortaleza/CE. 2020.

ROCHA, C. C. T. Narrativas de professores em situação de desenvolvimento profissional: estudo no contexto do PIBID. **Tese de Doutorado em Educação da UECE**. Fortaleza/CE. 2018.

ROSCOE, Alessandra. **Caixinha de guardar o tempo**. São Paulo: Editora Gaivota, 2012.

SOUZA, Elizeu Clementino de; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica: temas transversais. Memória, dimensões sócio-históricas e trajetórias de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012.

SALES, M. J. F. S. **Formação docente e histórias de vida: entrelaces com o pensamento freireano**. Mestrado Acadêmico da UECE. Fortaleza/CE. 2021.

SOUZA, E. S.; ANGELIM, J. A. S. A escrita de si como contexto formativo de uma professora na construção de sua identidade professoral. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 15, n. 2, p.95-112 abr/jun. 2018.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SITES:

FERNANDES, Fernanda. Ciranda: histórias e origem. <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/17261-ciranda-hist%C3%B3ria-e-origens> . Acesso em 10 de novembro de 2023.

FRANÇA, Déborah Gwendolyne Callender. Quem deu a ciranda a Lia?: a história das mil e uma Lias da ciranda (1960-1980) / Déborah Gwendolyne Callender França. Recife: O autor, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7737/1/arquivo7662_1.pdf Acesso em 10 de novembro de 2023.

MAIA, M. R., & ANDRADE, A. T. A memória coletiva ressignificada por meio das narrativas audiovisuais. **Revista Extraprensa**, <https://doi.org/10.11606/extraprensa2016.115607>. Acesso em 04 de janeiro de 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUADRO CRIADO A PARTIR DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS ESCOLHIDAS NO ESTADO DE CONHECIMENTO.

Quadro I – Enfoque temático de produções acadêmicas que contemplam os descritores pesquisados.

TÍTULO DO TEXTO	AUTORIA E ANO	TIPO DE PUBLICAÇÃO	ENFOQUE TEMÁTICO DADO NOS RESUMOS DAS PESQUISAS
A escrita de si como contexto formativo de uma professora na construção de sua identidade professoral	Edvone da Silva Souza e Jose Aurimar dos Santos Angelim (2018)	Artigos	... "produto de uma pesquisa autobiográfica, buscando tecer reflexões teóricas, embasadas nas escritas de si, de docentes que são alunos de um curso de especialização em educação de jovens e adultos, buscando, a partir de suas narrativas, investigar em que termos as memórias das experiências formativas de docência destes alunos/professores manifestam a autoformação como formação. Lançamos mão dessa abordagem por entendermos que as histórias de vida e formação apresentam um estudo construído a partir dos acontecimentos, eventos, saberes, conhecimentos, atitudes e sentimentos, que emergem de uma prática docente diferenciada, quando se trabalha na perspectiva da educação de jovens e adultos."
Leituras de si: saberes docentes e história de vida de formadores de professores	Leandro Passarinho Reis Júnior (2019)		"Este ensaio trata da natureza dos saberes docentes de formadores de professores do Campus Universitário de Castanhal/UFPA por meio de histórias de vida. Objetivou-se analisar como se constituem os formadores de professores e como eles engendram e percebem a natureza e a mobilização de seus saberes docentes na prática formadora... Os resultados apontaram que os saberes docentes fecundam e se desenvolvem na trajetória formativa do professor, abrangendo a dimensão pessoal e profissional de sua vida, compondo assim sua história numa leitura crítica de si."
Saberes nas histórias de vida e na prática de formadores de professores	Elizabeth Cardoso Gerhardt Manfredo e Tadeu Oliver Gonçalves (2020)		"Investigamos saberes de formadores de professores constituídos nas trajetórias de vida e suas repercussões na prática formadora... As biografias e outros dados permitiram interpretar experiências de constituição de saberes ao longo das trajetórias e refletir acerca da mobilização deles nas práticas formadoras..."

			Evidenciamos saberes construídos nas experiências narradas, com gênese na socialização pré-profissional, estímulo na formação profissional e sedimentação na prática profissional. Os saberes erigidos nas histórias definem a constituição profissional dos formadores, repercutindo nas suas práticas de formação para a docência em matemática dos anos iniciais, representando decisões, atitudes, posturas e abordagens na ação de formar outros professores.”
Formação docente e histórias de vida: entrelaces com o pensamento freiriano	Maria Julieta Fai Serpa e Sales (2021)	Dissertação	“Este estudo discorreu acerca da formação docente abordando esta temática por meio de histórias de vida, cuja análise foi entrelaçada pelo pensamento crítico de Paulo Freire, constituindo por esta via uma oportunidade de repensar as práticas pedagógicas, bem como a própria didática de ensino e aprendizagem, uma vez que a discussão realizada contemplou a devida contextualização da educação brasileira na atualidade.”
Narrativas de professores em situação de desenvolvimento profissional: estudo no contexto do PIBID	Cláudio César Torquato Rocha (2018)	Teses	...”os achados apontam para a implicação das professoras com o que estavam realizando enquanto profissionais do ensino, para os desejos candentes de atingir os objetivos propostos a si mesmas, mais do que o comprometimento com as instituições de ensino – escola e universidade; presentes também a ambição de progredir na compreensão dos saberes da profissão docente por meio da pesquisa de suas práticas, como pretendia o projeto institucional para alimentação do sonho de que é possível melhorar na profissão. Cada professora se desenvolveu a seu modo, dentro dos recursos e do tempo disponíveis. Inferimos, para finalizar, que, no contexto do Pibid, geralmente, os professores e professoras que se inserem no Programa assim o fazem por que possuem um projeto de vida que inclui melhorias na carreira profissional.”
Cartografia dos percursos de formação, dos saberes e das práticas de ensino dos professores da disciplina de didática em cursos de licenciaturas da Universidade Estadual do Ceará (UECE)	Renata Rosa Russo Pinheiro Costa Ribeiro (2020)		“O estudo teve como objetivo compreender, por meio da postura cartográfica, a constituição do percurso de formação, dos saberes docentes e das práticas de ensino dos professores de Didática nos Cursos de Licenciatura da UECE. Como pressuposto a cartografia dos percursos de formação considerando a trama da história desses sujeitos durante seu exercício profissional estabelecendo as relações tecidas por meio dos sentidos e

		significados para o trabalho docente...Conclui-se que as escolhas e tomadas de decisões dos professores durante seu percurso formativo não se relacionam diretamente aos conhecimentos específicos para o campo da Didática, o que evidenciou que a complexidade do repertório de saberes e conhecimentos é constituída pelos docentes como saberes plurais, experienciais, disciplinares, curriculares e da ação pedagógica. Defende-se a Tese de que a constituição dos saberes dos professores da disciplina de Didática se materializa no percurso de formação seguindo diferentes trajetórias em diversos contextos sociais e culturais, portanto, possuem uma particularidade para aprender a ensinar, uma formação pedagógica específica sendo conhecida e validada pelos seus pares e sustentada no repertório de saberes mobilizados em suas práticas de ensino.”
--	--	---

APÊNDICE B - QUADRO CRIADO PARA A ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA.

Quadro II – Instrumental de análise dos resultados da pesquisa.

CATEGORIAS DE SIGNIFICAÇÃO	SUBCATEGORIAS DE SIGNIFICAÇÃO	NARRATIVAS NA ÍNTEGRA
Ruralidade	Convivência familiar	“E aí, estando nesse espaço que nós estamos agora, embaixo desses pés de jatobá me vem as memórias da juventude as primeiras experiencias como mocinha de paquerar de ir pra festas de ter os amigos. O forró debaixo desses pés de jatobá, dentro desse salão né que a gente tá aqui de frente, virar a noite no forró e esperar papai vir tirar o leite e avisar que estava na hora de chegar em casa, então foi uma juventude permeada de alegria de festa e sonhos e assim quando eu tive que sair pra cidade pra trabalhar teve um corte porque eu tive que me afastar um pouco da minha mãe e do meu pai e eu adorava dormir com a minha mãe.” Professora Veridiane “Então eu sou filha de Assis e Zita. É, tenho a minha mãe como a pessoa mais importante do mundo para mim. Porque eu sei que ela é uma pessoa guerreira. Ela... a gente tem 3 irmãos especiais, e eu vejo ela, assim, como o alicerce ali para eles. A coluna de sustentação da nossa família. Eu amo a minha família. Se eu pudesse, eu colocava todos assim, ó, para... para proteger. Mas eu sei que é impossível, não é? Mas o que for, o que estiver ao alcance, eu tento fazer.” Professora Sonia
	Infância e cotidiano no campo	“Foi um tempo bom, trabalhava na roça, mas, amigo era sagrado, pai dizia aproveite, vão relaxar que amanhã, né, o negócio é outro. Era roça, andava a cavalo, era um rebanho que eu juntava. Eu tinha o nome de cigana. Passei um monte de tempo com esse apelido de cigana, porque vivia rodeada de gente.” Professora Ilza “Então, voltar para as brincadeiras, esse pé de jatobá aqui, né lembra muito a minha infância nas minhas brincadeiras porque a gente hoje é bem adulta já e a gente brincava muito aqui eu brinquei muito da rica e pobre, brinquei muito aqui de bandeirola, brinquei muito aqui de bandeirinha, de bola aqui com os meninos grandes e a gente segurava na cintura pra poder conseguir fazer o gol. Então lembrando essas brincadeiras que a gente viveu, como eu sou, como eu fui também fundamental, mas não tive esse perfil para fundamental eu sou apaixonada por educação infantil. Pelas minhas criancinhas que me fortalece a cada dia que eu posso levar dessas brincadeiras. Como a educação infantil é

		é mais pura brincadeira, a gente sempre tem que brincar, tem que voltar a ser criança nem que não queira. Quem for pra educação infantil já vai sabendo, tem que ter energia demais, porque as crianças tem muitas energias. Elas adoram brincar, elas adoram fazer de conta.” Professora Silvana “Como foi citado pra gente no início relembrar essas brincadeiras de infância, e do que eu levo pra sala de aula. Foi importante refletir sobre isso. Enquanto também escutava as meninas que já fizeram a partilha. Eu sempre gostei como professora de brincar com os meus alunos. E eu não tinha essa noção de o quanto a minha própria infância influenciou nesse meu jeito dentro da sala de aula brincar de amarelinha, brincar de pula corda, brincar de fazer desfiles e desses momentos de diversão.” Professora Veridiane “Da minha infância, eu já tinha trazido aquela força, aquela garra, e eu queria mudar minha vida, queria mudar a vida da minha mãe. Eu sonhava em mudar aquilo tudo. Eu aceitei o desafio. Eu fui trabalhar numa sala de aula.” Professora Tatá “E aí eu escolhi né alguns...alguns...é... momentos da minha vida também né? Que foi sobre minha infância que foi nos pés do jatobá onde eu vivi muito a minha infância.” Professora Silvana. E ai essa família me permitiu uma infância muito bonita é uma infância é que não tinha muito recursos financeiros a gente não tinha muitos brinquedos a gente não tinha as vezes até o que comer é uma comida mais preparada mais rica em nutrientes mas ao mesmo tempo uma infância riquíssima assim de experiencia de subir nas arvores de ter contato com a natureza de conviver com o outro de partilhar e ai essa infância se estendeu até a adolescência eu tenho recordações de já na adolescência já com 14 15 anos brincando embaixo das as arvores fazendo comidinha com os primos brincando mesmo e vivenciando as experiencias da terra a experiencia de plantar e de colher ao mesmo tempo que era criança também vivia a experiencia de ser as vezes adulto e responsável porque já trabalhava na roça né eu um pouco menos de intensidade porque tinha o privilégio de ter os irmãos mais velhos que amenizava o trabalho pra mim então eu meio que ia pra roça trabalhar nas roças de feijão é ao invés de eu limpar duas carreiras de feijão eu limpava metade da metade de uma porque os meus irmãos ia me ajudando até eu sai lá fora”
--	--	--

		Professora Veridiane
	A educação como garantia de futuro	“Ensina na escola e trabalhava na roça, aí as meninas, as outras, minhas irmãs, papai botou para estudar na rua, só que era cada uma nas casas, ninguém tinha casa era nas casas do povo para trabalhar.” Professora Ilza. “Meu pai sempre foi uma pessoa e minha mãe de sempre de nos aconselhar, de nos de conversar, de ter essa abertura pra pra gente conversar e ele sempre priorizou sempre a educação. Ele sempre falou, né? Da educação. Acredito eu que foi um sonho que ele não teve essa oportunidade na vida dele. Né? E ele queria muito de todos os filhos Ele sempre quis dar eh que os filho todos eles tivessem estudado. Porque ele via a importância do estudo pra vida de cada um. Né? Ele sempre foi dizendo que o o estudo, a educação era muito importante na vida de cada um e eu fui crescendo mesmo na roça, né? Trabalhando na roça e eu fui botando isso na minha na na minha memória, né? Que eu tinha que estudar, que eu sabia que ia ser bom pra mim e estudei, mas eu não tinha o pensamento, né? De ser professora”. Professora Veridiane “E hoje eu sei que eu tenho uma marca, e foi através da educação, de me tornar professora, que eu vejo que eu consegui a minha marca. Então eu sou professora de Língua Inglesa. Amo o que eu faço. Ainda sou aprendiz. Ser professor de Língua Inglesa no Brasil não é fácil. Porque a gente sabe as dificuldades que a gente enfrenta, principalmente na escola pública.” Professora Sonia
	A presença do feminino	“Então, eh, minha mãe ela mais meu pai era ela era muito uma pessoa assim trabalhadeira, de coragem, corajosa né? Ela era muito corajosa, ela nunca teve outra mas a profissão dela era de ajudar meu pai na colheita, de deixar o almoço, de cuidar de nós mesmo, a gente grande, né? Ela tem esse cuidado de cuidar. E isso me ajudou bastante pra eu conseguir terminar meus estudos. Foi uma fortaleza pra mim também. Diante das dificuldade. E o que me levou que me leva também pra experiência em sala de aula, né? Incentivar a né? ” Professora Silvana “O meu objeto é uma imagem de Nossa Senhora porque ela me acompanha, é uma mulher que acredito que é muito minha mãe, é muito presente na minha vida e esses esse significado dela ser mulher, mulher. Porque eu precisei olhar muito pra minha mãe conhecer muito da história dela, conversar muito com o meu pai pra eu poder entender que mulher é essa que odiava

		tanto ser mulher e que tinha tanta raiva de cada filha que nascia mulher ao ponto de desejar entregar essa filha pra outra pessoa criar e eu fui uma das filhas que ela desejou fortemente. Né? Dá pra um casal adotar. Isso era muito doloroso pra mim porque ao longo da minha infância eu não conseguia entender porque que ela tinha tanta raiva, né? Ela Falava muito que que não queria mais ter filho e porque que eu cheguei. Né? Ela já estava tão descansada. E aí quando eu fui mãe entendi poxa essa é difícil ser mãe. Hoje eu tenho fralda descartável. Tenho tudo ali muito perto e a minha mãe nem conseguia amamentar e acendi o fogo a lenha duas três vezes na noite pra poder fazer o leite então é difícil”. Professora Veridiane “Então assim tem sido uma travessia bonita. Olhar pra minha história e entender cada vez mais quem é essa mulher que veio desta mulher, Né? E aí eu agradeço mais uma vez a esta mulher chamada Sandra Sousa que tem nos proporcionado isso. Olhar pra nossa história enquanto mulher e olhar para as nossas mulheres ancestrais e entender nessas mulheres que nos foram referência e que nos trazem até aqui. E que a gente precisa enaltecer mais essas mulheres, enaltecer essas professoras, enaltecer essas mães, essas mulheres que fazem o tapete, que costuram, que são mães, que dedicam sua vida aos seus filhos. Essa mulher que contribuiu na roça. Pra gente enaltecer essas figuras femininas da nossa comunidade.” Professora Veridiane
Educação Formal	Formação inicial docente tardia	“A gente foi fazer o Proformação. E foi muito bom. Foi uma experiência... é muito boa e foi um sonho muito grande realizado na nossa vida, porque a gente terminou o Pedagógico.” Professora Tatá. “Comecei a ensinar só com a quarta série. Mas tive que terminar, né? Para fazer pedagógico para poder continuar na sala de aula. Aí quando fui fazer faculdade, eu ainda fui lá, dei o nome e não fui, entrei numa depressão.” Professora Ilza “Só que hoje eu vejo que foi assim na minha vida, foi um ‘up’!, depois que eu fiz a minha faculdade, porque eu até então, eu dizia que eu não era ninguém, tinha a minha história de vida, mas, não tinha ainda uma marca. E hoje eu sei que eu tenho uma marca, e foi através da educação, não é, de... foi me tornar professora, que eu vejo que eu consegui a minha marca.” Professora Sonia. “Vim para a sala de aula na Educação Infantil, fiquei realizada. Trabalhei na Educação Infantil.

		Aí não tive uma oportunidade de estudar. Um certo dia, dona Herbênia, que era Secretária de Educação chegou na escola e disse que eu teria que estudar, porque, se não estudasse eu ia perder minha sala de aula. Isso para mim, foi assim de muita reflexão.” Professora Tatá “E aí eu, no tempo, meus pais não tinham essa condição de me oferecer essa faculdade. Então, quando eu fui fazer uma faculdade, Eu já estava casada. Já era mãe de duas filha, né? E eu ouvi essa oportunidade quando também fiquei concursada no município pelo concurso da educação infantil. E era um era um um curso que foi ofertado pelo do federal que chamava plataforma Freire Freire e a gente fez a a as inscrição né? Na educação e a gente fez o o vestibular na Urca que foi pela Urca que eu cursei pedagogia Então eu passei e foi nos finais de semana de semana em Brejo Santo todos os finais de semana cinco ano né? Eu eu era professora de manhã e a tarde e de de final de semana eu era estudante, né? Então foi assim, houve muitos desafios, houve muitas dificuldade, mas eu tracei, por quê? Porque era um sonho pra mim.” Professora Silvana “Mas eu acho que desde o primeiro momento, no primeiro encontro, assim, sempre foi muito forte, assim acho que eu lembro do primeiro encontro que eu falei como as pessoas eu senti uma energia primeiro do LUGAR e mais ainda de vocês assim eu falei nossa que que lição assim quanta coisa que eu tenho pra aprender com essas professoras mesmo aposentadas e a gente tem tantas histórias pra de alguma maneira se inspirar.” Professora Tatá “Que a gente terminou, a gente ganhou essa lamparina que também a gente chama de candieiro, né?E ela tem um significado quando for o dar pra gente que cada um ganhou um.Era para quê?O significado desse candeeiro muitas vezes a gente podia perguntar para a gente mesmo e não saber.É que ele era a luz que acendeu na nossa vida.Na aquele momento, que foi muito importante e que a gente chegou até lá.Aí pra mim não se apagou aí.Eu.Queria fazer uma faculdade.E aí?Fui privilegiada.Passei no vestibular, cursei Geografia, amei meu curso.Amei.Já de idade com mais uma filha.33, pequenininha. As outras criaram a minha pequena.E eu fui estudar finais de semanas.Nas férias 30 dias do mês de 7 da manhã às 5 da tarde.Vinha com os professores que ia pro Crato.De carona até Na Na pista ali de lá, vim a pé para casa, minha casa aqui perto.Vinha chorando. Às vezes vinha cantando com medo e às vezes vinha arrasando.Correndo, quanto mais
--	--	--

		corria, mais achava que alguém estava correndo atrás. Porque era muito longe. E isso para mim. Não me deixou. Assim. Nenhum trauma me deixou a pessoa mais feliz do mundo, porque. Porque eu vi que eu sou uma guerreira. Uma batalhadora. Terminei meu curso. Escrevi minha monografia e fiz um projeto em cima das ervas medicinais. Que eu já tinha conhecimento popular de alguns. Ervas medicinais por conta de minha avó, que era descendente de índio. E aí eu me aprofundei mais. E amei. Amém, me aprofundar nisso. E hoje eu faço. Xarope. Tomada, inalador. Chás. Sou benzedeira” Professora Tatá
	Atuação na docência	“Eu comecei como porteira. E a partir da, do meu crescimento na educação, eu também fui crescendo na minha profissão.” Professora Sonia “Eu vivia de roça o dia todo e de noite eu tinha que estudar, mas isso nunca passou na minha na minha mente de dizer assim, não, eu vou desistir. Vou desistir porque tá muito difícil e eu sempre fui persistente, fui estudando, estudando, cheguei no tempo de ser só professora do município, mas não concursada e agora, hoje, graças a Deus eu estudei, sou concursada. Trabalho com educação infantil, eu amo demais as crianças.” Professora Silvana “O meu trabalho, eu sempre amei meu trabalho de professora. Mas aí eu tive um aneurisma, fiquei entre a vida e a morte. Graças à Deus, hoje eu estou aqui porque sou milagre de Deus. E não quis mais voltar para a sala de aula. Eu queria voltar, como? É... fazendo palestra, dando cursos sobre ervas medicinais, mas infelizmente a Secretaria de Educação não me deixou. E eu me aposentei.” Professora Tatá. “Eu era uma plantinha que precisava ser regada e é claro que eu precisei estar me regando né? Com os estudos e depois de todo esse tempo, né? De que foram cinco anos de faculdade. Então era era a faculdade mais um curso de inglês paralelo. Que eu fazia nos finais de semana também e a escola. Então era faculdade, um curso e o trabalho. Era puxado? Era. Mas eu consegui.” Professora Sonia
Processo formativo das narrativas autobiográficas	Relato e escuta das histórias de vida	“Obrigado a vocês por ter ido lá em casa pra mim reviver minha memória de tudo deste meus vinte e dois anos até agora nos meus sessenta, mesmo não estando mais em sala de aula que eu sinto saudade, num vou mentir. Hoje eu ainda sinto saudade, porque todo dia eu saía de casa, tinha aquele trabalho, né?” Professora Ilza. “Me sinto muito grata. Agradeço a Deus

		primeiramente, segundo a professora Sandra e a vocês que estão aqui. Porque fui convidada. Muito obrigada . E na minha linha do tempo. Com essa atitude da professora Sandra, ela fez a gente mexer lá no fundo do baú. Há muitas coisas importante.” Professora Tatá “Essa experiência desse convite que a professora Sandra nos convidou foi tão engraçado quando ela chegou na minha casa pra fazer o convite eu digo eu aceito. Ela disse oxente eu nem expliquei o que é mulher. Então eu digo eu aceito. Seja lá o que for eu vou. Não tenho isso não. Você vai me ensinando e aceitei, foi uma experiência que a gente tá vivendo assim, né? Eu adoro. Porque é algo maravilhoso a gente voltar, né? Nosso tempo passado, nas nossas vivências, das nossas dificuldades, mas é bom, né? Esse resgate da vida da gente. Eu sou agradecida, viu amada, por você ter feito esses convites. De verdade.” Professora Silvana “Eu ouvi muita coragem na narrativa de Juliana, né? Muita vontade e eu achei muito bonito aquilo que ela falou sobre a docência, né?” Professora Tatá.
	Ressignificação da docência	“E aí nesse tempo eu me remeto a nossa infância aqui na comunidade porque a gente ajudava nos afazeres da casa e a gente às vezes ia pra roça, a gente ia pra escola e sempre sobrava um tempo pra brincar. Então entender que sempre existe um tempo pra tudo, isso me ajudou dentro da sala de aula. Eu me remeto também as experiências do dia a dia, da vida e do cotidiano. Aí eu fiquei pensando nessa menina...essa menina aos dez, doze anos, sendo catequista, logo após fazer a primeira eucaristia, de ter a oportunidade de ir de trator pra assistir as reuniões do Centro Catequético e trazer a experiência vivida lá na infância para as crianças na comunidade como isso me formou também enquanto professora.” Professora Veridiane “Hoje sou professora com muito orgulho eu me formei conseguindo assim realizar o meu sonho Trilhei outros caminhos, sou esposa, mãe, professora e tenho ainda muitos sonhos pra realizar.” Professora Silvana “Que é uma profissão que você tem que ter amor em ser professor. Tem que ter amor, tem que ser um pouquinho de tudo. E principalmente as pitadinhas de amor em todas as situações.” Professora Tatá. “Também na questão da infância, que a escola, não é, está presente muito nesse período, quando a gente está no fundamental 2, que vai para um,

		para um ensino médio e os obstáculos que a gente precisa passar por ele, por eles nessa fase também de escola. E foram muitos os obstáculos, mas com persistência a gente consegue ir superando. Me tornar professora foi uma experiência incrível, mesmo porque não fazia parte”. Professora Sonia “Eu dizia assim, não... eu não quero ser professora, não. Porque a gente via o povo se reclamando que era uma profissão difícil. Aí no primeiro momento eu dizia eu não quero, não, eu vou continuar estudando. Vamos ver ao que é que a vida vai levar. Aí terminei tudo. Aí veio - e agora o que eu vou fazer? Aí eu fiquei um ano, quase dois anos depois que eu terminei a faculdade e não consegui assim arrumar alguma coisa como emprego. Aí veio a oportunidade da Secretaria de Educação, me chamou para mim tirar uma licença. Acho que foi uma licença na educação infantil. Aí eu fiquei e agora... não quero não. Como é, eu vou...não vou. Aí muitos diziam, vai, faz a experiência, vai que tu gosta.” Professora Iany
	Fortalecimento da identidade docente	“Hoje eu sou feliz, tá bom! Sou professora aposentada, sou benzedeira. Com muito orgulho, Deus me deu esse dom. Ajuda as pessoas com meus remédios caseiros. Estou recebendo, meu sonho que já está acontecendo, porque estou recebendo a Secretaria de cultura na minha casa. E foi através dessa lindona aí que me trouxe até aqui, não é, para falar do meu trabalho, visitou minha casa também.” Professora Tatá “Da profissão, me encantei com minhas crianças. Comecei na educação infantil. Hoje estou no fundamental. Você fala assim, você quer fazer outra coisa sua vida? Eu não me vejo mais fazendo nada, a não ser professora.” Professora Iany. “Obrigado por ter ido lá em casa para mim reviver minhas memórias tudo, desde meus vinte e dois anos até agora nos meus sessenta. Mesmo não estando mais em sala de aula que eu sinto saudade.” Professora Ilza. “Eu me sinto privilegiada de poder dizer que eu pude escolher a docência. Fiz licenciatura não porque era a única coisa que eu tinha pra fazer. Gostaria muito que mais pessoas pudessem ter essa oportunidade de olhar para nossa ciência. Dessa forma, eu vou fazer porque eu gosto de fazer. É o curso que eu queria fazer.” Professora Silmara. “Exercer essa profissão que forma todas as outras. Embora seja um pouco desvalorizada,

		muitas vezes nos desmotiva a sala de aula. Mas. De fato, é uma experiência incrível. E hoje eu posso dizer sem medo no coração que foi a escolha mais bonita que eu já fiz. E que com toda certeza não fui eu que escolhi, foi ela que me escolheu.” Professora Juliana.
--	--	---

APÊNDICE C - TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E PÓS-ESCLARECIDO

a) TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, FRANCISCA SANDRA DE SOUSA, RG.: 2003029055666, MPEDU - Mestrado Profissional em Educação - URCA, estou realizando uma pesquisa intitulada *Narramos o que somos: histórias de vida, saberes docentes e formação de professoras da vila Compra Fiado, Brejo Santo - Ceará*, que tem como objetivo promover encontros denominados de *Cirandas de Saberes* em que as professoras narram a sua história de vida e ao fazerem a narrativa possa se formar no percurso, refletindo sobre a trajetória de saberes construídos até e pela docência. Para isso, estou desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: quatro *Cirandas de Saberes*, serão realizadas em encontros com as docentes na Vila Compra Fiado. Cada ciranda está programada para ter duração de duas horas.

Por essa razão, a senhora está sendo convidada a ser professora cirandeira dessa pesquisa. Sua colaboração consistirá em participar de cirandas seguindo um roteiro previsto para quatro encontros de duas horas de duração cada um, organizados de modo a contemplar a dimensão narrativa de falar sobre si do ponto de vista do eu, do outro e do nós e na dimensão temporal do passado, presente e futuro, para colher informações sobre a pessoa, família, infância, escola, juventude, formação profissional e mudanças que destaca na atualidade. Essa técnica escolhida já é usada em pesquisas, recolha e registro da oralidade da comunidade Compra Fiado, relacionadas à memória realizadas com os moradores do lugar. O(s) procedimento(s) utilizado(s) priorizam a narrativa de sua história de vida e poderá pessoalmente e individualmente trazer algum desconforto do tipo se expor perante o grupo de participantes falando de suas experiências pessoais. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo de exposição que será reduzido mediante a familiaridade que temos umas com as outras, já que somos da mesma comunidade, Vila Compra Fiado, trabalhamos no mesmo campo de atuação como professoras da rede municipal e partilhamos de experiências comuns ao longo da convivência no mesmo espaço. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu, Francisca Sandra de Sousa, serei responsável pelo encaminhamento à equipe multidisciplinar de apoio pedagógico e psicológico do município, que atende aos professores municipais na Secretaria de Educação que prestará apoio necessário aos participantes do estudo. Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de que cada

participante perceba o quão formador é o ato de narrar a sua história de vida. Enxergando o fortalecimento da identidade pessoal e profissional de sua narrativa e mais tarde o registro das narrativas das participantes possam fomentar o interesse de docentes em contar as suas histórias de vida em suas comunidades e em suas escolas, e em suas ações pedagógicas nas salas de aulas em que atuam.

Todas as informações que a senhora nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. Seus relatos serão confidenciais e seu nome aparecerá nos registros escritos e de imagens no documentário – sua história de vida escrita em registro audiovisual, no texto dissertativo, a não ser que por exigência de você mesma, não queira ser nomeada, e em registros de imagens que possam ser feitos posteriormente, e quando os resultados forem apresentados.

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou desistir após ter iniciado as Cirandas de Saberes.

Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados, pode procurar Francisca Sandra de Sousa, na rua Francisco Gomes de Sá, 59 ou pelo número de telefone (88) 99665 0350. Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1161, 1º andar, Bairro Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1212, ramal 2424, Crato CE.

Se estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

b) TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, a Senhora _____ declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pela pesquisadora, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetida e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Brejo Santo, Ceará, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE D - INSTRUMENTO DE COLETA DAS INFORMAÇÕES DA PESQUISA

Roteiro das Cirandas de Saberes Docentes

PRIMEIRA CIRANDA: **Quem é você?**

OBJETIVO: Conhecer como cada professor(a) da comunidade se reconhece, se identifica e diz quem é, mostrando a relação com a família, escola, trabalho, lembranças e sonhos.

Acolhida literária- Entrega de um cartão de boas-vindas e recepção das docentes com um ambiente aconchegante, música alegre e lanche. Fazer a leitura do livro Uma caixinha de guardar o tempo.

- MEU NOME E QUEM SOU EU? - Toda pessoa tem um nome e todo nome carrega uma história para ser contada. Qual a história que você conta sobre o seu nome e o significado dele? Cada pessoa da ciranda relata o que sabe sobre o seu nome, e quem não souber, vai pesquisar para contar no próximo encontro. E em seguida se apresenta na ciranda falando sobre si.

No centro da ciranda serão dispostos cards com as dimensões que devem ser contempladas na apresentação: IDENTIFICAÇÃO - local e data de nascimento, nome dos pais, avós, irmãos e irmãs; FAMÍLIA - o que sabem sobre origem da família, sobre os avós, sobre como os pais se conheceram e se casaram, qual a atividades deles, o que traz da família para o trabalho atual; ESCOLA - lembranças da escola, o que ela representa, professores marcantes, qual o lugar que a escola ocupa na sua vida de professor(a); JUVENTUDE - onde passou a juventude, como se divertia, o que fazia, se for casado(a), como conheceu o esposo/esposa, como foi o casamento, se tem filhos(as) e quais os nomes delas, como a juventude aparece em sua atividade atual; TRABALHO - que atividades já realizou na trajetória de vida, como as aprendizagens dessas atividades contribuíram para a profissão atual, quais as dificuldades enfrentadas, como está no trabalho hoje;

- SONHOS - quais conquistas almejadas conseguiram realizar e quais os planos para o futuro, o que ainda planejam para a sua formação docente.
- UM BAÚ DE GUARDADOS: O OBJETO DE MEMÓRIA - Mostrar o objeto significativo que guarda, acha importante e escolheu trazer para a ciranda, contar o motivo de sua importância e o que ele representa.

PARA O PRÓXIMO ENCONTRO: Trazer fotografias ou imagens ou outros objetos que representam momentos importantes das suas vidas: um deve representar a infância, outro, deve representar o seu tempo presente e outros três, devem representar acontecimentos marcantes que ficaram entre a infância e o momento atual.

SEGUNDA CIRANDA: A travessia - meu tempo, minha vida e minha formação.

OBJETIVO: Identificar e refletir sobre a relevância que a profissão e formação docente ocupa nas etapas de vida destacadas e narradas nas linhas do tempo.

Acolhida literária - Retomar as narrativas sobre o nome e quem cada uma diz que é da primeira ciranda, apresentando os versos de cordel escritos a partir da experiência de falar sobre si, um deleite de leitura (quem conseguiu fazer).

- NA TRILHA DO TEMPO - Montar uma linha do tempo, demarcados com datas ou fases da vida, com as fotografias/imagens ou outros objetos que representam momentos importantes da vida, numa linha do tempo que tem dois pontos fixos - o primeiro, a infância, que ficará no início cronológico da linha do tempo e, o último, o seu momento presente, e os demais devem representar outros acontecimentos da trajetória de vida, indicando os fatos marcantes desde o seu nascimento até os dias de hoje.
- A TRAVESSIA - Relatar e socializar os acontecimentos representados na linha do tempo e identificar como e quando aparece nela e na trajetória de vida, a formação como professora.

TERCEIRA CIRANDA: Da vida para a trajetória docente

OBJETIVO: (Res)Significar a identidade docente e refletir sobre os saberes de cada fase da vida que traz para a formação docente e atuação em sala de aula.

Acolhida literária - Tecendo história, fazer a leitura compartilhada do texto O guardador de lembranças, escrito pela mediadora das oficinas, a partir das narrativas dos guardados do báu e linhas do tempo das cirandas anteriores por cada cirandeira.

- QUANDO ME ASSUMI PROFESSORA? - Dos caminhos que te levaram a ser professora, dos desafios enfrentados, do percurso construído até a sala de aula, quando você se percebeu como professora? Em que momento da vida se assumiu como professora?
- DO COTIDIANO PARA A DOCÊNCIA - De cada fase da vida narrada até aqui: as brincadeiras da infância, as experiências da juventude e vida adulta, do cotidiano vivenciado na zona rural, da escola em que você frequentou, onde está esse cotidiano,

na sala de aula em que você atua, nas aulas que você prepara? Em que momentos aparece esse cotidiano na sua formação docente?

QUARTA CIRANDA: **Contando o que aprendi com as cirandas**

OBJETIVO: Socializar o que aprendeu nas cirandas ao falar sobre si, escutar o outro e refletir sobre o que aprendeu com o grupo e com a participação em todas as cirandas dos saberes.

Acolhida literária - A travessia pela vida tem a cor que a gente pinta: Caminhar por uma trilha formada por imagens coloridas e em preto e branco, trazidas pelas cirandeiras ao longo das cirandas e, ouvir a história “*De que cor é o vento?*”, de Anne Herbauts, tradução de Ana Maria Machado, lida pela mediadora das cirandas.

- O EU - Como se sentiu ao falar sobre si nas cirandas? Sobre o que foi mais fácil e/ou mais difícil falar? O que foi mais significativo nos momentos que falou sobre sua vida? Para você, pessoalmente, qual a importância de participar dos encontros? E para a sua formação docente, o que você leva da participação nas cirandas dos saberes?
- O EU E O OUTRO - Como se sentiu ao ouvir o outro falar sobre si nas cirandas? O que foi mais significativo ao ouvir o outro falar sobre a vida dele? O que pode levar da escuta do outro para a sua vida pessoal e para a sua formação docente? O que você aprendeu ouvindo a narrativa do(a) outro(a)?

Pensando na trajetória de vida que narra sobre si e na escuta sobre a trajetória de vida narrada pelo outro, quais são os momentos que as histórias mais se entrelaçaram? O que levam dos encontros, o que fica em vocês e na atuação como professoras, o que levam daqui para o projeto de vida futura? Que saberes levam das cirandas para a vida pessoal e profissional?

Lanche compartilhado e entrega do mimo para as cirandeiras.

Considerações pessoais da mediadora e agradecimentos pelas partilhas das histórias de vida.

APÊNDICE E - NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DAS PROFESSORAS CIRANDEIRAS TRANSFORMADAS EM BIOGRAFIAS EM LITERATURA DE CORDEL

Cordelário de Narrativas Docentes

Por Sandra Sousa

Misturando verso e rima
Nasceu esse cordelário.
Acrescentando também,
Palavras do abecedário.
Tecido por professoras,
Ante seu educandário.

Professoras como eu
Contaram-me suas vidas.
Em cordel as escrevi
Com palavras comovidas.
Vou narrar suas histórias,
Trajetórias transcorridas.

Peço licença a vocês
Pra falar da minha essência
E depois acrescentar
Histórias de resistência
Do lugar onde cresci
Narrativas de docência.

Minha história começou
Do outro lado da Chapada
Na cidade de Ipubi
Fui com a vida abençoada
Depois vim pro Ceará
E firmei minha morada.

No Pernambuco nasci,
No Ceará vim morar,
Viver no Comprá Fiado
Fez minha vida mudar.
Lá eu muito aprendi,
Isso sei valorizar.

Francisca Sandra de Sousa
Assim eu fui nomeada
Pai e avô se juntaram
A proteção invocada
Na vida sou protetora
Das causas que me são dadas.

O meu pai agricultor
E a minha mãe também
A família de seis filhos
Ensinar sempre o bem
Sempre nos incentivando
A estudar como ninguém.

Convivem com mãe e pai
Três irmãos deficientes
Outros dois já se formaram
Tomam rumos diferentes
Um vai ser policial
E a outra formar mentes.

Escolhi ser professora
A vida assim me formou
Fui pra universidade
Pedagoga hoje sou
Mulher, mãe, educadora
A vida me abençoou.

Professora me tornei
Essa é minha profissão.
Convivi com muita gente,
Finquei raiz neste chão.
Ensinando e aprendendo.
Sigo a vida em formação.

Viver coletividade
Crescer na zona rural
Ajudar meu pai na roça
Experiência sem igual
Trouxe pra mim resistência
O sentido de plural.

Na minha comunidade
Tem um coração pulsando
Território de encontro
Que vive o povo chamando
São uns pés de jatobás
A tudo testemunhando.

Eles são palco para tudo
que acontece na vila
Estavam abandonados
Vida que segue tranquila
Até vir a pandemia
E abrir nossa pupila.

Os idosos convocaram
Mostraram preocupação
Toda coletividade
Tudo feito em mutirão
Estava silenciado
Adeus aglomeração.

Mexeram com a juventude
Vamos, vamos nos juntar!
Mostrar para todo mundo
O que temos pra contar
E assim reacendeu
A tradição do lugar.

Um projeto começou
A registrar a memória
Retomar atividades
Valorizar sua história
A pandemia cedeu
Ao coletivo a vitória.

Veio a casinha de livro
Aqui já nasceu pesquisa
Sobre a oralidade
A trajetória precisa
A vida e o dia-a-dia
O que a memória frisa.

E assim surgiu também
As cirandas com as docentes
Ouvir suas narrativas
Suas trajetórias crescentes
Rumo á sala de aula
E as histórias presentes.

Professoras cirandeiras
Assim elas são chamadas
Nos encontros de escuta
Das narrativas contadas
Ouvindo seis professoras
Travessias partilhadas.

Os encontros cirandeiros
Foram rodas de conversas
Cada uma com um tema
Seis professoras imersas
Em narrarem suas vidas
Expectativas diversas.

Comecei nossas cirandas
Com uma história trivial
D'uma caixa que guardava
Um tempo em especial
O melhor de uma vida
Narrativa sem igual.

Nessas cirandas docentes
Histórias a partilhar
Com ouvidos generosos
A narrar e escutar
Compartilhando a vida
Tudo a se entrelaçar.

Na Vila Compra Fiado
Escolhemos cirandar
Um território comum
A travessia a contar
O que trazem pra docência
As professoras do lugar.

Bem aos pés de jatobás
Dois dos encontros se deram
Um foi na biblioteca
Espaço que consideram
E o outro na escola
As professoras quiseram.

Nas temáticas dos encontros
Ouvir e contar as vidas
Na dimensão do falar
Sobre si absorvidas
Mas também de escutar
As trajetórias vividas.

Na dimensão temporal
O que lhes afetou narraram
Do presente ao seu passado
o que ressignificaram
As lembranças de suas vidas
Tudo o que as formaram.

Falaram sobre quem são
No tempo fizeram linha
Repensaram o vivido
Na memória ia e vinha
Surpreenderam-se em lembranças
Que no narrar sobrevinha.

Eu que sou da Matemática,
veja o que eu descobri.
Escolhi seis professoras,
para apresentar aqui.
Elas são as cirandeiras
nas narrativas que ouvi.

Seis é um número perfeito.
O primeiro natural.
Se somar os seus fatores
Ou multiplicar igual.
Multiplicação ou soma,
Dá sempre seis é normal.

Yany e Veridiane.
Sonia, Silvana e Tatá,
Ilza como a professora
Que afilhados tem pra dá
Por ser uma referência
Dizem lá e eu conto cá.

Madrinha Ilza e Tatá
Hoje são aposentadas
em muito contribuíram
têm profissões encerradas
E agora se dedicam
As coisas apreciadas.

Ilza nos surpreendeu
com sonho nunca contado
Policia! sempre quis ser
Ser freira foi cogitado
Para a roça a preferência
Foi um ato respeitado.

Inesperado convite
Um dia apareceu,
Pra ser uma professora.
Da timidez se valeu.
Até que foi convencida,
A vencer o medo seu.

E nos caminhos da escola
Brincava com as crianças
Se divertia e ensinava
Carrega em suas lembranças
Narrou carinho e saudade
Da escola e das andanças.

Tatá guarda um candeeiro
que ganhou na formatura
Atribuindo-lhe a luz
Em toda a sua candura
Que vem sempre abençoando
O caminho que procura.

Professora Veridiane
Família pra ela reluz
Vive com intensidade
Toda a força que a traduz
As pessoas ao encontro
Sempre agrega e conduz.

A bandeira da inclusão
É por ela levantada.
A da leitura também
Sempre foi valorizada.
Tem na mãe e em Maria
A mulher representada.

Sonia não tinha na vida
Caminho certo a seguir.
Seus irmãos se reuniram,
Mostraram aonde ir,
Descobriu que nunca é tarde,
Pra sonhar sem desistir.

Professora veio a ser.
Nunca havia nem pensado!
Foi bem desafiador.
Escolheu, foi carimbado!
E logo cresceu em si,
Um “love” professorado.

Língua inglesa a fisgou.
Seguiu firme a profissão.
Hoje é alguém na vida.
Agarrou como missão.
Ensina inglês por amor.
E tem muita gratidão.

Silvana é uma grande mãe
E também pura alegria
Pode tudo acontecer
Seja noite ou seja dia
Sabe bem como expressar
Sua luta com alegria.

Narrou com muita clareza
A luta pela formação
Queria ser professora
Almejou a profissão
Venceu as dificuldades
E conquistou com emoção.

Iany o bacharelado
Conquistou com vibração
Foi chamada na escola
Era substituição
De lá nunca mais saiu
Viva a educação!

É alfabetizadora
Ensina a ver o mundo
Pois sem ler não se enxerga
É um abismo profundo
A leitura propicia
A magia em um segundo.

Num encontro cirandeiro
Pra contar suas trajetórias
Veio Mara e Juliana
Contar as suas histórias
rumo a profissão docente
Trouxeram suas memórias.

Contaram que a docência
Foi quem as duas escolheu
Hoje são as professoras
E a profissão acolheu
Cada uma de seu jeito
Suas vidas preencheu.

Cada ciranda me trouxe
Mais do que conhecimento
Toda história que ouvi
Signifiquei a contento
Com cada uma aprendi
Me trouxe empoderamento.

As cirandas de saberes
Alertaram nossa escuta
Para histórias de mulheres
De docentes e de luta
Em busca da formação
Mesmo com tanta labuta.

ANEXOS

ANEXO I - HISTÓRIA USADA NA ACOLHIDA LITERÁRIA DA PRIMEIRA CIRANDA DE SABERES DOCENTES

Caixinha de guardar o tempo

Escrito por Alessandra Roscoe
Ilustrado por Alexandre Rampazo

Figura 16 – Capa do livro

Fonte: Google imagens (2024)

Sofia não sabia muito sobre o tempo, e ainda menos sobre a falta que o tempo fazia. Tinha todo o tempo do mundo para correr, brincar e ver tudo o que via, fazer o que queria, bordando sua infância, sua colcha de alegria.

Entendi sim, e bastante, sobre uma tal saudade que é do tempo, também uma fantasia. Sabia que a saudade às vezes doía. Era assim, uma vontade que, no peito não cabia. De ver alguém que não podia ou de fazer algo que ela já não mais fazia.

Para dar conta de tanta saudade da saudade que sentia das coisas que nem sabia. A menina inventou então uma caixinha de guardar o tempo. O tempo que ela melhor vivia. Sem querer descobriu a memória, que podia pescar qualquer tempo. E plantar na lembrança tudo o que ela queria.

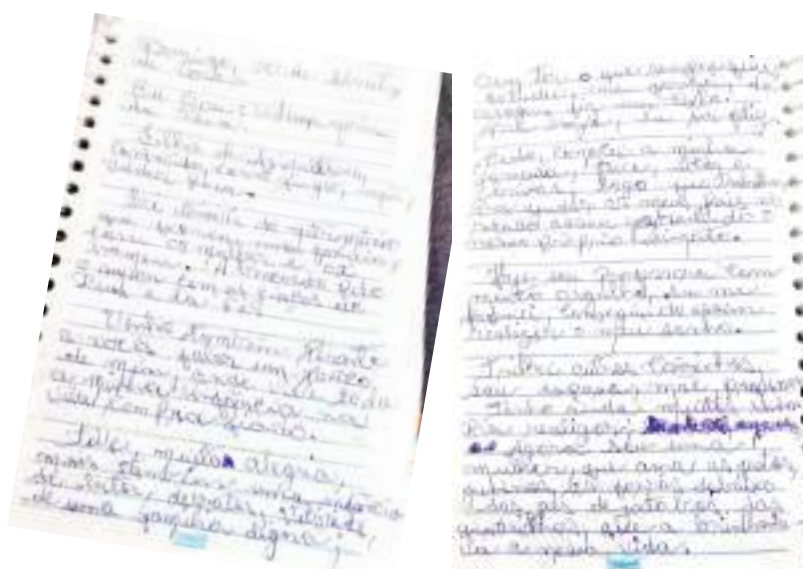
Na caixinha, ela colocava, a folha da árvore que caia, a gota da chuva que chovia, o medo que ela escondia, os bilhetes que ela escrevia, os desenhos que ela fazia, Um tempo que

ela sabia que não perdia, a imensidão dos sentimentos que ela vivia e a história da vida que ela tecia.

Sofia guardou o tempo. Que passou também para ela. Agora, depois dos filhos. Netos. Bisnetos. Muitas coisas ela já sabia e outras ainda aprendia.

Na caixinha de guardar o tempo, Sofia juntou poesia e fotografia com as flores que ela sempre colhia, com os sonhos que ela nunca adormecia. E tudo o que ela sentia era uma imensa alegria de ter guardado com carinho. Ali, naquela caixa. O melhor de cada.

ANEXO II – POEMA DA PROFESSORA CIRANDEIRA SILVANA



Fonte: A autora (2023)

ANEXO III - POEMA DA FILHA SOPHIA PARA A MÃE PESQUISADORA

Figura 17: Poema para o dia das mães



Fonte: A autora (2023)

ANEXO IV - HISTÓRIA USADA NA ACOLHIDA LITERÁRIA DA QUARTA CIRANDA DE SABERES DOCENTES

De que cor é o vento?

Escrito por Anne Herbautts
Traduzido por Ana Maria Machado

Figura 18 – Capa do livro



Fonte: Google imagens (2024)

A gente não vê o vento só ouve o que ele faz, a gente não ouve o vento, só vê o que ele traz.

-De que cor é o vento? - pergunta o gigantinho.

O gigantinho sai bem cedo, vai e vem, vai à procura do vento e da cor que o vento tem.

Encontra um cachorro e pergunta a ele:

- De que cor é vento?

-É todo colorido, rosa, branco, bem florido.

-Nada disso! - disse o lobo.

-Tem o cheiro puro do bosque escuro!

E quando encontra um elefante, pergunta a ele o pequeno gigante.

-De que cor é o vento?

-É frio e cinzento, lisinho e arredondado como num rio um cascalho. Um seixo rolado

-Que nada. É azul! - Assopra a montanha.

O pequeno gigante atravessa a aldeia e pergunta:

-De que cor é o vento?

-Da cor das cortinas, dos lençóis bem lavados, dos tecidos estampados.

-Nada disso - disse a janela. -O vento tem a cor do tempo que passa e some feito fumaça.

Afinal, pergunta ao gigantinho para a chuva. A chuva que cai num dia cinzento.

-De que cor é o vento?

Mas a chuva não sabe. Então as abelhas sussurram:

- O vento é da cor do sol.

E quando passa e ver o riacho pergunta:

-De que cor é o vento?

- Da cor do céu na água, eu acho.

-Água, água, água...

Sentado embaixo da árvore o gigantinho pergunta:

- De que cor é o vento?

- Ah o vento é uma cor doce açucarada - Responde a macieira.

-Não, não ele não sabe o que diz! Cor de seiva e de cereja - murmura a raiz.

Ele pede uma maçã e dá uma mordida.

-De que cor é o vento?

-É vermelho - diz a maçã e ele já comeu tudinho.

Então pergunta ao passarinho:

-De que cor é...? - mais o passarinho bateu asas e já voou.

O gigantinho encontra então alguém bem grandalhão e pergunta:

-De que cor é o vento?

E o gigante grandão repete em um gesto lento:

-A cor do vento? É tudo de uma só vez como este livro que alguém fez.

Segura o livro e com o polegar na beirada deixa correr as páginas. O gigantinho sente então a doçura do vento. Um ar suave na mão. Um ventinho à toa.

Uma brisa boa que é o vento do livro.

ANEXO V– HISTÓRIA LIDA PELA PROFESSORA CIRANDEIRA SONIA EM SEU GUARDADO DE MEMÓRIA – O CADERNO

Era uma vez, um pássaro adornado com um par de asas perfeitas e plumas reluzentes, coloridas e maravilhosas, enfim, um animal para voar livre e solto do céu, alegrar quem o observasse. Um dia uma mulher viu este pássaro e se apaixonou por ele. Ficou olhando o seu vôo com a boca aberta de espanto, o coração batendo mais rápido, os olhos brilhando de emoção, convidou para voar com ela e os dois viajaram pelo céu em completa harmonia. Ela admirava e venerava, celebrava o pássaro, mas então pensou, talvez ele queira conhecer algumas montanhas distantes. E a mulher sentia medo. Com medo de nunca mais sentir aquilo com outro pássaro e sentiu inveja da capacidade de voar do pássaro. E sentiu-se sozinha e pensou, vou montar uma armadilha. A próxima vez que esse pássaro surgir, ele não mais, não mais partirá.

O pássaro, que também estava apaixonado, voltou no dia seguinte, caiu na armadilha e foi preso na gaiola. Todos os dias ela olhava o pássaro. Ali estava o objeto de sua paixão e ela mostrava para suas amigas que comentavam, mas você é uma pessoa que tem tudo. Entretanto, uma estranha transformação começou a processar. Como tenho pássaro e já não, não precisava conquistá-lo, foi perdendo o interesse. O pássaro sem poder voar e exprimir o sentido de sua vida, foi definhando, perdendo o brilho, ficou feio e a mulher já não prestava, já não prestava mais atenção nele. Apenas na maneira como o alimentava e como cuidava de sua gaiola.

Um belo dia, o pássaro morreu. Ela ficou profundamente triste e vivia pensando nele, mas não se lembrava da gaiola, recordava. Apenas do dia em que o vira pela primeira vez, voando contente entre as nuvens. Se ela observasse a si mesmo, descobriria que aquilo que a emocionava tanto, no pássaro era a sua liberdade, a energia das asas em movimento, não seu corpo físico. Sem o pássaro, sua vida também perdeu o sentido e a morte veio bater à sua porta. Por que você veio? Perguntou a morte. Para que você possa voar de novo com ele nos céus, respondeu a morte. Se o tivesse deixado partir e voltar sempre, você o amaria. Eu admirava ainda mais. Entretanto, agora você precisa de mim para poder encontrá-lo de novo.

Extraído do livro 11 minutos, Paulo Coelho.

ANEXO IV (na página a seguir) – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Narramos o que somos: histórias de vida, saberes docentes e formação de professoras da Vila Compra Fiado, Brejo Santo-Ceará

Pesquisador: Francisca Sandra de Sousa

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 73462623.5.0000.5055

Instituição Proponente: Universidade Regional do Cariri - URCA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.316.840

Apresentação do Projeto:

Em Narramos o que somos: histórias de vida, saberes docentes e formação de professoras da Vila Compra Fiado, Brejo Santo-Ceará, o objeto de estudo são os saberes docentes evidenciados nas histórias de vida de professoras que contribuem para a sua formação e busca compreender o processo de formação a partir de seus relatos autobiográficos, considerando os saberes adquiridos em sua trajetória de vida na zona rural. Uma pesquisa do tipo qualitativa que promove a escuta de relatos (auto)biográficos recolhidos de professoras a partir da sua participação em encontros denominados de Cirandas de Saberes, planejados para promover a partilha de histórias de vida que embasarão a escrita de biografias educativas, a análise de dados e a produção e criação de um documentário de narrativas, contando as trajetórias docentes das professoras cirandeiras. Delory-Momberger (2006), Tardif (2014), Freire (1967), Josso (2013), Passegi (2011), Matias e Finger (2014), Freire (2019), Alves, Freitas e Martins (2021) serão referencial para guiar as reflexões desta pesquisa que servirá de fonte para outros estudos de histórias de vida de professoras.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Compreender a formação docente a partir de histórias de vida de professoras da Vila Compra Fiado, considerando os saberes docentes adquiridos em sua trajetória.

Objetivo Secundário: Entender as os saberes e vivências relatados nas histórias de vida e as

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1161

Bairro: Pimenta

CEP: 63.105-000

UF: CE

Município: CRATO

Telefone: (88)3102-1212

Fax: (88)3102-1291

E-mail: cep@urca.br

possíveis relações com o processo de formação docente, a construção da identidade pessoal e profissional das professoras; identificar os saberes e experiências do cotidiano das professoras da comunidade rural que foram significativas em seu percurso formativo para a docência a partir de suas narrativas; criar e produzir um documentário com as histórias de vida das professoras da comunidade rural Compra Fiado na perspectiva da escuta, registro e socialização das narrativas de cada professora cirandeira, a ser usado como mediação em processos formativos de professores, em outras pesquisas e para a compreensão da trajetória pessoal e profissional de professores.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O(s) procedimento(s) utilizado(s) priorizam a narrativa de sua história de vida e poderá pessoalmente e individualmente trazer algum desconforto do tipo se expor perante o grupo de participantes falando de suas experiências pessoais. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo de exposição que será reduzido mediante a familiaridade que temos umas com as outras, já que somos da mesma comunidade, Vila Compra Fiado, trabalhamos no mesmo campo de atuação como professoras da rede municipal e partilhamos de experiências comuns ao longo da convivência no mesmo espaço. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu, Francisca Sandra de Sousa, serei responsável pelo encaminhamento à equipe multidisciplinar de apoio pedagógico e psicológico do município, que atende aos professores municipais na Secretaria de Educação que prestará apoio necessário aos participantes do estudo.

Benefícios:

Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de que cada participante perceba o quão formador é o ato de narrar a sua história de vida. Enxergando o fortalecimento da identidade pessoal e profissional de sua narrativa e mais tarde o registro das narrativas das participantes possam fomentar o interesse de docentes em contar as suas histórias de vida em suas comunidades e em suas escolas, e em suas ações pedagógicas nas salas de aulas em que atuam.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de dissertação relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1) Folha de rosto apresentada e adequada.
- 2) Orçamento apresentado e adequado.

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1161

Bairro: Pimenta

CEP: 63.105-000

UF: CE

Município: CRATO

Telefone: (88)3102-1212

Fax: (88)3102-1291

E-mail: cep@urca.br

UNIVERSIDADE REGIONAL DO
CARIRI - URCA



Continuação do Parecer: 6.316.840

- 3) Cronograma corrigido apresentado e adequado.
- 4) Instrumento de geração de dados nas cirandas apresentado e adequado.
- 5) Declaração de compromisso apresentada e adequada.
- 6) TCLE, com inclusão dos termos de autorização de uso de imagem e voz dos participantes, corrigido apresentado e adequado.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora dirimiu todas as pendências identificadas em pareceres anteriores. O relatório final da pesquisa deverá ser enviado ao CEP/URCA, conforme artigo 28 da Resolução 510/2016.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2116872.pdf	06/09/2023 12:55:44		Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoCompromisso.pdf	06/09/2023 12:53:09	Francisca Sandra de Sousa	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	RecursoAnexado.pdf	06/09/2023 12:20:01	Francisca Sandra de Sousa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado.pdf	06/09/2023 12:17:59	Francisca Sandra de Sousa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMOS.pdf	06/09/2023 12:17:12	Francisca Sandra de Sousa	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	05/09/2023 10:04:36	Francisca Sandra de Sousa	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	05/09/2023 09:58:53	Francisca Sandra de Sousa	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	30/05/2023 15:41:48	Francisca Sandra de Sousa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1161

Bairro: Pimenta

CEP: 63.105-000

UF: CE

Município: CRATO

Telefone: (88)3102-1212

Fax: (88)3102-1291

E-mail: cep@urca.br

UNIVERSIDADE REGIONAL DO
CARIRI - URCA



Continuação do Parecer: 6.316.840

Não

CRATO, 21 de Setembro de 2023

Assinado por:
CRISTIANE RODRIGUES VIEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1161

Bairro: Pimenta

CEP: 63.105-000

UF: CE

Município: CRATO

Telefone: (88)3102-1212

Fax: (88)3102-1291

E-mail: cep@urca.br